

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA SALESIANA

SEDE QUITO

CARRERA: ANTROPOLOGIA APLICADA

Tesis previa a la obtención del título de: Licenciada en Antropología Aplicada

Título:

O artesanato como resposta insurgente: representações, discursos e práticas dos artesãos de
rua de Piripiri

Autora:

Sheila Maria Leite Sales

Director:

Luis Herrera Montero

Quito, agosto 2011

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA SALESIANA
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANAS Y DE LA EDUCACIÓN

CARRERA: ANTROPOLOGIA APLICADA

TESIS PREVIA A LA OBTENCIÓN DEL TÍTULO DE LICENCIADA EM
ANTROPOLOGIA APLICADA

TEMA

O ARTESANATO COMO RESPOSTA INSURGENTE: REPRESENTAÇÕES,
DISCURSOS E PRÁTICAS DOS ARTESÃOS DE RUA DE PIRIPIRI

AUTORA

SHEILA MARIA LEITE SALES

DIRECTOR:

LUIS HERRERA MONTERO

QUITO, AGOSTO 2011

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA SALESIANA
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANAS Y DE LA EDUCACIÓN

CARRERA: ANTROPOLOGIA APLICADA

O ARTESANATO COMO RESPOSTA INSURGENTE: REPRESENTAÇÕES,
DISCURSOS E PRÁTICAS DOS ARTESÃOS DE RUA.

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais e Humanas – Quito- Ecuador,
como exigência parcial para obtenção em
antropologia aplicada.

Diretor: Luis Herrera Montero

AUTORA

Sheila Maria Leite Sales

Diretor

Luis Herrera Montero

A Sergio Tonetto (*in memoriam*)

RESUMO

As contribuições teóricas antropológicas remetem ao aprofundamento acerca da realidade tendo a cultura como elemento de mudança frente ao atual poder hegemônico que fomenta a exclusão. A presente tese de natureza etnográfica objetiva salvaguardar valores ligados aos artesãos de rua de Piripiri em contestação a sociedade capitalista. Por este motivo, mostra o artesanato informal como resposta insurgente a economia de mercado. Nesse sentido visa analisar a forma de comunicação simbólica do grupo étnico em questão a partir de representações, discursos e práticas. A análise do fenômeno em questão teve como componente aliado o estudo comparativo, com o intuito de explicar de que maneira se organiza a citada categoria e como esta difere em sua cultura dos demais grupos humanos. Para caracterização de teor investigativo se fez necessário aplicar os conhecimentos adquiridos no trabalho de campo através da participação observante, que implicou em: visitas aos espaços ocupados pelos atores, registro das informações ao passo que o processo de aproximação ia se intensificando, o bate-papo ao invés da entrevista, pesquisa bibliográfica, sistematização, interpretação de dados e conclusão. Todos estes elementos integraram fundamentalmente as técnicas facilitadoras de desempenho em face de uma leitura mais promissora diante da fronteira entre mundos distintos. A investigação, sem dúvida, foi imprescindível no que diz respeito à natureza interpretativa, por meio desta, constatou-se possibilidades significativas em torno problema.

ABSTRACT

The theoretical anthropological theories contributions remit to the deepening about reality considering culture as element of change in opposition to the current hegemonic power that foment the exclusion. These ethnographic thesis has objective to safeguard values linked to the street's artisans from Piripiri contesting the capitalist society. For this reason, shows informal craftsmanship as rebel answer to the market economy. This way aim to analyze the way of symbolic communication of the ethnic group in discussion since its representation, speeches and practices. The analysis of the phenomenon in discussion had as allied component comparative study with propose to explain the way of organization of the cited category and how it disagree in its culture of other human groups. To characterization of investigative tenor it was necessary to apply obtained knowledges in field's work through the participative observant, that implicated in: visits to the occupied spaces by the actors, registre of informations a time that the process of approximation invigorated, an informal chat instead of an interview bibliographic research, systematization, those elements fundamentally form the techniques that facilitate the performance in face of a promise reading in front of the frontier among different words. The investigation, without doubt, was vital to the interpretative nature, through that discovered significative possibilities around the problem.

INDICE

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - MARCO METODOLÓGICO	10
1.1 Categorias de análise	10
1.2 Técnicas de investigação	15
CAPÍTULO 2 - CONTEXTO	20
2.1 Piripiri	20
2.2 Artesanato em Piripiri	28
2.3 A praça: Por que lugar dos artesãos	33
CAPÍTULO 3 - COMO ESTÃO CONFORMADOS	42
3.1 Percepções e saber	46
3.2 Percepções e emoções	52
CAPÍTULO 4 - CLASSIFICAÇÃO DOS ARTESÃOS	61
4.1 Conforme o gênero	62
4.2 Conforme a idade	71
CAPÍTULO 5 - COMUNICAÇÃO E SIMBOLOGIA	77
5.1 Representações simbólicas	78
5.2 Uma figura exemplar	86
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

As mudanças culturais são transformações passíveis de serem analisadas pela ótica da razão, mas também do pensamento criativo onde perpassa a emoção. Baseado nisso, é que o foco deste trabalho está voltado para a cultura itinerante. A presente abordagem tem como objetivo, identificar o artesanato como resposta de organização do grupo social dos artesãos de rua de Piripiri – frente a exclusão social. Além do mais, leva-se em consideração a categoria “comunidade” própria do grupo citado, o conceito não tem a ver com o tipo de definição estática, mas dinâmica, sentido que evoca uma concepção de território para além dos limites fixos. Neste contexto assinalado o olhar incide sobre as atividades manifestas e ocultas na perspectiva cultural e artística do grupo específico, como força identitária dando ênfase ao artesanato como economia informal.

O primeiro capítulo aborda aspectos metodológicos fundamentados na metodologia de reconstrução da análise social. A contribuição dos teóricos selecionados remete a uma visão que favorece o reconhecimento acerca do conceito de etnografia voltada para o caráter não meramente descritivo e analítico acerca dos cenários que a antropologia tem como desafio. A opção foi por trabalhar a objetividade científica, mas também com as subjetividades dos atores na dimensão da construção de sentidos, ou seja, como estes lidam com o simbólico. Para Rosaldo (2000 p.39) “El etnógrafo como sujeito posicionado, comprende ciertos fenómenos humanos mejor que otros. El o olha o ocupa una posición estructural, y observa com una perspectiva específica”. Com base nisso, abre-se possibilidades significativas diante do que se pretende em termo qualitativo. A natureza investigativa abrange as manifestações culturais numa relação que joga o visível e o não-visível. Conforme Patricio Guerrero (2002, p. 16) Devemos empenhar a mirar a la antropología como ciencia del sentido, que trata de encontrar y comprender la diversidad de significados y significaciones de la acción social. Ao se partir deste princípio, torna-se compreensível a trilha escolhida para enfrentamento do estudo do fenômeno em questão como análise da realidade social. Deste ponto de vista, comporta a valorização da percepção intuitiva como alternativa a um dos aspectos mais relevantes para a antropologia contemporânea. Sobre as técnicas propriamente ditas, vale considerar a dinâmica em relação ao sujeito que investiga e o grupo social para qual se volta à investigação. Segundo Guber (2004.p. 141) [...] el investigador se dirige em constante ida y vuelta, de la muestra de oportunidad a la evaluada, y viceversa. Em detrimento disso, é que

a caráter metodológico desta obra contemplou uma lógica diferenciada no sentido de um posicionamento atento frente ao formal e o informal, ao planejamento e o improvisado em razão do modelo de organização social do grupo.

O segundo capítulo trata do contexto histórico e geográfico no qual estão inseridos os artesãos de rua de Piripiri, tendo em vista como estes estão modelados culturalmente a partir de uma vida urbana distinta. Porém, de forma questionadora quanto à literatura dominante, que exclui a população nativa local em detrimento do segmento social colonizador. Numa atitude combativa o intuito é desmistificar a dimensão teórico-metodológica das obras de abordagem simplista, cheia de arestas. A pretensão é teorizar em favor dos artesãos que trabalham produzindo o artesanato de raiz.

O terceiro capítulo versa sobre a configuração do grupo específico. Por isso, uma ênfase é dada às circunstâncias históricas que condicionou os integrantes a uma desterritorialização. A análise perpassa temática da etnicidade permeando distintos enfoques: primordialista, instrumentalista e construtivista. Tudo como maneira de compreender de forma crítica o fenômeno, e ao mesmo tempo valorizar as percepções, saberes e emoções dos atores itinerantes. Também, como estes manejam as relações sociais no cotidiano.

O quarto capítulo relata os sistemas de classificação dos artesãos. Nesse sentido se faz referência aos desdobramentos dos estudos antropológicos. A fundamentação deste trabalho contempla reflexões críticas às teorias universalistas. Por esta razão, teoriza-se em direção à questão de gênero. A classificação, por exemplo, se distingue do modelo patriarcal, mulheres e homens enfrentam desafios quase no mesmo patamar. A falta de interesse em copiar formas estereotipadas de poder faz com que se mantenham mais nivelados no requisito da idade, sendo menos hierarquizada a organização abre um precedente positivo no campo da educação que acontece na rua, propiciando mentes mais livres.

O quinto capítulo fala sobre comunicação simbólica e, para tanto, foram selecionados alguns símbolos de vertente não-ocidental como: a folha da maconha, a flor de lótus, o Tao (yin-yang) o filtro dos sonhos, o grão de arroz, o cristal, o sol e a lua. Todos estes se encontram no plano da busca do sentido, ressignificação e preservação da identidade num contexto social ameaçado pelas intervenções do mercado global.

CAPÍTULO I

MARCO METODOLÓGICO

Evidentemente, que para a introdução deste capítulo não poderia deixar de fazer considerações acerca das leituras antropológicas que favoreceram a construção do corpo teórico do presente trabalho. A dedicação ao tema desta investigação científica esteve em parte motivada pelas contribuições do Prof. Ricardo Carrilo. Quanto à opção pelos teóricos como Renato Rosaldo e Patricio Guerrero tem a ver com a questão de identificação, seguramente estes foram os de interesse pessoal da autora desta tese. Com o decorrer da pesquisa de campo e elaboração propriamente dita do Trabalho de Conclusão de Curso foi acatado os pressupostos de Rosana Guber como sugestão do orientador de tese, mas até então não existia nesse sentido uma afinidade de pensamento com a citada antropóloga, que surgiu como proposta mais recente no curso. Sem dúvida, uma obra interessante. Apenas, ocorreu que em termo de acesso foi um pouco tarde no sentido de internalização do campo conceitual delineado enquanto particularidade da autora selecionada. Os dois primeiros teóricos somaram mais pela influência nas discussões nos presenciais. Depois, conhecer pessoalmente o autor da obra como no caso de P. Guerrero. É incomparável. Sobretudo quando se trata de uma relação que converge numa empatia. No que diz respeito à Guber provavelmente o diferencial se encontra num perfil mais analítico (a reflexividade). Claro, que esta argumentação é passível de contestação.

1.1 Categorias de análises

A elaboração do marco metodológico da presente investigação está apoiada nos pressupostos de Rosana Guber, Patricio Guerrero e Renato Rosaldo. As categorias de análise que constituem a base deste trabalho são as seguintes: espacialidade, temporalidade e sentido. A opção por selecionar as citadas vertentes está ligada a proposta metodológica de transformação social em face do problema de investigação que tem a realidade como ponto de partida.

A sistematização dos dados abrange a organização específica nos aspectos de ordem social, política e econômica, mas com um foco voltado para as dimensões simbólicas. Sem

dúvida, a realidade se constituiu o ponto de partida, mas a teoria fundamentada nos mencionados pressuposto contribuíram para inspiração do tema: O artesanato como resposta insurgente: representações, discursos e práticas dos artesãos de rua. Portanto em sintonia com os valores da nova antropologia, como tentativa de superação dos condicionamentos da objetividade. Não se trata de ter uma visão romântica ou sentimentalista, mas de um olhar mais profundo capaz de proporcionar a desmistificação de ideologias preconizadas como critério de verdade.

As implicações etnográficas deste estudo estão fundamentadas nas conceitualizações teóricas dos citados autores tendo como base o enfoque holístico e comparativo. Exatamente, porque, em termo de metodologia tem contribuído para análise da realidade social local no que tange a especificidade concreta, bem como refletir sobre a função política que tem a cultura do segmento social selecionado para esta investigação antropológica.

O esforço realizado até aqui para concretização desta etnografia é em razão de que fosse mantida a coerência a respeito dos artesãos de ruas como sujeitos sociais concretos, quanto ao que prevalecesse o eco de suas próprias vozes. O enfrentamento da questão perpassa o fazer artístico dos mesmos e os seus processos, sua dinâmica. O artesanato enquanto elemento material ou como parte do mundo físico se articula aos demais componentes de sentido, integra o mundo simbólico da categoria, e isto não pode ser deixado à margem da interpretação do problema selecionado, pois do contrário a produção teórica-metodológica seria vazia.

A espacialidade. A presente categoria abre possibilidades de discussão sobre a perspectiva geográfica. O que remete a seguinte pergunta: Qual seria o ponto de partida? Não há dúvidas de que a questão pode ser respondida por diferentes ângulos. A chave de leitura perpassa o âmbito da estratégia conceitual no que tange a cultura. Não se trata de um aspecto, de um conceito sintético, conforme tem postulado a literatura tradicional. Ao se ter claro isso, fica fácil entender que a opção deste estudo se volta para a leitura holística, pois parte de uma análise comparativa e integrada. A perspectiva geográfica da Terra, por exemplo, não fica incólume a dimensão das manifestações culturais, espaço que comporta a antropologia, bem como as categorias ecológicas (meio ambiente), espaço onde acontecem as manifestações observáveis.

O conjunto dos componentes supracitados tem tudo a ver com o intuito de uma aproximação dos sentidos vinculados a as representações simbólicas. No caso deste estudo, o

artesanato tem se constituído espaço de percepção e conseqüentemente um canal que permite chegar perto da construção cultural dos artesãos de rua enquanto categoria específica “urbana”.

Desde o princípio, a postura investigativa manteve a preocupação em não perder de vista o referencial que joga natureza e cultura. O grupo social se relaciona e desempenha suas funções em diferentes espaços geográficos e outros de valorização da cultura, ou seja, os conceitos, a qualidade das relações interpessoais que constituem o seu modo de ser em tempos e lugares distintos; seus imaginários; a produção, o tipo matérias prima, a dinâmica grupal, o cotidiano, a ocupação de territórios tendo em vista que ultrapassam as fronteiras nacionais. Enfim, tudo isso evoca os sistemas de representações espaciais.

A reflexão em direção as questões levantadas acima tendem a valorização dos aspectos visíveis e aos inerentes ao campo inefável. A evidência nesse sentido está ligada a elaboração deste trabalho, que se situa na proposta da nova antropologia, portanto, uma etnografia conotativa conforme preconiza Patricio Guerrero e a reconstrução da análise social da qual postula Renato Rosaldo.

Seria ousadia da parte da autora deste trabalho delinear sobre um alcance em termo de uma abrangência maior, haja vista, a falta de destreza da mesma para a tarefa científica. Entretanto, o substrato das leituras selecionadas para este fim favorece dizer que um determinado grupo social não se dar a conhecer em sua totalidade. Muito embora o intuito do indivíduo que investiga esteja inclinado à busca do entendimento dos sentidos das representações simbólicas, faz-se necessário considerar, por exemplo, que o campo dos sistemas sígnicos é vasto.

O caráter do presente trabalho corresponde à identificação com o pensamento em favor do modelo de etnografia polifônica, ou seja, que parte da própria voz dos atores. No caso dos artesãos de rua se procurou manter a coerência enquanto fazer científico, que resultou nesta tentativa de produção antropológica ainda um tanto “precária”. Porque não parte de uma linha essencialmente analítica, mas intuitiva, que não bate literalmente com as racionalidades ainda tão em evidência, dominante no ocidente e como verdade imponente para o resto do mundo. Mas nem por isso um sujeito diferenciado deve se sentir acuado em face dos condicionamentos impostos. Por esta e outras razões, é que vale a pena enfrentar o desafio de desmistificar teorias prontas, desafiadoras de outras formas de percepções, de cosmovisões. Pensar de forma criativa ainda é possível apesar das forças macros que movem

o mundo. A situação atual do contexto local apela para outros valores. A tarefa teórico-metodológica de transformação social urge pela superação de etnografias monofônicas que tem sufocado os saberes das populações étnicas menos favorecidas, dentre as quais está integrada a categoria dos sujeitos desta investigação.

Temporalidade. Encontra-se articulada as demais categorias como espaço e sentido. Em direção a esse ponto joga preponderante a historicidade para qual chama atenção Patricio Guerrero. E, os artesãos de rua não estão fora desta realidade, basta ver que os fundamentos que dão suporte a esta investigação mesmo que de forma limitada pela bibliografia. Como procedimento considerou-se o contexto atual sem desprezar a década de '60 vivenciada pelos hippies, episódio que tem relações estreitas coma problematização em volta dos membros da cultura específica.

Apresente temática atravessa as dimensões do mundo hippie para mostrar que nesse sentido romperam totalmente com o modelo ocidental de sociedade capitalista, para viver uma lógica de tempo distinta, alternativa.

A apropriação de elementos da cultura hippie pelos artesãos de rua dos tempos atuais, explica a razão pela qual o público associa os mesmos aos do passado. O certo é que o comportamento assumido tem uma relação que evoca elementos da cultura oriental. Mas há momentos, por exemplo, em que a tradição se encontra no tempo com valores do Cristianismo e do Budismo. O que importa a recuperação com o tempo Sagrado. Constituem nesse caso a interrelação de componentes culturais.

No que tange a prática, os trabalhos não se dão na linha da produção em cima de valores de capital, como uma fabricação em série típica do setor industrial. Suas práticas estão voltadas a sobreviver mais próximo de um ritmo harmonioso com a natureza. E, para tanto, unem tempo e espaço numa relação afetiva com o meio ambiente, por esta razão, optam pela matéria-prima orgânica. Claro que não deixam de certa forma, sofrer influências do mercado pela escassez de produtos originários, mas dependendo da região. No tocante a relação com o tempo, há preferência pelo descanso e espaço livre. Este é sem dúvida um dos fenômenos mais interessantes, de causar inveja a quem não está nessa lógica diferenciada.

O artesanato para alguns pode até parecer ter um sentido apenas funcional. O que não significa o mesmo para todos da categoria assinalada, portanto, não se pode generalizar, pois para uma parcela da população integrada praticá-lo tem uma conotação de transcendência.

Trata-se de uma relação que pode ser comparada mais ou menos assim, como: a música para os sufis, a dança para os africanos e a maconha para os indígenas. No caso dos artesãos de rua a conduta que perpassa o artesanato tem implicações de forma a salvaguardar a própria identidade e o sonho. Daí que a espiritualidade entra como forte aliada na luta pelo direito de ser diferente, mas no plano da pluralidade. O comportamento dos artesãos de rua visto desta maneira faz do movimento um segmento autêntico. A afirmação não se sustenta no sentido de idealizar a categoria. Em volta disso se pode averiguar bastante abertura enquanto organização. É um fenômeno específico e observável onde se verifica uma expressão de forma até radical, não pela vertente do fanatismo, mas pelo próprio testemunho de uma vida tão despojada.

Sentido. Trata-se de uma categoria conceitual que tem tudo a ver com a ferramenta anteriormente abordada, o artesanato. Há evidências em torno da produção simbólica contida tanto em termo de diversidade e diferença de tempo e espaço. Os símbolos selecionados como a folha da maconha, o filtro dos sonhos, o cristal, o grão de arroz, a flor de lótus, o sol e a lua, permitem uma aproximação com as outras culturas. Os citados símbolos proporcionam infinitas possibilidades de análise da realidade. Quais seriam as implicações em volta disso? Senão abarcasse as razões e os significados e significações da cultura, sobretudo quando se toma como referência um contexto diverso onde se faz possível averiguar certa sinergia.

A terminologia selecionada evoca os pressupostos de P. Guerrero no horizonte que perpassam as práticas materiais e imaginárias. Nesse segmento os artesãos de rua são afinados enquanto seres humanos dotados de capacidade de construção de sentidos. Afinal, contam com um arsenal de símbolos, ou melhor, um sistema de representações simbólicas. O que desperta no público bastante curiosidade. Até porque os transeuntes e simpatizantes do segmento social analisado tem ficado intrigado com os sentidos da sua ação social. O silêncio, por exemplo, só pode ser compreendido pelo aprofundamento acerca de sua estrutura cultural. Pessoas religiosas como sacerdotes, por exemplo, costumam criticá-los por comodismo por entenderem que não contribuem para a transformação social.

Adentrar a realidade do mundo dos artesãos de rua requer preparo e abertura ao diferente, pois do contrário se acentuam as formas de preconceitos e de intolerância. Em razão disso, foi que se optou por trabalhar com a perspectiva na linha da isotopia. O conjunto destas considerações configura o motivo pelo qual se priorizou trabalhar com as categorias selecionadas de análise, e em particular esta que tem tudo a ver com o seguimento social

escolhido. A fim de que o procedimento científico fosse contemplado com uma visão holística.

1.2 Técnicas de investigação

O desempenho das atividades no que refere à investigação de caráter qualitativo tinha como base as técnicas a seguir: visitas aos espaços ocupados pelos artesãos de rua, sobretudo a “pedra” (a praça); o bate-papo (conversa informal) e o traje, entre outros registros. Todos foram fundamentais. À medida que as relações iam se tornando mais estreitas as informações iam se intensificando. Nesse processo de socialização do saber é viável acrescentar as demais ferramentas de base como: o diário de campo e as fotografias, o traje, o artesanato e as trocas. Tão indispensáveis como elementos de identidade. No que diz respeito à consulta bibliográfica e de internet, somaram de maneira inevitável; a sistematização das informações colhidas; a interpretação dos dados mesmo dada à precariedade em relação aos informes e conclusão.

As visitas. Consistem numa técnica de aproximação que requer cautela, discrição e criatividade. Os espaços ocupados pelos artesãos é também compartilhado por outros segmentos sociais. O fato de não terem um território fixo não significa que não estejam demarcados simbolicamente.

A informalidade constitui uma das características mais marcantes no que toca ao campo do comportamento do grupo social selecionado como também da autora desta tese. A prática das visitas nem sempre eram planejadas, aconteciam também de forma espontânea, de acordo com a dinâmica dos atores sociais, na base do improvisado. Claro, que o processo leva o sujeito que investiga a ter bom senso para não se tornar uma pessoa intrometida, que poderia ter conseqüências não satisfatórias, como a de criar uma distância ou afastá-los de vez. Tão importante quanto isso foi compreender as exigências dos momentos de recolhimento dos integrantes dos membros desta cultura, principalmente no que tange, por exemplo, a um simples ritual de maconha ou se o sujeito está sob o efeito do álcool ou outro tipo de entorpecente. Além disso, é válido ser precavido quanto à “privacidade” do grupo familiar. O fato de serem diferentes não anula seus espaços de liberdade e de integração enquanto clã.

As idas e vindas de tentativas de investigação exigia uma postura de tomada distância e aproximação. Há situações nas quais a suposta investigadora tinha que se tocar que não era

oportuno ficar por perto e da mesma forma perceber a hora ou o dia de retornar a prática do estudo de campo. As visitas na maioria das vezes são surpreendentes, por demais, porém não deviam ser descartadas tendo em vista que as surpresas fazem parte da vida, e foi com esta consciência que o processo foi encarado. Trata-se uma técnica que por sua vez abre possibilidades de um campo vasto na linha da investigação, sobretudo quando se consegue estabelecer um vínculo de confiança, claro que não se pode esperar que nas relações interpessoais a resposta seja igual para todos.

O bate-papo. No contexto em questão sobressaiu como êxito um posicionamento desinteressado, descontraído, tendo em vista que a opção enquanto metodologia não levou em conta a entrevista ou qualquer espécie de guia formalizada para tal fim. A linguagem não estruturada, por exemplo, tipifica os sujeitos integrantes deste segmento social. Logo de início deu para perceber que interrogatórios não serviriam como instrumento de trabalho nessa linha investigativa. Na verdade não bate com a sua estrutura mental por não seguirem um esquema mental fechado, portanto reagem fugindo a qualquer modelo social restrito as leis rígidas. Por esta razão, tampouco tem interesse no assunto, pelo contrário primam pela ruptura com o tal padrão. A situação que se cria na relação de uma troca de ideia é algo que se compara a uma situação de fronteira, pelo menos é a sensação que se tem ao entrar em contato direto com a categoria. Para quem não está acostumada pode ficar até um tanto chocada. Em decorrência deste comportamento foi que se evitou fazer qualquer tipo de gravação para que fosse mantida a coerência metodológica de modo a evitar impactos provenientes do sistema formal.

O traje. A vestimenta configurou um componente que deu suporte substancial. A incorporação do mencionado elemento não ocorria de forma literalmente intencional, mas pela identificação com a arte, o artesanato, o gosto pelas coisas rústicas e de raiz; pelos caracteres indianos ali presentes, entre outros. O certo é que havia um precedente de identificação. Apesar de o vestuário ter surtido efeito no sentido de ter cumprido sua função de proximidade, de identidade, vale dizer que em meio a tudo isso existia uma visão equivocada por parte desta autora. O que mostrou isso? O caráter ritual das visitas e do bate-papo revelou pontos de vistas assimétricos, pois ao passo que tinha a impressão de o segmento social ter de alguma maneira relações com o que prefigurou o movimento hippie, no entanto, sucedia o contrário. Quem era observada quanto ao traje era a pessoa destinada ao estudo de campo. Teoricamente remonta os pressupostos de Renato Rosaldo quanto ao investigar e ser investigado. O referido fenômeno evoca também o que preconiza Patricio

Guerrero sobre “mirada exotérica”. O autor chama atenção para a maneira como determinada sociedade e cultura concebem aos outros diferentes.

O artesanato. Indubitavelmente é uma das ferramentas de maior força de expressão na relação desde o simples contato até a criação de uma comunicação propriamente dita. Equivale ao que se poderia designar de laço semântico. Claro, que não se considera aqui apenas a caracterização do indivíduo que investiga, ou melhor, o que se vê. É muito mais que isso, conjugada a objetividade está à subjetividade. Do contrário seria pejorativo atribuir o citado elemento cultural fora do contexto das partes envolvidas. A atividade é científica, porém o campo de interesse da pessoa empenhada neste estudo não é o meramente científico.

Os anos de aproximação com o artesanato seguramente tornou possível estreitar a relação construída até então, mas não o suficiente para aprofundar a reflexividade para qual Rosana Guber chama atenção. De uma forma ou de outra a tentativa de construir uma ponte entre mundos desconhecidos valeu a pena. Apesar disso, não se descarta as reações que não estavam previstas em meio a toda realidade. Tanto que existem questões que necessitariam de mais tempo de investigação para uma interpretação mais afinada, ou talvez, serviriam para um estudo mais amplo e profundo, de mestrado, por exemplo.

O tempo de experiência por um lado parecia contar, outras vezes não, porque diante de cada situação nova surgia algo inusitado. Os artesãos um tanto mais fixos como os itinerantes na maioria das vezes apresentavam maneiras inesperadas de chegada e de saída. Além disso, costumam demonstrar sua autodefesa, o que pode dar impressão de comportamento de repulsa ou agressividade, sobretudo por parte das mulheres. A concepção que a categoria tem em relação ao público é a de uma sociedade urbana fechada. Esta é uma maneira de conceber o outro sócio-culturalmente diferente, pois se colocam numa perspectiva aberta. Ao tentar interpretar a realidade do grupo específico, dois pontos foram extremamente difíceis, incompreensíveis de entender: o canal de comunicação nem sempre aberto e a associação ao tráfico de drogas o que resultou em ecos de desencantamento para a autora deste trabalho.

Mas, no que tange a este jeito de comportar-se não se trata de uma regra geral, existem obviamente no grupo pessoas que demonstram mais abertura, mas não é o que predomina. Não se trata de um ponto de vista pronto, pode até ocorrer por vezes uma sintonia com possibilidades de socialização no nível material ou imaterial.

A troca. Diz respeito a uma das práticas que faz parte da lógica de funcionamento econômico do grupo social investigado. Além da viagem, do manguieiro, a troca integra a dinâmica das relações sociais de produção tanto no sentido material quanto simbólico. Com base nisso, foi que se tomou o citado aspecto como técnica ideal de aproximação. Em geral acontece de forma tranqüila, mas se faz necessário chamar atenção para equívoco de interpretação, ou seja, quando o diálogo não está claro ou não se conta com o interlocutor por perto. No caso da presente investigação sucedeu que a troca de uma ferramenta, por exemplo, por um trabalho de arte resultou em um mal entendido. O artesão necessitava do instrumento como algo vital durante o festejo, porém o nível da conversa não chegou à mesma base de entendimento entre Serginho e a autora deste trabalho. O mencionado artesão passou um objeto artístico como um presente e pediu emprestado o instrumento de trabalho, porém não houve devolutiva, tratava-se um alicate de marca e difícil de ser encontrado na região, sobretudo na pedra.

O quadro delineado acima mostra uma situação de assimetria entre as partes envolvidas. Como não havia sintonia com a linguagem resultou num comportamento surpreendente onde mais tarde foi imprescindível contar com a intervenção do interlocutor. Depois de resolvido o problema foi que a relação de troca ficou clara, depois sucessivas trocas foram efetivadas. Assim, se concretizava a luta proporcionada pelo próprio contexto. É óbvio que o sujeito integrante da categoria não costuma se posicionar contra o companheiro membro do mesmo grupo, mas se não concordar pode optar por agir como mediador.

A técnica em questão contribuiu eficazmente, e à medida que ia se intensificando o relacionamento numa base de amizade, muito embora com perdas materiais para esta investigadora, a troca encontrava razões para existir. Não se tratava de entrar ou não em desvantagem. Tanto que teve como consequência a influência sobre o conteúdo deste capítulo.

Registro fotográfico. A princípio a havia uma decisão tomada quase que de maneira definitiva de não atuar na base com registros fotográficos, a preferência era pelo desenho artístico, porque tinha certeza que na praça tinha pessoas com talento para desempenhar nessa linha. Além do mais podia contar com a habilidade em particular da autora desta tese. Depois de adquirida confiança no que se relacionam as possibilidades do citado recurso, mas uma mudança de opinião aconteceu. A justificativa de não optar pela fotografia estava baseada no simples fato de achar que se tratava de uma técnica típica do ocidente, e por acreditar que não

seria viável diante das características dos sujeitos e sua filosofia de vida. No entanto, quando chegou o momento oportuno, já não havia motivos para que não se estabelecesse um diálogo nesse horizonte. A estratégia foi mostrar o mínimo de fotos em situações passadas nas quais o artesanato como os artesãos se faziam presentes. Por exemplo, foi positivo apresentar imagens de viagens, de lugares como cachoeiras, sítios arqueológicos, feiras, contatos com pessoas da categoria e do próprio artesanato produzido pela autora deste trabalho. A idéia de construção de um álbum de fotos passou a ser uma das ferramentas de aproximação. Daí a relação teve uma configuração bem distinta. Concretamente a iconografia como parte integrante da linguagem plástica contribuiu de forma extraordinária, não só porque continha páginas da vida dos sujeitos itinerantes, mas pela história que ia se construindo no decorrer da investigação.

É imprescindível salientar que era preciso agir com cautela por se tratar de uma ferramenta que, sem dúvida, poderia implicar em um risco no sentido de uma má interpretação da cultura dos sujeitos em foco. Também, por ter conseqüências do tipo a gerar suspeitas de invasão, sobretudo quando não se sabe a real intenção de efetuar a fotografia. A atitude pode adquirir uma conotação de agressividade.

Atualmente com a facilidade de aquisição dos celulares, a falta de informação e intolerância ao diferente, as conseqüências podem ser drásticas. Os artesãos de rua estão mais vulneráveis as ações inconvenientes dos transeuntes. É motivo de provocação para o artesão fotografar o seu trabalho artístico, exceto quando se tem a permissão. A advertência é válida no que tange aos atores sociais. Em geral não gostam de ser fotografados. O fato de a categoria vir a público não quer dizer que não queiram ter momentos de privacidade, ou manter seu espaço reservado. Vale à pena uma observância apurada acerca do cotidiano dos artesãos de rua, pois têm sua configuração própria e elevado conteúdo simbólico.

CAPÍTULO II

CONTEXTO

A princípio não se pode negar o fato de ser necessária uma aproximação com a perspectiva histórica e geográfica de Piripiri, qual contexto e tema elaborados, remetem a natureza investigativa, mas tendo como base a análise processual.

2.1 Piripiri

Piripiri: sua origem vem das terras encravadas em um local denominado “Botica”, concedida a Antônio Fernandes Macedo em 20 de janeiro de 1777. A sua fundação remonta-se a uma data desconhecida do ano de 1844, quando o seu proprietário, o Padre Domingos de Freitas e Silva, vindo buscar refúgio após ter lutado pela independência do Piauí construiu uma casa em um local denominado Anajás, e depois, ao lado, uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, que é a atual padroeira da cidade. Ali o padre passou a viver com sua família de agricultura e da criação de gado. Essas duas foram as únicas construções de Piripiri até 1855, quando o Padre Domingos de Freitas e Silva resolveu dividir as terras de sua propriedade em pequenos lotes, oferecendo-as a quem quisesse morar ali. Pouco tempo depois começaram a chegar muitas famílias. Primeiro vieram os Medeiros e instalaram-se. Depois os Melos, afastados por glebas, os Regos e os Resendes e outras mais. Em 1857 Piripiri com seus habitantes começa a ter o aspecto de uma pequena vila, e com isso o Padre Freitas Domingos Freitas e Silva abriu uma pequena escola. Nessa escola ele mesmo deu aula de primeiras letras e latim durante muito tempo. No ano de 1860, o Padre, o Padre Freitas doou a capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, 300 braças quadradas de terras que demarcou judicialmente. No dia 16 de agosto de 1870, os distritos de Piripiri é elevado á categoria de freguesia com seus limites traçados e anexado ao município de Piracuruca. Já em 16 de junho de 1874, Piripiri foi elevada à vila, ainda anexada a Piracuruca. Em 1908 o Padre Antônio Bezerra de Meneses fundou o Instituto Arcoverde, um educandário que prestou relevantes serviços a Piripiri. Colaboraram Dr. José de Arimatéia Tito e João Freitas Filhos. Em 1910 foi inaugurado o Palacete do Conselho da Vila, prédio que foi construído em 1909. No dia 04 de julho de 1910 a vila de Piripiri foi finalmente elevada à categoria de cidade. A grafia primitiva era Periperi. Em 21 de novembro de 1944 uma resolução do IBGE passou a chamar a cidade de Piripiri. (MENDES, George. Acesso: 03 de outubro. 2010)¹

Acerca dos aspectos históricos delineados acima, faz-se necessário uma crítica urgente. Sobretudo porque o artigo é um tanto suspeito no que se refere à idéia que passa de uma terra ninguém, uma terra cedida, como se nunca tivesse sido habitada. Na verdade, os escritos acessíveis até hoje tem seguido a linha de uma historiografia dominante e saudosista. Quando na realidade vestígios do patrimônio da cultura material e imaterial comprovam a presença de nativos na região, prova disso é a existência de um sítio arqueológico

¹ MENDES, George. Piripiri: uma história que emociona. Disponível em: www.vejapiripiri.com/.../Judith-santana-uma-vida-dedicada-a-história-de-piripiri.html-Em cache. Acesso em: 03 de outubro 2010.

denominado atualmente de Parque Nacional de Sete cidades, claro acrescenta-se a isso os demais elementos culturais do povo originário, como os relatos, os símbolos e valores, a medicina natural, entre outros aspectos. O referido parque pertence geograficamente a Piracuruca cidade da qual Piripiri foi desmembrada pela sua emancipação política. Mas, uma ênfase deve ser dada quanto à parte administrativa, pois é assumida parcialmente por funcionários do último município citado, percebe-se que ainda hoje as relações são estreitas entre uma localidade e outra.

Para endossar o delineamento acerca da questão até aqui, é indispensável à averiguação de pesquisas realizadas pela universidade Federal do Piauí - FUFPI e demais órgãos de apoio.

No município de Piripiri, foram encontrados 18 sítios, na 3ª Viagem, no período de 08 a 13.10.97, na região de Buriti dos cavalos, destacam-se a grande concentração de sítios que tem como suporte os afloramentos rochosos da Formação Cabeças. Neles a recorrência de representações rupestres é semelhante à que se observam nos demais sítios de Piripiri (MELO, 2001, p. 42)².

No âmbito destas considerações vale á pena salientar a explicação em torno da denominação “Sete Cidades”, pois tem despertado interesse de uma série de visitantes, por isso é importante dar a conhecer detalhes do misterioso lugar.

No século VXIII ainda devia ser corrente entre os fazendeiros portugueses, aos padres, aos militares e outros a lenda da fabulosa “Insula Septen Civitatun”. Observando os fantásticos modelados erosivos que tanto impressionam os visitantes, algum lusitano imaginou estar no município de Piracuruca as fabulosas ruínas de que falavam suas lendas e daí, a identificação dos afloramentos runíformes do atual Parque com a lenda ibero-latina foi um passo. Não há outra explicação plausível. A atual denominação de nosso Parque Nacional de Sete cidades é, pois o resultado de uma migração intercontinental de um mito, o da misteriosa “Insulta Septen Civatum (COUTINHO, 2000, p. 10)³.

Diante das considerações supracitadas não há grandes pretensões, senão é a de tentar desmistificar a dimensão teórico-histórica de Piripiri prefigurada na literatura caráter colonizador.

² Sítios arqueológicos

³ A origem do nome Sete Cidades

A história contemporânea caminha a passos lentos no âmbito da transformação da realidade, a população da cidade citada em grande parte ainda não despertou a altura dos acontecimentos reais de fato. As ideologias que atravessam a cultura têm favorecido a fragmentação da mesma em detrimento de uma historiografia homogeneizante. Por exemplo, as igrejas locais dão suporte porque seguem sendo colonizadoras e capitalistas; os partidos políticos na maioria conservadores e, aquilo que se denominava esquerda perdera suas características; tais vertentes somadas aos demais componentes do tecido social tem constituído as condicionantes de uma contemporaneidade bastante complexa.

O contexto em questão estabelece relações com os elementos que caracterizam o desempenho sócio-cultural do grupo social investigado, os artesãos de rua de Piripiri, qual segmento vive sobretudo do trabalho manual.

Mas se de um lado, tem sido possível constatar que a organização parte de um modelo de economia informal, por outro lado, é inevitável negar a existência do agressivo mercado global imperativo. No entanto, a abordagem em torno da categoria não identifica os mesmos como grupo econômico, mas como grupo étnico que não estão incólumes as forças que atravessam e subverte seus territórios, comprometimento típico do fenômeno da globalização.

A breve averiguação da situação histórica de Piripiri mostra a realidade na qual o grupo assinalado está inserido, os mesmos sustentam que os poderes até então constituídos na cidade da qual faz em parte não os considerou enquanto categoria, nem no passado nem no presente. Então, pelas circunstâncias e por outras razões acabaram se tornando artesãos com tendência nômade, comportamento que caracteriza uma experiência de vida distinta, uma cultura que tem possibilitado responder com força própria aos impactos do poder hegemônico.

Os indicadores históricos revelam que apesar do artesanato ter uma contribuição para a comunidade como parte da cultura e da identidade, constata-se uma literatura bem reduzida.

É imprescindível ressaltar a ótica antropológica como componente aliada na compreensão da realidade no estudo das semelhanças e diferenças do contexto marcado. Para tanto, faz uso do comparativo no que tange a possibilidade de mensurar a realidade e como forma de atuar comprometida.

Agora quanto ao aspecto ideológico do grupo assinalado tem sido possível observar que a população tem se posicionado a partir de interpretações equivocadas em detrimento de

conceitos preestabelecidos por força das circunstâncias de uma situação prefigurada pelos hippies nos anos '60.

Claro que a conjuntura atual não bate em sua totalidade com o posicionamento consciente ou de militância política dos hippies de ontem. O que não significa dizer, que todos compartilham de um mesmo pensamento, pois integrantes do movimento em foco contam com uma pluralidade de discursos.

Desde as décadas de '80 e '90 aos dias atuais tem havido uma sensível mudança quanto ao trânsito dos artesãos em Piripiri. Isso se deve ao fato de que em épocas passadas a categoria foi bem marcada pela ditadura, que impunha muitas restrições para que não ficassem na praça, às vezes permaneciam no máximo três dias e logo tinha que seguir viagem Brasil a fora.

Entretanto, com a chegada do Partido dos Trabalhadores - PT ao poder com Luís Inácio Lula da Silva no ano de 2003 ocorreu uma mudança considerável. Sem dúvida, o regime democrático com todas as suas limitações veio favorecer tempos novos. Além disso, a posição geográfica do citado município tem sido determinante na dinâmica itinerante por viabilizar o tráfego dos malucos de Br. Há quem diga o seguinte: "Piripiri é rota para outros lugares," diz Lilian.

Artesãos que fazem parte do mesmo movimento provenientes dos demais estados de fronteira com o Piauí como é o caso do Ceará e Pernambuco, Bahia, Tocantins e Maranhão; não deixam de levantar suas queixas, dentre elas as relativas à discriminação. Por esta razão optam por não pegar altas Brs como a Região sul, exceto quando existe a real necessidade de fazer compras de artigos não encontrados na localidade por um preço acessível, principalmente os artesãos da região nordeste do Brasil; na qual está inserido o estado do Piauí e a cidade em foco.

A cidade de Piripiri limita-se ao norte com Brasileira; a leste, Domingos Mourão e Pedro II; ao sul, Capitão de Campos e oeste, Barras e Batalha. Dentre as cidades assinaladas, faz-se necessário destacar Pedro II como lugar que tem sido bastante procurado pelos artesãos de rua pelo atrativo do minério, onde tem tornado possível a aquisição de pedras que vai desde o aproveitamento do cascalho às semipreciosas e preciosas, no caso, a opala. Mas, também pelo seu potencial turístico. O artesanato apesar de ser de raiz e ter uma conotação econômica na linha da sobrevivência, seja como fonte de geração de renda ou outros fins

sociais, não tem tido o apoio devido por parte das autoridades locais, apenas tem contado com solidariedade de países estrangeiros com certa dependência de mercado. A razão da apresentação desta problemática levantada aqui configura um pouco as relações com os municípios do entorno. É no Nordeste que se concentra a maior presença de artesanato do País.

Acerca desta realidade é imprescindível ressaltar o eixo da problematização do projeto propriamente dito e tão indispensável quanto isso, é realçar ponto de discrepância entre o passado e o presente como via de acesso para uma proximidade com o nível de leitura por parte do público quanto ao artesanato em relação ao movimento hippie de ontem e o movimento “hippie” de hoje.

Na atualidade o artesanato cumpre uma função social mais na linha da sobrevivência, portanto, tem um caráter funcional enquanto no passado a motivação era bem outra, a de combater os valores impostos da sociedade industrial da época. Então, para uma melhor interpretação acerca do conteúdo selecionado, um destaque é dado no sentido de proporcionar uma maior aproximação com as seguintes terminologias: hippies, artesãos, micróbios, malucos de Br e camelôs. Na verdade, pode-se concluir que embora estejam na rua ocupando a mesma praça se diferenciam, trata-se de segmentos distintos e o que ocorre é uma leitura equivocada por parte da opinião pública sobre o grupo da atualidade.

A temática assinalada chama atenção para o olhar que parte de fora e o que vem de dentro, pois a comparação que as pessoas costumam fazer no que se refere ao segmento do passado, não vai de encontro com o pensamento dos que integram o grupo dos artesãos de rua da atualidade. Nem todos os que estão na rua se sentem hippies. Nesse horizonte a categoria atribuí ao público à responsabilidade do comparativo. O fato dos “supostos hippies” terem incorporado elementos do movimento de contracultura não significa que compartilhem da mesma ideologia. Apesar de algumas semelhanças não são iguais.

Vale ressaltar, por exemplo, que o jeito de viver implica numa vida social diferente, é mais urbano, enquanto os hippies de antes eram mais voltados ao alternativo. Muito embora, hoje, artesãos de rua como Irley mesmo não se autodefinindo “hippie” não dispense uma tatuagem entre as omoplatas, com um círculo e no centro o desenho de uma chave, que segundo ele representa a chave da sociedade alternativa. Além disso, valoriza a arte, a natureza com o que a mesma tem a oferecer de bom e aprecia ir para o campo de bicicleta com sua companheira Carol sem pressa de voltar, a viagem segue o ritmo harmonioso da natureza. Apenas com pouco mantimento para os dias de acampamento se lança fazendo

mangueio, prática econômica que consiste em pedir algo e, nesse caso, o básico para se alimentar. Mas não se reduz a isso, implica numa oportunidade para conhecer a comunidade e abrir caminho para outros que por ventura venha passar por ali.

A maioria dos integrantes do grupo social estudado costuma afirmar que cada um constrói a sua história. Do ponto de vista antropológico seria viável considerar que não copiam, reinventam.

Entretanto, ter uma vida urbana diferenciada tem implicações desde ocupar lugares como: centros históricos, praças, calçadas, rodoviárias, cais, praias, ruas, avenidas, rodovias ou estradas federais, balneários, enfim espaços que vem a público.

Em Piripiri a Praça da Bandeira constitui o local de exposição dos artesãos, sobretudo em alta temporada, no período de férias, quando ocorre maior deslocamento dos artesãos de um estado para outro. O citado lugar é denominado pelos mesmos de pedra, onde se concretiza tanto a produção quanto a comercialização. Também outras formas de relações vão sendo tecidas e, ganham sentido na diversidade. Convém assinalar que a praça é um espaço simbólico. Nesse horizonte, pode-se dizer que identidade e pluralidade, são partes constitutivas do eixo de vivências culturais distintas, fundamentadas na tradição, pelos menos é o que resulta da leitura de uma participação observante. Existem artesãos originários da cultura nômade: “Eu nasci na rua”, expressa Albert, filho de artesãos de uma geração situada entre os menos industrializados da atualidade. Sem dúvida, um originário da categoria em foco pode ser mais “preparado” para os desafios desta vivência do que aqueles que integram o movimento numa fase da vida mais avançada.

O filho de Albert apesar de está acompanhado dos pais na praça se queixa: “Sou sozinho no mundo, não tenho pai e nem mãe”, diz Eric. Sua mãe gestante fica indignada e reprime-o com agressividade, e ele reage com choro. Naquela noite os pais estavam ocupados com o trabalho do artesanato em plena feira durante a festa da padroeira, atendendo as pessoas que já voltavam da novena que se realiza próximo dali.

Como se pode ver, desde cedo à criança começa a perceber o cotidiano da sociedade em grande parte estranha, carregada de disputas, ameaças e exclusões. Depara-se com situações conflitivas que supostamente instigaria um amadurecimento precoce. Eric costuma demonstrar que tem seu próprio foco de conhecimento e questiona o público da seguinte forma: Você vive disso? Interpela com olhar penetrante. Do ponto de vista da psicologia, por

exemplo, caberia afirmar com mais precisão o enfretamento do problema enquanto análise do indivíduo. Mas, seria insuficiente para análise do contexto. Em referência a esta questão uma perspectiva multidisciplinar possivelmente daria uma conotação distinta, seja a Antropologia, Sociologia, Psicanálise e outras podem contribuir fundamentalmente para o alcance da compreensão da realidade. São ciências que provavelmente compartilhariam do parecer que as crianças de rua passam por processos desta natureza.

A praça tem seus encantos, mas por outro lado desencantos. Há quem procure agradar Eric com balões, brinquedos, roupas, sorvete e um mínimo de atenção, porém, fica a dúvida quanto a uma provável lacuna na vida do mesmo, uma suposição. A cena colocada revela que as leis “educativas” inibidoras e punitivas ainda são um tanto rígidas, certamente não desejável pelo foro íntimo da criança, usando mais precisamente a linguagem da psicanálise num ângulo interdisciplinar.

Porém, acerca do detalhamento do tema em pauta vale à pena considerar a ótica antropológica, pois a Antropologia interessa os elementos modelados culturalmente e não causas naturais. Neste caso, fatores de ordem interna ficariam num segundo plano, como subjetividades, pois não se analisa o sujeito isoladamente, leva em conta o contexto. Assim, o foco se volta para a categoria família, pois a mesma como um todo teria que ser levada em conta para uma leitura que permita ampliar os horizontes interpretativos. Muito embora o objetivo do estudo não implique em análises dos sujeitos, mas dos processos pelos quais convivem na realidade, ou seja, como parte de onde se encontram historicamente situados. E, isso evoca, portanto, a cultura.

Albert brinca com o imaginário de uma futura geração cujos filhos veem seus pais fumar maconha e consumir bebida alcoólica, aposta que serão diferentes.

Evidentemente, interessa averiguar a que tradição cultural o sujeito se sente bem. Entretanto, está intimamente vinculada a esse ponto a natureza identitária a pretensão acerca disto não é formar uma opinião fechada ou ter uma verdade pronta, pois a presente discussão segue na reflexão do tema assinalado na compreensão daquilo que é permitido focalizar, seja na relação que joga o local e o global, portanto, para discernimento da questão de comportamento não se deve esquecer o caráter heurístico que requer a etnografia.

Interpretar a cultura dos artesãos de rua exige uma aproximação com categorias de análise como etnicidade.

Os artesãos de rua em sua maioria são extra-escolares e tampouco tem interesse em contribuir com o mundo científico, primam por uma educação informal e o artesanato não deixa de ser uma forma de linguagem e uma educação que acontece na rua; considerando o fato de que os malucos de Br nem sempre possuem residência fixa. O que não quer dizer que isso esteja fora de cogitação, basta atentar para a expressão a seguir: “Ah, uma hora vou querer um canto, e vai ser massa quando acontecer”, afirma Albert.

A afirmação acima parte de um dos membros do clã, o pai; a família é composta pelo casal e um filho (Eric) de quatro anos e sua mãe (Lílian) grávida de três meses. Como não tem residência fixa, ora estão somente na rua ora pagam uma pensão (pequeno hotel) e pretendem parar quando o filho for à escola.

Outras mães optam por uma educação escolar temporária. Por exemplo: “Posso pagar uma escolinha particular por um mês”, explica Alessandra, mãe do pequeno Luan. Mas muitos entendem que os filhos talvez não tenham a mesma opção de vida, por esta razão, respeitam e matriculam seus filhos quando entendem que chegou o momento certo.

Entretanto, é notável a capacidade criativa dos artesãos que os possibilita tornarem a organização viável. É interessante perceber o que está em torno da opção mesmo que forçada pelo sistema a um jeito de viver um tanto mais longe do consumismo. Claro, que não se configura uma ruptura radical com o capitalismo, porque de alguma forma estão integrados à sociedade de modelo capitalista e dependem de dinheiro para se manterem.

Os artesãos de rua do presente aparentemente não demonstram ter uma clara consciência política, pois poucos têm uma postura semelhante aos hippies do passado, mas nem por isso seria interessante concebê-los como alienados. Convém compreender o processo histórico e a transformação para que se alcance o presente.

O movimento tem mostrado um comportamento apartidário, ou seja, poucos são os que manifestam interesse pela questão, como por exemplo, ter um posicionamento mais definido do ponto de vista partidário. Prova disso, é que nem todos dispõem de documentos e tampouco estão preocupados com isso. Pois o tema quase nunca faz parte do conteúdo de seus discursos. Enquanto grupo social tem conseguido ao longo de décadas ser protagonista do seu tempo e espaço, sem abrir mão totalmente das características que os distancia dos controles do sistema. O embate que se trava no cotidiano simplesmente não corresponde o modelo dos movimentos sociais típicos do ocidente.

2.2 Artesanato em Piripiri

O foco da presente investigação é o artesanato no mundo dos artesãos de rua. Em direção a esse ponto é imprescindível dizer que sua base está consolidada pelas populações menos favorecidas.

No entanto, a prática do artesanato é um elemento que integra o cotidiano da população de Piripiri em todo o segmento étnico. Em geral pessoas de uma condição social mais estabelecida também o praticam, porém não estão no âmbito da mesma perspectiva de quem está na rua. Isso é fato. De acordo com a condição social varia, pois muitos o fazem como higiene mental, terapia ocupacional.

Agora em relação aos indígenas de etnia Tabajara que compreende uma parcela da população urbana que vive do trabalho artesanal, sobretudo com arte na palha, sobressai à confecção de redes de tucum e vassouras. Acrescenta-se ainda a habilidade na produção dos patuás de pele de animais do rebanho caprino e bovino, adornos para o corpo a partir de uma variedade de sementes, bambu, ossos, couro, etc. Somam-se a estes esculturas em madeira na categoria dos utensílios domésticos e religiosos. A ênfase dada aos nativos da região neste parágrafo tem razão de ser pela estreita relação com a cultura da autora desta obra.

Por que o artesanato tem se configurado um elemento significativo no que diz respeito ao caráter organizacional de base? De uma forma ou de outra tem estado presente como força aglutinadora no universo das organizações sociais e populares, como: associações, grupo de mulheres, fundações, grupos da melhor idade, famílias indígenas, pontos de cultura, e outras.

Piripiri tem sobressaído no cenário estadual como pólo da industrial têxtil, pela confecção de roupas jeans e no vestuário em geral, mas tem crescido cada dia mais as microempresas. Em geral inicia em fundo de quintal com produção razoável e com exploração de mão de obra barata, depois evolui para uma situação em larga escala e a tendência é uma melhor organização no que diz respeito ao setor administrativo. A contratação de funcionários, sobretudo de “chão de fábrica” não exige escolaridade para qualquer um dos gêneros, seja mulher ou homem. A qualificação profissional tem sido realizada na base de parcerias.

As fábricas de roupas íntimas femininas e masculinas chamam atenção pelas etiquetas que são até bem criativas: Primeiro Ato, Face Oculta, Pequena Intimidade, A dois, Pele Macia, Segunda Pele, Flor da Pele, etc. Atualmente a cidade conta com dezoito micro-

empresas e entre todas quarenta. O trabalho predominante ainda é o das mulheres, com uma jornada bastante intensa. Além do quadro de trabalhadoras e trabalhadores contratados somam a esta força de trabalho outro segmento: as “fiapeiras”, mulheres que tiram fiapos das peças, auxiliam no acabamento, mas permanecendo em casa. A oportunidade pode implicar em possibilidades de emprego: “Iniciei como fiapeira e agora atuo no controle de qualidade, fui promovida, sempre procurei dá o melhor”. Argumenta Fátima. A qualidade do produto tem possibilitado um lugar de destaque no mercado interno e externo. “A empresa Primeiro Ato deixou de ser de pequeno porte”. Afirma a empresária Vera. Quanto à exportação, constata-se o seguinte: “Exportamos para os estados de Roraima, Pará e, sobretudo o Maranhão”. Sustenta Romildo funcionário da empresa do setor administrativo.

Em meio a tudo isso surge um fato novo, a relação com as universidades públicas e faculdades particulares pela demanda de estágios na área de Psicopedagogia Institucional e Administração. Algumas empresas no início resistiam, mas atualmente já estão abertas, o que demonstra boa perspectiva tanto no presente quanto para futuro. As escolas de ensino fundamental e médio também estão inclusas com interesse de pesquisa.

A relação entre a classe empresarial e artesãos ainda é muito tímida, poucos são os que conseguem estabelecer um relacionamento satisfatório, como a de ter seu trabalho valorizado, agregado aos artigos no âmbito das empresas ou ter seus serviços contratados. A categoria artesão de associações não configura uma concorrência com as mesmas, estes têm lugar garantido, mas de forma restrita, ainda assim são mais bem tratados. No que tange as oportunidades, são mínimas, resulta em iniciativas como a de dar cursos se forem cadastrados ou ter amigos intermediários que facilitem a participação no período de exposição; desta maneira conseguem espaço para expor sua arte numa feira na praça de eventos (antiga estação ferroviária) realizada uma vez por ano promovido pelo SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas entre outras parcerias, como o Banco do Nordeste. Agora, espaço cedido aos artesãos de rua é sempre o do lado de fora, nas calçadas (no portão principal onde se dá o fluxo de gente) aos mesmos se reserva os últimos lugares, se quiserem. A relação tem sido enfrentada como um desafio, porém sem grandes conflitos, pois para os artesãos de rua tampouco importa. A tática não é o confronto, mas o diálogo.

Os integrantes do grupo social em questão estão na rua na linha da sobrevivência, é óbvio que perpassa também a relação harmoniosa do viver, quando se constata, uma lógica de tempo não capitalista, porque são capazes de parar, serem donos do seu próprio tempo e se

retirar dos centros urbanos. Equivale, por exemplo, a um passeio qualquer dia da semana para: “Curtir natureza”, diz Reginaldo. Isso implica em ir a lugares inusitados, sítios arqueológicos, cachoeiras, praias, acampamentos, festas e outras.

Mas, como revela uma expressão popular: “nem tudo são flores”, convive-se com a expectativa de garantir o necessário para o dia, o presente é vivido intensamente, ou melhor, não há grandes projeções rumo ao futuro tampouco se liga a uma lógica de acumulação. Então o viver é voltado ao empenho de suprir as necessidades básicas. Vai desde o pagamento das diárias de um pequeno hotel ou dormir na rua correndo todos os riscos e incômodos que a sociedade moderna tem para oferecer, como: a poluição sonora, a violência, a discriminação entre outras formas de agressividades que ameaçam a vida. Sobre este aspecto, caracteriza-se uma mudança de comportamento na diversidade dos artesãos de rua, há quem atualmente não tenha mais o costume de ficar ao relento durante a noite: “Não quero mais dormir na rua, pois já peguei até pneumonia”, revela Reginaldo.

O artesão supracitado já não vive a radicalidade de antes e entende que em tempos modernos já não dá mais para viver como décadas atrás e não deseja que seus filhos sigam o mesmo estilo de vida, acrescenta radicalmente: “Filho de maluco não quer ser maluco”, sustenta Reginaldo.

Dentre o grupo social ele é o um interlocutor chave, seu posicionamento de abertura ao diálogo favorece a natureza da investigação, muito embora no passado fosse bem fechado. Uma vez questionado sobre o assunto respondeu: “A droga também fecha as pessoas”, explica Reginaldo. Outro aspecto que vale a pena ser destacado sobre sua vida, é motivo de controvérsias. Os artesãos denominados micróbios reclamam: “Reginaldo é o dono da pedra” (praça), diz Grilo. Uma artesã que se sente marginalizada acrescenta: “Não lembra que um dia foi como nós”, argumenta com tristeza Maria.

Na verdade, Reginaldo é um artesão de 35 anos e se diferencia dos demais por ser do tipo que não faz espetáculos para chamar atenção do público. Demonstra abertura para namorar mulheres que não fazem parte do mesmo grupo social, sendo que na atualidade tem como companheira uma artesã batalhadora com a qual já tem uma filha, mas não é a única mulher, pois costuma falar de outras e de outros filhos. Não se apresenta como micróbio ou maluco de Br e prefere a definição de artesão, não quer muita aproximação com os mesmos e se comporta como tal. Seja, pelo traje, pelo painel, pelo discurso, a opção, ou por ou razões que não se sabe, subjetivas. Acrescenta-se a isso, por exemplo, o modo como organiza o

trampo (o trabalho). Atualmente não sobrevive só do artesanato, mas diversifica com artigos de consumo, industrializados sobretudo em tempo de crise; também implanta piercing, faz tatuagem definitiva, grava nomes em grão de arroz e põe em cápsulas nada artesanais; diferente de antes quando o colo do frasco da ampola de injeção era aproveitado e se aplicava uma arte, o que dava ao trabalho um aspecto artesanal. O certo é que o citado artesão conquistou um espaço considerável diante da população de Piripiri. Na realidade está mais presente na área, dispõe de transporte próprio, uma moto que lhe permite viajar para onde quiser e quando puder. Tudo indica que de certa forma já entrou numa lógica de tempo e espaço distintos, assim entre uma multa e outra vai seguindo o seu rumo, embora às vezes pague um preço alto por isso.

A respeito desta investigação jamais se recusou a contribuir mesmo que não estivesse voltado para a história específica de sua vida, que era um desejo seu. No entanto entendeu que o coletivo é a expressão de uma realidade da qual faz parte.

Os eventos que marcam a alta temporada e representam os mais atrativos para os artesãos de rua agora são: A Pirifolia (carnaval fora de época) acontece no mês de julho, e em outubro ocorre o festejo de Nossa Senhora dos Remédios (festa da padroeira da cidade), independente dessas duas manifestações culturais o fluxo dos artesãos diminui permanecendo os de base, que continuam marcando presença. Com exceção das citadas manifestações há a comemoração do Dia dos motoqueiros (1º de maio). Impera principalmente a agressividade do barulho dos motores e acidentes com vítimas fatais, o que torna quase insuportável o viver. Trata-se de um comportamento aceito socialmente pela população e com aval das autoridades locais. Onde quase tudo é permitido até mesmo atropelamento seguido de morte de criança. Uma prova disso, foi o atropelamento de Sarah Nadinny R. Marques nascida em 16/11/1995 e falecida em 25/05/2006 em frente a sua casa. Na data comemorativa surgem motoqueiros provenientes de várias regiões, nunca se soube quem foi o culpado, o caso continua impune. Ocorre que seus pais adotivos costumavam participar do “moto passeio” agora não mais e se retiraram da cidade para o interior. Além deste acontecimento outros jovens integrantes se acidentaram gravemente. O moto passeio deste ano superou os anos anteriores em quantidade de óbitos.

O que é mais impressionante em torno tudo, é que poucos se questionam sobre o sentido da festa, de sua origem e sobre os promotores do evento. O certo é que não diz respeito a um projeto de vida, mas de uma “cultura” de morte fomentada pelo mercado.

Depois das festividades de grande porte, a Praça da Bandeira sofre uma baixa pela dispersão típica da dinâmica do grupo investigado, que ora se associam e ora se dissociam em busca eventos nas cidades circunvizinhas, estes são criticados pela própria categoria de “hipelôs”. Após o esvaziamento do local passa a ser ocupado basicamente pelos seguintes grupos sociais: favelados, andarilhos, skatistas, homossexuais, estudante, taxistas, mototaxistas e transeuntes que costumam passar por ali. A relação com os demais atores sucede de modo amigável. Na praça também existe afetividade entre pessoas e animais, são respeitados e fazem parte da família nômade, inclusive Letícia (Bajana), Luigi e Arinã levam consigo um cachorro de apelido Belisca, seja por se tratar de um animalzinho de estimação ou pelo fato de que no mundo moderno não é muito tranquilo ficar na rua sem a proteção de um cachorro, por exemplo. Mas ampliando um pouco mais o discurso, do ponto de vista holístico é possível entender a conexão entre humanos e animais integrados no mesmo sistema.

Quando retorna a época favorável, há uma infinidade de outros segmentos sociais. Daí o espaço fica bem mais disputado, sobretudo pelos camelôs que possuem artigo de um custo mais baixo direcionado a um público de consumo; comprometendo os que estão mais ligados a arte. Mas, ganha quem tem criatividade e argumento.

É interessante assinalar acerca dos artesãos de rua a dinâmica intrínseca que dá sustentação ao movimento através da afetividade da arte, do lúdico. Um bom artesão domina várias modalidades no trabalho artístico, como por exemplo: o desenho, a pintura, a talha, a tecelagem (macramê e crochê), a modelagem, a tatuagem de hena ou definitiva, gravações de nomes no grão de arroz ou no aço, a arte na palha ou no arame, confecção de ornamentos para o cabelo, os marabales (a linguagem do fogo) permite trabalhar os reflexos, a música, escultura com areia da praia entre outras. A alternância entre um trabalho e outro, faz toda a diferença. É demonstração de habilidade também quem consome menos artigos da indústria na confecção de seu trabalho. Daí entra a prática da reciclagem.

Existem artesãos de rua que praticamente limpam o ambiente (a praça) de tanto aproveitar o lixo. Assim é Serginho já de meia idade, faz verdadeiras obras artísticas a partir de tudo que encontra pela frente que seja possível reciclar. As latinhas de cerveja associadas ao couro para brincos femininos; aproveita palitos de pirulitos e os de espetinho de churrasco, na falta do bambu para confecção de colares masculinos. O reaproveitamento da matéria prima proporciona a venda do produto por um preço bem mais em conta. Na maioria das vezes os consumidores não reclamam a qualidade do produto que estão levando consigo. O

que prova que não se trata de um público exigente ou como no mínimo consciente. É válido observar que o ato de comprar também perpassa o emocional das pessoas. É comum as pessoas comprarem movida por um sentimento de compaixão, porque julgam que os que estão na rua são necessitados, que passam fome, sobretudo se a família está acompanhada de seus filhos. Uma parcela da população demonstra sensibilidade e isso é preciso considerar. Afinal, nem todo mundo perdeu a ternura, quer dizer, consomem racionalmente.

Diante do que foi discorrido até então é indispensável enfatizar que a reciclagem ou a arte de reciclar tem possibilidades significativas tanto para o mercado formal como o informal. O trabalho artístico tem demonstrado eficiência e eficácia no enfrentamento do problema no sentido de proporcionar uma mudança de hábito. Porém, a iniciativa abordada aqui parte da população que configura uma minoria.

No que tange à escassez da matéria prima ou de condições financeiras favoráveis de repente se busca uma solução, que vai desde a compra de pedrinhas de vidro ou qualquer minério atrativo sem grande valor, e a estes se aplica uma historia ou uma mística para seduzir quem se aproxima. Com as pedras a relação é a de atribuir nomes como a pedra da sorte, do amor, do sol, do fogo e assim segue uma infinidade de denominações que fascinam. Quem não gostaria de se deparar com objetos que atraem coisas positivas? Não seria nenhum absurdo dizer que indivíduos de uma determinada sociedade costumam levar consigo algo de representação do bem. Assim, é possível ampliar o discurso reflexivo para além do que se apresenta como imediato. Quanto ao que se relaciona ao significado para a vida, diz respeito as forma que se aprende enquanto diversidade e sociedade humana.

2.3 A praça – Por que lugar dos artesãos

A temática levantada poderia ser tratada de maneira restrita pela definição de lugar público, porém é imprescindível alargar esse horizonte e atentar para questão na linha do sentido.

Em décadas passadas a Praça da Bandeira de Piripiri tinha características de certo romantismo, comportamento típico de uma cidade provinciana da época, bem tranqüila quando não só os adultos podiam sair de casa sem medo, mas também as crianças maiores. As pessoas costumavam durante à noite dar voltas ao redor da mesma, ou seja, volteavam, como se dizia na época. Mas, foi na década de 80 que a praça se tornara palco de protesto para os

movimentos sociais e populares; os festivais de músicas organizados por estudantes e artistas da terra tiveram seu ápice além dar uma conotação bem distinta a praça.

No entanto, hoje, a situação é outra. Basta observar a ausência de manifestante na Praça da Bandeira de Piripiri, fato que talvez explique a crise política local e global.

Os artesãos de rua costumam externar verbalmente que a mudança ideológica em relação à categoria tem tido implicações e conseqüências para artesanato. Quando questionados sobre o assunto há quem diga que: “o artesanato não vai bem porque o mundo está em decadência”, explica um artesão argentino em viagem pelo Brasil, no centro histórico de São Luís. E, por falar em argentino estes marcam maior presença no Brasil entre os artesãos de rua contatados.

Na verdade, são poucos os artesãos de rua que conseguem se autosustentarem com o artesanato orgânico, por isso uma parcela destes mesclam o artigo com material sintético, há os que sustentam a opção. O cotidiano é carregado de desafios, como por exemplo, o de iniciar o dia sem ter o mínimo de dinheiro para se alimentar. A respeito disso é interessante conferir o testemunho a seguir: “Ao amanhecer o dia quando não se tem nem para o café a pessoa decide, seguir dormindo ou ir à luta”, afirma Fernando. Proveniente da Argentina, mas temporariamente em Piripiri (um mês). Foram dias bem difíceis para ele, porque o sujeito não era do tipo que saía para manguear (chamar atenção de quem passa com argumentos para vender o trabalho artístico).

Entretanto, em uma terra onde a população está voltada ao consumo alienado tampouco valorizam o trabalho original. Era motivo de indignação para ele, por exemplo, as pessoas passarem indiferente ao seu painel. Parecia-lhe incompreensível por demais, alguém se comportar de maneira tão insensível diante do artista e conseqüentemente de sua arte. Por algumas vezes ficara tão indignado que chegou a entrar em crise. A inquietação era externada através do ato de ficar andando de um lado para outro, implicava em sair da Praça da Bandeira para a Rodoviária rural; quando não, mudava de cidade por uns dias e retornava. O cigarro também entrava em cena como elemento de fuga para suportar a dor, humanamente falando.

Outro ponto de contrariedade para Fernando recai sobre a presença de pessoas desconhecidas, outras vezes não, algumas presenças amigas pareciam fazer bem, capaz que fosse um alento numa terra estranha. O público curioso pela arte para copiar ou aprender o

artesanato de qualidade o sufocava e imediatamente parava de tramar, era uma estratégia, tinha as pessoas com as quais compartilhava o saber e os truques ou como se diz no popular, os macetes do trabalho artístico. Nem tudo era negativo, a troca de ideias era bastante positiva.

Quando se tratava de pessoas de sua confiança a relação mudava de configuração, explicava, por exemplo, a técnica correta de manusear o alicate para obter um melhor corte do arame, como fabricar uma ferramenta artesanal para perfurar ossos de animais aquáticos, em geral de peixes; répteis, vértebras de cobras e dentes de jacaré; seres terrestres do tipo de javali e onça e uma infinidade de espécies que nem se imagina. Tão interessante quanto isso era o ensinamento sobre o respeito ao ciclo da vida das sementes, o que mostra uma relação afetiva com a natureza. Fernando se diferenciava não só por ser estrangeiro, mas também sua filosofia de vida, de vertente naturalista. Trata-se de um sujeito crítico e autocrítico. Um dos poucos que deixava transparecer o gosto pela leitura. Apesar de dizer que não havia frequentado escola, demonstrava conhecimento, seu nível pode ser considerado superior e sua psicologia profunda. Caso deste tipo requer atenção por parte de quem investiga. Claro, que a investigação não está voltada para o sujeito, mas para o processo, porém sua contribuição é muito interessante como pessoa, pela dimensão representativa de uma das correntes do grupo, para a compreensão do conjunto. Os artesãos de rua com uma postura assim tem muito a contribuir, desde que se encontre a chave certa para abri-lo. Um detalhe interessante, não havia em seu corpo nenhuma tatuagem.

A praça e a viagem, por exemplo, integra o imaginário dos artesãos de rua; sem esquecer com isso sua carga de complexidade e sentido polissêmico. Assim, tais aspectos favorecem uma leitura para além das aparências. Também, remete a uma aproximação com a pluralidade dos seus discursos. Aqui vale à pena fazer referência a um deles o de: “mente livre”. Isto para que se possa encurtar a distância quanto à lógica informal da vida real na qual os artesãos de rua estão inseridos. Indubitavelmente a pedra proporciona certa liberdade. Nesse horizonte vale a averiguação da seguinte abordagem teórica Clifford (1999, p. 50) ⁴, “El viajero é por definición alguien que tiene la seguridad y El privilegio de mover-se com relativa liberdade. Em todo caso, este “el mito del viaje”.

Ao passo que a viagem para quem está de fora do movimento possa de imediato passar uma sensação de liberdade, engana-se. Uma abordagem mais profunda mostra que não é bem

⁴ Culturas Viajeras

assim. Nem mesmo os artesãos de rua estão tão seguros e livres como se imagina. A praça constitui um espaço de regras apenas mais flexíveis. Nesse aspecto joga importantes as relações e suas estratégias, ou seja, como estes constroem seus vínculos, suas tramas significativas.

A praça embora tenha uma conotação de liberdade, nem sempre se apresenta assim aos olhos dos artesãos. Pois, queixas são confessadas: “A gente fica o tempo todo sendo filmado”, diz Estranho.

Diante de uma colocação desta natureza, cabem os seguintes questionamentos: O que seria o privado para quem está na rua? A linguagem, talvez? Não seria esta uma porta de acesso?

É motivo de descontentamento, sobretudo para quem investiga quando não existe uma simetria na comunicação para que diálogo aconteça da melhor maneira. O presente estudo coloca a interpretação da linguagem como ponto chave para compreensão do grupo social investigado.

Os artesãos de rua da atualidade muitas vezes não seguem um esquema mental preestabelecido, normatizado. O que pode despertar no investigador (a) uma sensação de desconforto e inferioridade. Eis a razão pela qual a aproximação é difícil, deixando o sujeito que investiga deslocado. É comum a pessoa se deparar com atitudes de desdém, deboche, ironia e rebaixamento. Tudo implica numa maneira de manter a distância. Isso não ocorre sem razão, algo compreensível a partir do seguinte desabafo: “A sociedade tem medo da gente e agente tem medo da sociedade”, argumenta Estranho. Assumidamente micróbio. Como se vê a metáfora não é fraca e nem acontece por acaso, pois tem eco na discriminação social. As formas pejorativas do tipo: sujo, maconheiro, malandro, etc., são aplicados à categoria. Outro exemplo concreto de intolerância é manifestado assim: “Eu dou bom dia para uma mulher que passa e ela corre e pega um moto-táxi, porque acha que sou doido. Conta Camurupim de 50 anos de idade e 30 de Br. Tais expressões se fossem mensuradas, resultariam apenas numa amostra do que implica ser o estabelecimento de uma fronteira entre dois mundos.

O preconceito machuca. Então, eis aqui uma constatação argumentativa: “Tem palavras na praça que dói mais que uma porrada”. Afirma Reginaldo. Um sujeito experiente na praça com muitas histórias para contar.

Insinuações interpretativas e equivocadas configuram uma constante e, em geral parte de pessoas autosuficientes do tipo intelectual, de pensamentos rígidos, hábitos fixos, que consideram apenas um único modelo sociocultural terminam por agredir a categoria supondo que estão na rua porque não encontram lugar no mundo; como se as experiências adquiridas na vida dependessem dos anos que o indivíduo ou grupos ficam no mesmo lugar, muito pelo contrário, é na diversidade das possibilidades que se aprende e se acumula conhecimentos, a cultura nômade revela que a viagem é o sentido, é o que mostram o testemunho das histórias orais dos membros específicos.

[...] los viajeros se mueven bajo compulsiones culturales, políticas y económicas muy fuertes y que ciertos viajeros son materialmente privilegiados y otros oprimidos. Estas circunstancias específicas constituyen determinaciones cruciales del viaje en cuestión: movimientos em circuitos coloniales, neocoloniales, y posicionales específicos, diferentes diásporas, fronteras, exílios, desvios y regressos. El viaje, desde esta perspectiva, denota una amplia gama de prácticas materiales y espaciales que producen conocimientos, historias, tradiciones, comportamientos, músicas, libros, diarios y otras expresiones culturales. Incluso las condiciones más duras de viaje, los regímenes más exploradores, no reprimen enteramente la resistencia ou a emergência de culturas diaspóricas o migrantes. La historia de la esclavitud transatlántica, para mencionar solo un ejemplo particularmente violento, una experiencia que incluía la deportación, el desarraigo, el transplante y el renacimiento há desembocado em una variedad de culturas negras interconectadas: afroamericanas, afrocaribeñas, británicas y sudamericanas. (Clifford, 1999, P. 51)⁵

Pode-se dizer que teórico como James Clifford contribui para uma análise ampla e profunda nessa perspectiva itinerante, sua teoria vai de encontro com as culturas itinerantes. Entretanto, viajar implica numa forma de ser e estar no mundo. Quanto a isso uma constatação é realizada acerca de uma cena vivenciada por Bajana (Letícia), Luigi (companheiro) e Arinã (filho), chama atenção para a manifestação de um jeito de viver em família itinerante.

A praça como lugar ocupado pelo clã acaba por representar não somente o aspecto concreto. O fato de ter ocupado temporariamente o espaço não implicaria em moradia? É provável que sim.

O certo é que o tráfego na praça por pessoas com tendência nômade, propicia uma conotação distinta ao lugar. Então ao se tomar a realidade como fonte motivadora, uma ênfase é dada a conduta assinalada. Após Bajana ter feito artesanato e vendido, preparado café,

⁵ Culturas Viajeras

alimentado o filho com afetividade, lavado roupa e estendido a mesma numa parte considerável do local; despertou interpretações em diferentes níveis. Contudo, ao passar por ali a primeira impressão que ficou, foi a de estar diante de algo inusitado, um lugar incomum. Porém, um olhar para além do imediato permitiu interpretar a situação de modo distinto, como um discurso de liberdade, ou seja, de quem não está tampouco se importando com privacidade. Dando prosseguimento a questão, é provável que o contexto assinalado comporte uma leitura diferenciada da desenvolvida até aqui. Por fim, é válido atentar para aquele comportamento como demarcação de território.

Diante do exposto, faz-se necessário esclarecer que território no âmbito desta perspectiva não está voltado para a definição apenas espaço concreto (a terra), um limite geográfico, mas lugar definido pela cultura.

O grupo familiar em questão tem residência e transporte próprios, porém resolvem dá um sentido diferente de residir ou morar, tendo como consequência a rua e a praça. A chegada de famílias como a representada no contexto acima tem implicado numa prática de forma pacífica e acolhedora por parte da população de Piripiri. Se de um lado a maioria das pessoas da citada cidade tem uma cultura “consumista”. Por outro lado, demonstram “generosidade” como uma manifestação de afeto, acolhida ou aproximação. É provável que o gesto de oferecer coisas nem sempre seja bem interpretado e isso assuste um pouco quem chega. Tanto a família de Albert quanto a de Luigi experimentaram desta manifestação na linha de presentes para seus filhos, como: roupas, brinquedos e atenção.

Diante do fato apresentado há toda uma complexidade de aspectos da realidade que valem a pena ser considerados, porém impossíveis de serem alcançados em sua totalidade. Até porque a dinâmica do grupo foge dos controles de quem quer seja. A lógica interna parte de um modelo mais distante do pensamento ocidental e esta foi, sem dúvida, uma das principais motivações que instigaram a presente investigação.

A princípio a identificação com o artesanato e o artesão de rua foi motivo de encantamento. Depois à medida que a relação foi sendo aprofundada tanto pela prática quanto pela teoria a expressão do olhar sobre a realidade teve que ir sendo modelada, a praça já não era a mesma, nem muito menos os artesãos de rua.

O que importa é que a aprendizagem na linha da investigação se deu na confrontação da realidade do grupo social específico mesmo que de maneira limitada quanto ao papel da

investigadora no que tange a interpretação dos atores com seus próprios códigos sócio-culturais, aparentemente fechados. Mas, nem tanto assim, os sujeitos da organização têm possibilitado a análise da problemática e a articulação de seus processos. Além do mais, esse jeito particular de ser chama em causa o desafio rumo à ruptura como combate de preconceitos que impede fração maior da sociedade ultrapassar fronteiras, bem como estabelecer conexões culturais e interculturais. Vale ressaltar que este ponto constitui um dos principais elementos chave que contempla o interesse particular da autora seja pela coerência em termo de relevância social da investigação ou também, porque do contrário não honraria a confiança dos interlocutores e demais sujeitos envolvidos no processo, não seria ética por excelência.

Discorrer sobre a exposição de alguns fatos de vida tem sido possível dizer de algo bastante revelador de estranhezas e de sentimentos de identidade em distintos níveis em que jogam as relações sociais dos papéis, dos grupos e de situações. Isto remonta participação e cotidianidade.

[...] La cotidianidad es el resultado de una aticulación específica entre las actividades y las naciones, entre lo formal y lo informal, lo no documentado y lo intersticial, las contradicciones entre lo que hace y lo que dice que se hace; es una composición que deja traslucir ritmos, pausas y sonoridades, simultánea y sucesivamente. Y así como es necesaria toda la orquesta para ejecutar una partitura, también é necesario el contexto em processo para reconocer el sentido de cada hecho de la vida social; viver em esse contexto familiariza el investigador en la interpretación de sus claves, sus silencios y sus momentos de tensión. (GUBER, 2004, P.193) ⁶.

Escrever com base nas experiências do cotidiano do povo da rua de cultura diferenciada como os já citados textualmente é, sem dúvida, surpreendente. Na linha deste raciocínio as expectativas etnográficas se ampliam. Energias e dedicação são componentes de sustentação no que se relaciona ao olhar atento ao cambio, mas inclusive pela tarefa exclusiva de movimento de busca constante acerca do claro desempenho da tarefa teórica e prática.

Dentre os inúmeros desafios que requer habilidade por parte de quem investiga, em parte está voltado ao feminino, o processo de investigação no contato direto deve começar pelas mulheres. Qualquer aproximação no âmbito dos integrantes, o cuidado deve ser com as mulheres, pois em geral elas guardam as informações mais necessárias e, além disso, são bastante ciumentas, com exceção de algumas, nisso consiste um dos problemas. Na verdade

⁶ Participación y continuidad

um debate em volta da categoria gênero seria bem interessante, porém, trata-se de um tema para outro capítulo.

No que diz respeito à problemática levantada sua abrangência é de suma importância na elucidação de obstáculos no posicionamento do investigador(a) em face de um contexto concreto que se apresenta como dificuldade de entrada. A introdução exige como no mínimo paciência e psicologia, o que favorece certo preparo metodológico frente a uma reação muitas vezes inesperada num contato inicial, mas vale também para outras circunstâncias. O desconhecido nem sempre é aceito de imediato e isso poderia ser tomado como uma hipótese. A presença de outra mulher pode representar uma ameaça. Dada a esta complexidade é melhor a pessoa ficar precavida, mostrar-se desinteressada, ou seja, chegar como quem não quer nada. A princípio o mais viável é observar, escutar e por fim, estabelecer um diálogo numa base de amizade, o que leva tempo.

Agora, no que diz respeito a um agrupamento somente do sexo masculino, não implica em maiores problemas, exceto quando estão sob o efeito de algum entorpecente. Isto não tem tanto a ver com uma resposta no horizonte da agressividade, a pretensão explicativa do real está ligada as tramas, ou melhor, como as mesmas estão sendo tecidas e em favor de quem. O fato, por exemplo, de ter um amigo no grupo é essencial. Disso não se pode duvidar. Contudo não quer dizer que o indivíduo esteja seguro diante de um possível desafio, pois provavelmente o posicionamento predominante é em detrimento do próprio grupo, então confiar seria duvidoso devido às normas que os regem. Sabe-se que não é nada ético violar as regras em qualquer estrutura social. Por esta razão, é tão fundamental atentar para a cultura a partir de um enfoque sistêmico.

Ver la cultura como un proceso de construcción sistémica de todo aquello que se vive como pueblo, permite superar la equivocada tendencia que la reduce a determinados rasgos específicos. No podemos buscar cultura solos en aquello que es facilmente perceptible: vestido, lengua, ritualidad, fiesta, sino también em aquellas manifestaciones simbólicas que no siempre están conscientemente vividas, ni obviamente manifiestas; hay que ir más Allá de lo externamente perceptible. La cultura se expresa tanto em lo social, lo econômico, lo potico, lo ideológico, en el mundo de las representaciones y los imaginários simbólicos. (ARIAS, 2002, P. 81 a 82)⁷.

⁷ La cultura como construcción sistémica

É bastante compreensível no que tange ao papel de quem investiga, seja porque é imprescindível aos procedimentos aplicáveis relativos às iniciativas que primam por uma investigação em torno de um dado grupo cultural, onde requer conhecimento global, suficiente para o desenvolvimento da pesquisa. Sobretudo, quando a bibliografia é extremamente reduzida e o campo é praticamente a única fonte inesgotável de informações para que se concretize a tarefa de construção da tese. Em todo caso o sujeito tem que se virar para que não se deixe levar pelo desânimo e abandone o projeto tão desejado. É por esta razão que a presente investigação contempla como metodologia: temporalidade, espacialidade e sentido. A contribuição em vista de uma relevância social não poderia deixar de olhar para o conjunto dos caracteres peculiar a realidade específica e ao mesmo tempo manter-se atenta as diversidades culturais, com a qual o referido grupo está articulado inevitavelmente, até porque não são seres isolados do contexto maior. Tão necessário quanto isso é fazer referências a realidade do entorno no horizonte da dinâmica da vida que abarca a sociedade humana. O trabalho etnográfico não é algo estático, mas criativo e aberto a infinitas possibilidades, porém imprescindível que estejam comprometidas com a vida. O que se defende aqui é um estilo estreitamente ligado não apenas as convicções próprias da autora deste trabalho de caracteres etnográfico, mas em decorrência de uma sintonia com as teorias como fator de transformação social.

CAPÍTULO III

3 COMO ESTÃO CONFORMADOS

As relações de cultura como viagem construída coletivamente no universo da rua onde se encontram os artesãos tem uma configuração bem diversificada e, para melhor entendimento da questão levantada é interessante considerar neste capítulo o enfoque construtivista. Isto do ponto de vista teórico. É importante dar atenção às circunstâncias históricas que os impeliu de tal sorte, a uma desterritorialização forçada como condição de vida. Mudança caracterizada obviamente pelas relações de forças endógenas ou exógenas e, sem dúvida, determinantes no processo.

Com referência as colocações supracitadas têm preponderância o fato de que a abordagem nessa linha tem possibilidades de uma reflexão mais acertada para a atualidade, sobretudo, no que diz respeito ao estudo do outro. Acerca do campo das percepções vale a pena salientar o contexto cultural. Como fio condutor que deu origem a discussão em torno da conformação cultural. No que tange as interpretações acerca do grupo étnico em pauta é indispensável circunscrever sobre o conceito de etnicidade em vista da superação das concepções clássicas do tipo essencialista, por exemplo. Muito embora, no passado possa de alguma forma ter contribuído em outros aspectos, não serve para explicar o contexto sócio-cultural concreto para qual está voltada a presente investigação. As posições mais atuais falam de uma etnicidade cujo caráter é dinâmico.

La etnicidade se refiere a una de las formas de identificación social que se establece y se expresa, primero, con la relación con uno mismo, luego para la relación y negociación de su identidad con los otros diferentes a través de formas de pertenencia y diferencia construídas sobre la base de diversos rasgos y características que dependen del enfoque con que es analizada. (ARIAS, 2002, p. 113)⁸.

A análise profunda acerca da temática de etnicidade permeia a realidade de diferentes perspectivas desde os primordialistas, instrumentalistas e construtivistas. Os distintos enfoques evidenciam a natureza do processo que remontam explicações sobre a realidade. No entanto, a pretensão aqui não é a de desenvolver nenhum tratado sobre o assunto, mas dizer

⁸ La etnicidad

do compromisso com a mudança no que diz respeito ao rechaço das posturas essencialista que sustentam conceitos relativos à cultura de maneira estática. Trata-se de dar asas as teorias que dão suporte a uma antropologia comprometida com a mudança, com a vida. O papel atual é desmistificar as concepções encravadas em seus biologismos.

A fase inicial deste capítulo consiste numa proximidade dos conceitos interrelacionados com o caráter organizativo do grupo social estudado. Deste modo, os resultados colhidos que partem de uma participação observante revelam que seus integrantes compartilham das mesmas convicções, mas salvaguardam suas particularidades. Observa-se, também, o sentido de pertença, mas tendo em vista a fronteira existente em relação à sociedade envolvente.

Entretanto, o panorama teórico-metodológico da investigação acena para o jeito como se encontram conformados os artesãos de rua, revela um sistema de pessoas que respondem culturalmente a uma luta pela sobrevivência e, para tanto, trabalham.

Agora, quanto à organização social pressupõe relações solidárias e recíprocas, portanto, não se trata de uma cultura literalmente alienada do ponto de vista da opinião pública que julga de maneira deturpada. Quando na verdade, em sua constituição se faz possível averiguar que tem sido possível a estruturação de princípios e valores, mecanismos cuja função social é proporcionar o fortalecimento de sua base de sustentação; numa relação que jogam as percepções sejam de tempo e espaço. Sobre estas não há mais tanta necessidade de enfatizar porque é uma questão pertinente. Agora, quanto ao conhecimento, às emoções, os hábitos alimentícios, as práticas sexuais, as relações de sexo e gênero, as expressões corporais temperamento e entre outros aspectos serão mais bem detalhados na produção do texto que se segue neste capítulo.

No estudo do comportamento do grupo específico assinalado a coletividade é um dos elementos indispensáveis para entender o modelo correspondente em questão. No que se relaciona ao conteúdo selecionado uma das chaves de leitura do contexto concreto é realizada por meio da categoria cotidiano, através desta tem sido possível averiguar a ação social dos membros envolvidos, bem como estes percebem o entorno físico no qual estão modelados culturalmente. O ato de pensar e repensar suas posições dá suporte para a formação de uma boa base e conseqüentemente o aprimoramento do processo de interação social.

Os indivíduos que ocupam o espaço urbano e estão na rua, tem como meio de sobrevivência o trabalho informal como o artesanato, nem sempre dispõe de uma reserva em dinheiro ou uma poupança, pois sua lógica de tempo não bate com a do capitalismo. Mas se de repente alguém do grupo é apanhado de surpresa por uma necessidade, como em caso de doença, fome, morte de familiares entre outras circunstâncias; conta com a colaboração dos colegas que atuam como uma rede de solidariedade. A pessoa vulnerável a este tipo de situação poderá até vender a sua produção, porém não de forma isolada. A força por parte do grupo possibilita que o sujeito comprometido pelo problema supere a dificuldade. Os mais radicais nunca ou dificilmente recorrem à ao grupo familiar construído na linha da consaguinidade para solicitar ajuda diante de um problema do tipo exemplificado. No máximo comunicam que estão vivos. É algo que faz parte das regras de quem está na rua onde os problemas devem ser superados ali, não se trata de uma regra geral tampouco de opressão. Nos momentos de crise vem à reflexão, e nesse sentido é importante salientar que a categoria família vem à tona, seja no sentido positivo ou negativo. Fazem parte do grupo pessoas por opção livre e outros estão por uma história de vida que os impeliu de forma forçada onde o sujeito não tinha outra escolha e em torno disso se verificam sintomas de revolta e predisposição a reações inesperadas, representadas ou materializadas de diversas maneiras o que é doloroso. Por que entra em jogo a agressividade. Claro, aqui não se trabalha com a do tipo organizada, como grupo social de temperamento agressivo, todavia, o delineamento do problema chama em causa as particularidades. Representadas ou materializadas de diversas maneiras, que poderão ser constatadas com detalhes nos distintos capítulos. No parágrafo abaixo segue uma descrição voltada para a sistemática ilustrativa reveladora de rupturas dos laços familiares como passo para integração de outro segmento social.

O contexto analisado do sistema sócio-cultural em questão, leva em conta a natureza dos relatos, os quais revelam que em certos casos a família biológica costuma procurá-los com interesse de revê-los ou fazer simples contato, mas o mesmo nem sempre acontece com todos ou todas do grupo. Em muitos casos os filhos reagem como verdadeiros fugitivos. Não querem qualquer aproximação. Quando existe a presença de estrangeiros integrados ao grupo dos artesãos de rua não ficam excluídos, triunfa o princípio de solidariedade como prática de construção da realidade, para isso existem as redes como estratégia, combinação de comportamento articulado em detrimento de uma comunicação que dá cobertura ao sujeito em estado de vulnerabilidade. Portanto, propiciam certa tranquilidade mantendo o indivíduo avisado de que tem pessoas do mesmo país rondando por perto. Um testemunho mostra o

seguinte: “Tudo que tentava fazer dava errado”. Dizia Fernando, um argentino em temporada em Piripiri. Sua história revela aspectos similares aos de muitos que saíram de casa cedo por alguma frustração, tentativas de retorno para suas residências são realizadas, porém costuma ser sem sucesso até que rompem permanecendo de vez na rua. Nesse horizonte o conceito de família natural é superado. O caso selecionado prova como funciona de fato a organização. A esta rede de comunicação costumam chamar de maneira muito espontânea de rádio cipó. E, é a través deste comportamento que todo o movimento se mantém informado dos acontecimentos, sobre quem chega e quem sai. Os novatos também são protegidos até que sejam aceitos. Para casos assim existem os que cuidam da introdução de um novo integrante no grupo e isso evoca a conformação cultural de espaço e principalmente de tempo pela temporada de preparação, equivalente a um ritual de passagem.

Para exemplificar, vale lembrar que o casal mencionado no capítulo anterior Carol e Irley é tomado aqui como ponto de referência. A jovem estava sendo introduzida pelo namorado no mundo dos artesãos de rua. Em razão disso, faziam uma viagem de purificação, sobretudo pelas cachoeiras. Neste caso, a função social de tempo e espaço tem preponderância e estabelecem relações estreitas com a atitude de inserção e proteção da mesma. Quando interpelados sobre o assunto deixam transparecer que se trata de uma forma de casamento. Com eles registros fotográficos, comprovam a passagem por diferentes localidades visitadas por ambos. No contexto da cachoeira do Bota Fora em Piripiri na zona rural a 25 km da cidade onde acamparam provaram que eram do improviso, um aspecto bem interessante e fundamental para quem opta por uma vida nômade. Mas, sobretudo para uma análise processual. O referido companheiro em questão não é do tipo que fica acomodado, é dinâmico. Ao chegar ao destino desejado logo trataram de prover alimentos e adquirir lenha para fogueira que iluminaria a noite além de servir de proteção em relação aos animais. A noite era de lua e entendiam que devia ser vivida intensamente. Os dois se garantiam na natação, Carol muito mais ainda. O certo é que aproveitaram bastante. Durante o dia a mesma improvisava os utensílios para o preparo dos alimentos, com uma pedra encontrada entre as demais que caracterizava o terreno, pisava o alho para temperar a comida. No entanto não estava sozinha ao realizar a tarefa porque Irley estava sempre colaborando. Na cidade o simpático casal dava testemunho de sua opção e mostravam-se satisfeitos ao passo que experimentavam da radicalidade a ponto de dormirem ao relento. De tal modo eram precavidos, mas vulneráveis. A jovem aparentemente parecia saudável, mas tinha uma mania de ficar um tanto distraída e nisso arrancava os fios de cabelos, tempos depois descobrira que

se tratava de um transtorno de ordem psicológica. As considerações realizadas até aqui é de interesse pessoal da autora, tem a função de ilustrar mais ou menos o cotidiano de inserção na categoria dos artesãos de rua e estabelecer coerência etnográfica.

No delineamento deste campo temático, requer o estabelecimento de relações entre o capítulo anterior e o que está em construção para uma breve análise dos exemplos demonstrados. A retomada possibilita o seguinte: no primeiro caso levantado é colocada em evidência uma situação de crise, de acrisolamento pela qual passou Fernando, o argentino; no segundo momento circunstancial mostra o estado de ânimo vivenciado pelo casal da região nordeste do Brasil. As sensações colhidas para a construção do presente estudo comportam a averiguação da qualidade das emoções. Se de um lado foi possível constatar um comportamento estressante, de outro lado emoções descontraída. Na verdade o que se pretende com isso é um olhar sobre a realidade em detrimento da cultura.

Toda a demonstração teórica realizada acerca das questões levantadas para construção do presente capítulo instiga uma observação necessária. Por duas razões, a primeira está ligada ao fato de que a autora deste trabalho não tem como estilo o pensamento do tipo analítico, mas global, portanto, não segue um rigor formal. Que implicação teria isso agora? Nada mais que dizer que a segunda justificativa tem fundamento no que diz respeito aos elementos constituintes do texto, para que ao fazer descrições sobre a realidade não se corra o risco de cair numa repetição, tendo em vista que muitos aspectos desta natureza já foram descritos no capítulo anterior.

3.1 Percepções e saber

A opção pela terminologia “saber” está associado à concepção da perspectiva dos sujeitos que estão na base por entender que saber não é o mesmo que conhecer. Para Alicia Fernandes (1991, p. 129) A linguagem, no seu uso popular, costuma fazer esta diferença entre conhecimento e saber. Para está de acordo com os que se identificam com esse pensamento, preferiu-se acatar este vocábulo carregado de sentido.

Grafar sobre o campo investigado requer uma visão de conjunto e abertura para alcançar as diferenças num contexto que é muito mais amplo do que se imagina. A perspectiva é pluricultural. Pela pluriculturalidade se faz possível entender como os artesãos de rua estão conformados e isso vale para a análise dos demais elementos culturais.

Ao discorrer sobre esta temática tem sido imprescindível atentar para terminologia sentido como elemento pertinente no processo, ou melhor, do porquê as tramas acontecem e estão contidas caracterizando vínculos implicativos na dimensão do que é valor de consistência para a base de sustentação do movimento, e para a pesquisa pelo alcance interpretativo das conexões do tecido social.

Antes de adentrar ao desenvolvimento do conteúdo do texto, uma pergunta se faz necessária acerca do subtópico assinalado. Por que percepções e saber? A primeira justificativa está vinculada aos condicionamentos pelos quais os artesãos por estarem na rua são vistos pelo público de forma pejorativa e rotulados de vagabundos, preguiçosos, maconheiros, traficantes entre outras infinitudes de atribuições negativas. A opção ou condição de não terem um trabalho fixo, pouco formal, não quer dizer que sejam incapazes, pouco inteligentes, ou tampouco fiquem indiferente ao mundo físico, a realidade a sua volta. O público enquanto maioria que julga pela aparência, por motivações etnocêntricas desqualifica a categoria. O preconceito arraigado de tal modo que o estado de cegueira da população que discrimina não permite que os enxerguem como humanos e que dentro deles existem sentimentos. Todavia os componentes do mencionado grupo são pessoas com potencial compatível aos demais seres humanos, nem são inferiores ou superiores. Pessoas simpatizantes do movimento podem vê-los por estas lentes, com os olhos do coração.

Teoricamente se discute estilos cognoscitivos no campo da inteligência humana como o tipo analítico e global, entre outras teorias. Ocorre que no mundo científico ainda prevalece o pensamento de intelectuais bastante seletivos. Infelizmente há antropólogos por demais preso ao racionalismo que contribuem para enfatizar as diferenças. Na esfera educativa no âmbito acadêmico, por exemplo, isso é claramente constatado. Realizam-se comparativos injustos que acentuam cada vez mais as desigualdades, favorecem a segregação. Em face disso, estabelecem uma clara divisão de um lado estão os estudantes de domínio da escrita e do outro, os da oralidade. Os que fazem parte da última classificação, jamais terão suas teses publicadas, pois são tidos como inferiores. Então não é surpreendente o fato de que os que estão na rua passem pelo crivo dos que subjagam as culturas. Realidade inegável. Para não cair no negativismo vale à pena ressaltar a dialética em que o saber inclui também o não-saber.

Contudo, teorizar em torno deste cenário no qual estão inseridos os artesãos de rua o intuito não é o de enfatizar um modelo ideal. A segunda justificativa se baseia no motivo de

tampouco estarem preocupados com o conceito de conhecimento dominante. Vale lembrar que os integrantes do movimento não compactuam com a política de educação escolar, sua ideologia é outra. Segundo postula Serena Nanda (1994, p. 75)⁹ “El valor del estilo analítico en nuestra sociedad tiene una relación óbvia con la educación formal, la naturaleza especializada de la tecnología industrial y el surgimiento del pensamiento científico como una forma para comprender el mundo”. Eis aqui parte do fundamento que torna transparente a opção pelo acato da terminologia “saber” ao invés de conhecimento, reforçando, assunto desta natureza não desperta nos artesãos de rua o menor interesse.

Ter um posicionamento esclarecido a respeito da organização social é imprescindível para a compreensão da mesma. Por exemplo, quanto aos componentes do grupo não demonstrarem de imediato uma simpatia pelo tipo de educação supracitada constituíra uma das manifestações de comportamento que tem despertado maior curiosidade no horizonte da atual pesquisa. A informalidade como o improvisado, a lógica, tempo e espaço distintos; enfim sua organização social faz toda a diferença. A ênfase dada na linha do saber tem a ver com um dos aspectos inerentes ao referido movimento. O porquê de tudo isso está intimamente relacionado com um dos temas de maior abrangência na interpretação da estrutura do grupo social assinalado.

Antes de qualquer comentário a respeito da temática levantada deve prevalecer o bom senso, pois não corresponde a uma opinião fechada, na linha das percepções e saberes, apenas de uma prévia sobre o que ainda está por vir.

La visión positivista y racionalista del conocimiento, há enpleado niveles denotativos de leitura de la realidad, pues no há entendido que el ser humano, es capaz de expresarla realidad com múltiples lenguajes, occidente solo priorizó el lenguaje racional y experimental; así para el racionalismo, cualquier postulado que no pueda ser asimilada por la lógica racional, resulta irrelevante y no merece consideración alguna. Para el empirismo positivista, cualquier fenómeno o afirmación que no responda a las leyes experimentales, marcadas por el número y La tabulación, no posee validez, puesto que solo aquello, que era demostrable, observable, comprobable empiricamente podia entrar em La categoria de fenómeno científico, esta es la causa por la que occidente para interpretar y conocer la realidad fragmento la vida, y vio la necesidad de descomponerla para estudiarla y entenderla; la grand paradoja de occidente, es que tuvo que matar la vida para poder comprenderla; dicho modelo, se erigió como el modelo único y hegemónico del conocimiento. (ARIAS, 2002, p.13)¹⁰

⁹ Cultura y conocimiento

¹⁰ Conferir: El ser humano como animal simbólico o niveles de lectura de la realidad.

Em meio a presente discussão é sugestivo buscar uma verificação acerca dos elementos conjugados ao fenômeno observado. Uma ponte entre uma verdade e outra pressupõe a ampliação da análise voltada a um tema nada fácil de ser trabalhado.

No âmbito das considerações colocadas até aqui do saber construído socialmente na rua tem preponderância no sentido de assegurar de alguma forma o conhecimento que parte do mundo da cultura como superação do pensamento que se impunha como verdade absoluta. A força desta resposta se mostra insurgente. O panorama traçado em direção ao que se preconiza em termo de inteligência não bate com o ocidental. Daí que a discussão em pauta deste trabalho tende a uma abordagem não muito afinada com estilo cognoscitivo analítico, conforme exige o padrão acadêmico. A parte o fato, o que se tenta é trabalhar com as duas possibilidades.

Por esta razão, o empenho para fazer o desdobramento de ordem científica em torno do conteúdo proposto implica numa modalidade que não se prende literalmente a um conceito preestabelecido de interpretação do real, que prima pela objetividade.

O posicionamento básico no enfrentamento da questão da percepção do conhecimento instiga a uma leitura dos fenômenos abarcando o todo. Portanto, importa à diversidade de elementos culturais constituintes do pano de fundo no estudo que visa alcançar o conjunto dos componentes essenciais como categorias de pessoas, objetos e situações. Grosso modo, comporta aspectos relativos também a classificação social, porém não é viável enumerá-las porque o conteúdo não está selecionado para a presente abordagem, ou seja, destinada para os próximos capítulos. É nessa direção que se afirma que o momento ainda não é propício para o desenvolvimento de uma reflexão mais apurada das categorias complementares.

Haja vista, que o interesse aqui é delinear sobre as capacidades relacionadas ao universo das percepções que convergem proporcionando sustentabilidade a cosmovisão dos sujeitos em descrição. O desempenho nessa linha pelos membros da cultura não se limita a uma visão reduzida do mundo enquanto espaço urbano, tanto que apesar das transformações não desprezaram o alternativo, o rural. Os exemplos apresentados anteriormente comprovam que não estão submetidos em sua totalidade aos processos de urbanização, porém atentos as dinâmicas urbanas, mas como parte delas por força das circunstâncias de uma interrelação forçada, como realidades inseparáveis. É bem verdade que não se quer de modo intencional fazer uma etnografia da cidade, apenas tocar precisamente na limitação de oportunidades que o fenômeno urbano promete como contrapartida em tempos modernos.

O enfrentamento do nível de leitura da realidade leva ao seguinte questionamento: Como os artesãos de rua se percebem diante de um contexto tão complexo? Ao examinar o processo no âmbito de suas estratégias cotidianas, remete ao modo destes interagirem com as diversas situações e demais regiões. Nesse rumo não há dúvida de que sua percepção tem alcance profundo, transcende para além do espaço físico. Dos desdobramentos reflexivos resulta claro, que a relação com o grupo cuja cultura não é considerada, instiga uma atenção voltada para a situação não só de vulnerabilidade, mas também do embate conjunto dos mesmos.

O enfoque que parte a princípio da apreciação dos valores ligado ao comportamento do grupo social, nem de longe poderia deixar de fazer referência a consistência e a coerência no espaço da comunicação. Aquilo que a sociedade desconhece e assim mesmo julga, precisa ser ressignificado. As reações negativas por parte do público só acentuam as contradições. O problema de fundo não se combate pelo simples fato de amenizar esta ou aquela limitação, tem implicações de ordem metodológica e de interesse dos atores envolvidos. O fato dos artesãos estarem na rua com um estilo diferente e que não seguirem a linha do confronto, não significa que sejam literalmente passivos ou pior ainda, resignados a vida. A forma de reagir caracterizada pela insurgência é peculiar ao movimento apontado. Quando se retoma, por exemplo, a história dos hippies da década de '60 originários dos Estados Unidos, observa-se que após a Segunda Guerra Mundial a grande repercussão que teve em muitas outras culturas o movimento chamado de contracultura. Um breve olhar sobre contexto histórico do Brasil revela que sua repercussão não foi tão expressiva como em outros países, mas uma ênfase deve ser dada ao que se denominou em termo de movimento Tropicália ou Tropicalismo que se deu através da cultura e da arte. Músicos como Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros configuram referências das músicas da época pelo peso político de suas letras.

Uma leitura que parte destas considerações dá visibilidade para uma aproximação do entorno das motivações que do enfrentamento radical dos valores encravados da sociedade ocidental. Em direção a isso, vale salientar o modelo capitalista com toda a sua carga de impactos: a jornada de trabalho que extrapola o limite da pessoa humana, a acumulação, a estratificação social, o individualismo, o consumismo, etc. Evidentemente que os hippies não compartilhavam nos valores da classe média americana e queriam externar suas opiniões. Porém, por essa tomada de atitude enfrentou o preconceito por parte das pessoas de concepções mais conservadoras e, obviamente com grau de pertença a burguesia. Na atualidade versar em detrimento do legado daquele estilo de comportamento tem ainda hoje

uma série de implicações que não escapam aos holofotes das elites dominantes. Nesse sentido a abordagem requer senso crítico e uma postura em detrimento dos se manifestam de modo insurgente buscando na cultura elementos plurissignificativos de conotação política para prefigurar, configurar e reconfigurar sua existência cultural. A presente reflexão toma o contexto da cidade e do interior como espaços de comunicação e construção de sentido, portanto, contempla a linha do simbólico.

Los universos simbólicos son en consecuencia el conjunto de significados y significaciones construídos por una cultura, que ordena y legitima, los roles cotidianos, constituyen el marco de referencia para poder entender y operar la realidad del mundo, y hace posible, además, el ordenamiento de la historia, y permite situar los acontecimientos coletivos en una unidad de coherencia necesaria dentro de una temporalidad en la que tiene sentido un pasado mítico, más no ilusório, para entender sus experiências presentes y sobre la base de sumemoria, pensar el futuro, es por ello necessário ver que los universos simbólicos, están cargados de historicidad, ya que son un produto social e histórico concretos, de ahí que no puede entenderse, los procesos de significación y de sentido de las diversas culturas, sin analizar, los procesos históricos que los hicieron posible. (ARIAS, 2002, P 17 a 18) ¹¹.

Os participantes do grupo social em questão demonstram habilidades no manejo das relações sociais e suas facetas revelam que as redes anteriormente citadas se caracterizam na ação simbólica. Esta modalidade cultural revela que, para surtir efeito operam de forma discreta e harmoniosa. Lançar mão desta estratégia tem sido fundamental para certo controle do contexto da vida cotidiana, para que possam ter êxito da superação do problema, embora mais tarde se deparem com outros desafios.

Apesar de a estrutura social apresentar um comportamento que passa uma ideia de que estejam dispersos, espalhados região a fora, não é bem assim. Existe uma parcela do grupo mais maduro que observa os novatos que chega à praça ou ao mundo da rua enquanto artesão. Em direção a este ponto, pode se supõe que não estão totalmente livres de controles.

É provável que a atuação nesse sentido seja atribuída pelo critério da idade por parte dos mais velhos. Para exemplificar, uma retomada do contexto de Píripiri é indispensável. Por força das circunstâncias a referida cidade passou por um exame destes por parte de dois coroas artesãos de corpos bem tatuados, uma espécie de guardiães e já um tanto envelhecidos, que transitam com este objetivo sem se declarar que são do tipo que investiga, falam pouco ou simplesmente observam. A presença dos mesmos chamou atenção na época, pois na “pedra” estava acontecendo muita desordem como brigas de ciúmes que resultava em quebra-quebra do próprio artesanato. A polícia local não demorou a agir naquele momento. A atitude da mesma implicou em fazer com que os “malucos”

¹¹ El símbolo de como constructor de sentido de la existencia

passassem adiante. Mas, em que consiste a repressão? Quando a mesma entra em cena obriga os envolvidos a partir do município para outras cidades imediatamente com tempo apenas de adquirir o dinheiro suficiente para a passagem. Diante de um caso desta natureza, instiga a outra pergunta. Quais são as conseqüências disso para os atores do movimento? Senão, perdas materiais e imateriais, pois resulta na venda de um artigo de arte por um preço bem inferior ao valor correspondente, mas não somente isso dificulta o trânsito dos que por ventura possam chegar ao lugar onde se constroi comunidade. Acerca do quadro assinalado sucede que nem tudo é perdido, ou melhor, indubitavelmente outras formas de relações também se criam. Caso alguém colabore com o sujeito a sair de um aperto desses ao retornar ao lugar onde o fato ocorreu o indivíduo é reconhecido por ter prestado solidariedade e é apresentado ao grupo como sangue bom. O que significa um ser humano do bem e muito mais.

Sem dúvida, um contexto desta natureza amplia as possibilidades de avaliação dos integrantes da cultura. Outro aspecto interessante acerca disso é o Encontro de Comunidades Alternativas – ENCA acontece uma vez por ano em estados diferentes. Trata-se de uma concentração marcada pela presença dos artesãos de rua através de um grande acampamento. A Capital de Belém do Pará, por exemplo, já fora contemplada pelo movimento na Praça da República. Outras regiões do Brasil também tiveram a oportunidade de tê-los como presença. O estado do Ceará esteve sendo bem cogitado pela categoria.

Sobre o objetivo do acampamento não é revelado ao público. No entanto, um posicionamento em relação ao tema levantado conduz a percepção correspondente a um dos pontos alto da organização social, não só pela configuração, mas também porque se preocupam com reconfiguração de sua consistência. Afinal, a articulação tem identidade própria. Observa-se ainda que os sujeitos sociais estejam predispostos a salvaguardarem suas convicções, firmes na linha do alternativo muito embora na prática optem por evitar colocar nos seus discursos os segredos que lhe são peculiares.

3.2 Percepções e emoções

Os novos estudos antropológicos acenam para fatores de ordem emocional. Claro, que o que se discute aqui não segue um padrão na trilha do romantismo que se conhece de um ocidente em crise nas relações interpessoais, que só tem servido para despertar temática de novela mantida pelas grandes corporações do sistema Globo, SBT, Record e outros detentores de multimídias.

Da objetividade a subjetividade transcorre inúmeras reflexões e dentre elas a atual postura não deve ser nada neutra. Em que consiste a incorporação de elementos antropológicos que tem o papel de alcance na promoção da diversidade? No que tange a problematização da realidade não se trata de estabelecer um contraditório no sentido de acentuar hierarquias interculturais, mas de encontrar a justa

forma de confrontar teoria e prática, para a compreensão do real, das abstrações da verdade, ou melhor, das verdades.

Las normas clásicas de análisis social están condicionadas por un mundo cambiante y se han ido desgastando desde finales de los años sesenta, y han desejado el campo antropológico en una crisis creativa de reorientación y renovación. Los cambios en el pensamiento social han vuelto cada vez más urgentes las cuestiones relativas conflicto, el cambio y la desigualdad. Los analistas ya no buscan armonía y consenso en la exclusión de las diferencias y sus consistencias. Para el análisis social, los límites culturales han pasado desde los márgenes hacia el centro. En ciertos casos, estos límites son literales. Las ciudades de todo el mundo obligan hoy cada vez más minorías raciales, étnicas, lingüísticas, religiosas, sexuales, clasistas. El encuentro con la diferencia atraviesa toda la vida cotidiana moderna en los ambientes urbanos. (ROSALDO, 2000, P. 49)¹²

A antropologia assim como às demais ciências grosso modo tem caminhado lentamente ao longo dos tempos, porém não se pode negar a sua particularidade no esforço em realçar a mudança no campo teórico, bem como sua repercussão no terreno da prática, como forma de tornar evidente a superação de seus limites reais de fato. Os desafios de hoje já não são os mesmos do passado tendo em vista que a vida é dinâmica. O que fazer para responder aos apelos da atualidade que parte das categorias pluriétnicas?

O estudo no âmbito da percepção das emoções articulada aos distintos aspectos inerente ao comportamento humano tem como eixo temático a conformação cultural, pois contempla uma das melhores formas para entender o conteúdo em pauta, como também para compreensão do grupo étnico assinalado, que conforme já se preconizou desde o princípio dá para perceber que frente ao mesmo não fica incólume um temperamento coletivo em que o emocional tem contado fortemente. Com esta afirmação não se quer dizer que se trata de uma conotação natural, mas cultural.

No segmento das emoções como resposta que tipifica uma das possibilidades de como os seres humanos se encontram organizados em sociedade explica maneiras distintas de reagir e insurgir frente a um determinado fenômeno. Há países no mundo que não sobrevivem sem promover a guerra enquanto outros não se percebem como tal, provavelmente porque estão mais motivados a uma conduta pacífica, na linha da resignação.

As colocações acima remontam a visita de uma comitiva de portugueses articulada por Francisco Emanuel, um português numa situação de intercâmbio em Castelo do Piauí onde

¹² El desgaste de las normas clásicas

Catarina uma portuguesa apresentou a história de sua província de nome Marvão. Naquela ocasião foi um tanto surpreendente a sua exposição a respeito de que a citada cidade havia sido um forte construído por necessidades de guerra. Aquela afirmação passou até despercebida para uma parcela considerável da platéia. Talvez, porque este ponto não estivesse como foco de interesse do público ou pelo próprio poder das imagens nenhum comentário fosse feito. Uma concepção de guerra como necessidade? Repercutiu de um jeito peculiar como algo inusitado. A reflexão em torno do assunto não tem motivações etnocêntricas, mas de adentrar a lógica do raciocínio da outra cultura com o intuito de criar condições de avaliar o desconhecido. Do ponto de vista da cultura em particular, conceber a realidade pela ótica da guerra é um tanto diferente.

Os artesãos de rua compartilham suas emoções no cotidiano de forma muito intensa e de um modo que vem a público. Fazer uma leitura no que se refere ao comportamento dos artesãos antes da alta temporada é uma coisa e durante a mesma é, por demais, surpreendente. O tempo que antecede a chegada do festejo da padroeira é distinta, os membros da categoria que trabalham com a arte nessa primeira fase estão mais tranquilos, apreciam um café pela manhã na pedra do mercado, demonstram gosto pelo que fazem em termo de produção, tocam algum tipo de instrumento musical e praticam as atividades de costume de maneira sossegada, às vezes acompanhado de bebida de um cigarro, mas ainda sobre controle. Contudo, ao a iniciar a festa propriamente dita a dinâmica muda, por vezes bruscamente.

No mês de outubro de 2009 na Praça da Bandeira, na “pedra” uma turma de artesãos: Grilo, Pequeno, Rogério e outros, extrapolaram todos os limites. Claro, do ponto de vista de quem analisa de fora. O que se poderia interpretar como limite na ótica dos mesmos? Certamente tal comportamento só se explique pela voz dos protagonistas.

Durante um total de nove dias e noites consumiram muita bebida alcoólica e não tinha hora certa para beber ou parar com o consumo da mesma, de uma forma impressionante. Grilo falava bastante e alto, andava de um lado para outro da praça com uma postura de inquietação e poder de coerção, intimidava os transeuntes, depois tentava atraí-los oferecendo um perfume que dizia ter ganhado de presente, passava a ideia de que queria vendê-lo; Pequeno com um traje esquisito e uma mala de viagem que levava pela mão havia se programado para ir à festa do ridículo, ele mexia com o público, principalmente com as meninas de aparência mais alinhada e as convidava para posar para fotografias junto com ele, dava para perceber que na atitude continha certa dose de ironia, apesar de tudo, elas topavam; Rogério namorava

temporariamente uma pessoa que não fazia parte do grupo e, é provável que por esta ou outras razões, o casal constantemente estava sendo cerceado, sobretudo por Grilo e Pequeno, este último se dizia estar apaixonado pela namorada do colega, fazia drama de toda natureza, implorava que a jovem fosse ao telefone falar com a sua mãe. A dupla marcava colada. O certo é que Rogério sendo mais sossegado não podia ficar à vontade, mas também não fazia nada para modificar a situação. O casal não tinha privacidade. O privado é algo quase inexistente para o movimento. Ele como os demais que não se destacavam pela agitação se revelavam um tanto mais tranquilos, portanto, não perturbavam a ordem. Além disso, cena de ruptura no relacionamento acontecia naquele espaço; painéis ficavam jogados pelo chão, completamente abandonados pelos atores de tão bêbados que estavam. Tudo aquilo não havia sido pior porque contavam com a solidariedade dos integrantes do grupo.

O cenário acima descrito resultava por demais desolador. Por quê? Porque aparentemente a situação é depreciativa, de desordem, de caos. Em meio à festa do Sagrado modelada pela cultura típica do ocidente, constata-se em termo teórico-metodológico uma variável, ou seja, ao interrogar a realidade evoca-se a perspectiva das categorias a de tempo, espaço e sentido. No campo das hipóteses, sobressai a seguinte pergunta: Não seria aquele comportamento uma forma de questionar uma sociedade hipócrita? Haja vista, que o festejo ainda se consolida como uma festa religiosa cristã de domínio católico. O contexto sociocultural tem como força oculta nem tanto a dimensão espiritual, mas pelo materialismo encarnado. Não só os promotores religiosos do evento estão articulados em torno do capitalismo, há todo um empenho por parte dos diferentes segmentos sociais. As redes empresariais e industriais trabalham num patamar de publicidade que joga com as emoções de distintos setores da população.

Qual seria então a chave para a interpretação do comportamento ligado ao campo das emoções dos respectivos atores? As leituras antropológicas remetem a análise do problema não de forma isolada do seu contexto. Seria superficial estudar a questão pela problemática do alcoolismo, ou seja lá o qual for o tipo de entorpecente, o fato é que no conjunto das práticas culturais, contaria apenas como um dos elementos determinantes da mudança brusca de comportamento. O ideal é levar em consideração a posição dos sujeitos e a sua relação na esfera do convívio social maior, da sociedade envolvente se assim for conveniente dizer. A praça enquanto lugar ocupado pelos artesãos de rua acaba por se tornar local de indignação e descarga das emoções.

[...] La ira de los ilongot y la mía se sobreonían, como dos círculos, parcialmente separados. Pero su ira y La mia tampoco son idénticas, pés junto a grandes similitudes se encuentran también importantes diferencias em El tono, La forma cultural y lãs consecuéncias humanas, que distinguen La “ira” anima nuestras própias formas de sentirnos afligidos. (ROSALDO, 2000, p.31) ¹³.

A tomada de consciência da noção de posição que tem como ponto de partida a participação observante relativa ao mundo social dos indivíduos em seu processo dinâmico conduz a uma análise interpretativa, que permite ir para uma percepção além do imediato. Equivale ao que se quer pelo estudo da realidade com menos superficialidade acerca de um cotidiano, cuja rotina é carregada de significados e de surpresas. Adentrar ao universo da captação das emoções, portanto, não é tarefa fácil, pois aquilo que se supõe como fator de desequilíbrio para uma cultura, por exemplo, não responde com a mesma intensidade para outra. Os pressupostos teóricos aportam à concepção de que as reações emocionais se explicam pela cultura.

O desenvolvimento da temática selecionada não se trata de um conteúdo simples tampouco algo que se faça em curto prazo, sem conhecimento ou aprofundamento do contexto. Depois de um ano de peleja na busca da resposta satisfatória para explicação do fenômeno, daquilo que parecia ser um desvio de personalidade ou algum tipo de transtorno psíquico, só se tornara possível a partir dos fundamentos teóricos do autor citado. Sem um embasamento teórico que levasse em conta a força das emoções teria sido impossível formar uma opinião aberta frente às suposições anteriormente levantadas. Diante do comentário de desequilíbrio realizado na época, foi imediatamente negado por um dos artesãos. “Não é desequilíbrio”, argumentou calmamente Rogério. Foi daí que surgiu a inquietação por tentar descobrir aquele temperamento até então inexplicável.

Perguntas sobre o tema surgiam como uma tempestade frente ao enigma. Na prática havia urgência em decifrar o significado escondido atrás das aparências daquelas sucessivas cenas da vida real. Cada dia aumentava ansiedade em avançar na investigação e pensamentos persistiam de maneira hipotética. Como trabalhar em cima do nada? Qual caminho levaria a tal resposta que tanto aspirava? A sensação de deserto pairava no ar. Não havia algo que vislumbrasse nenhum horizonte. Era como tatear no escuro, mas enfim, surge uma luz no fundo do túnel, porém só mais tarde aparece a resposta mais elaborada.

¹³ Como encuentre la ira em la aflicción

A produção por excelência só se tornou plausível a partir da culminância das vozes dos atores, contudo, a obtenção do êxito deste processo investigativo está intimamente ligada à ao jeito de lidar com o desconhecido. Evidentemente que isso é imprescindível, porém se consolida apenas como parte do cuidado que se deve ter como necessário na acareação daquilo que perpassa a linha emocional da categoria. Não faz sentido teorizar em favor de uma modalidade simplista. Daí a importância da análise processual. Significa dizer, que sem o conhecimento teórico fica quase impossível encontrar esclarecimentos sobre a realidade e sobre as verdades. É em razão disso que se diz que a experiência concreta de trabalho de campo deve está conjugada aos demais aspectos metodológicos e teóricos, pois dão suporte ou certo preparo diante das surpresas no decorrer do processo de pesquisa, seja no horizonte da objetividade ou da subjetividade.

O empenho investigativo é criativo e de tal maneira que a capacidade de indagar a realidade vai sendo elaborada paulatinamente tornando exequível a tarefa. O caminho que anteriormente tinha tido uma conotação espinhosa na construção teórica passa a ganhar contornos novos e menos árduos. Em decorrência disto a impressão que se tem é a de que as partes ainda não articuladas vão encontrando espaços de acomodação, vão se encaixando formando um todo integrado. As perguntas antes vazias de respostas adquirem essência e corpo, devido ao aprimoramento das questões. Assim, o sujeito que investiga começa a se dá conta da hermenêutica como componente expressivo pela importância no aprofundamento do conhecimento da realidade. A preocupação nessa linha era com o fazer antropológico. Como trabalhar sem ter a prática de interrogar a realidade? O que fazer com isso? O problema parecia difícil de ser confrontado e resolvido. Mas um esforço daqui e dali acabam por gerar alternativas de superação no embate pessoal. Pior ainda quando as dúvidas do orientando têm ecos de lamúria aos ouvidos do orientador, é crucial.

Ocorre na maioria das vezes que na prática não é levada em consideração a cultura. Nem todos os que se propõem a realizar uma tese não estão dentro do esquema mental da lógica racional, mas de uma cosmovisão que contempla a emoção como maneira de perceber o mundo. Obviamente, que há possibilidade de constatação de algum tipo de resistência nesse campo. Insistir em enfiar o modelo científico de goela abaixo pode ter conseqüências graves comparado a um choque cultural, psicológico, bloqueios, ansiedade entre outros. O que se pretende como isso? Senão chamar atenção para o fato de que nem sempre o discurso é compatível com a prática e os desafios são permanentes. Nem mesmo os profissionais de ponta estão livres disso, sem dúvidas, propensos a cometer equívocos desta natureza. Mas

quem vive disso? Certamente os medíocres. Além do mais, cabe ressaltar com exceção daquilo que já foi assinalado quanto à mediocridade, é algo aplicável a um sistema à beira de um colapso, seria injusto atribuir o prejuízo de modo particular ao profissional.

Ao discorrer sobre a realidade em crise suscita reflexão e esta é uma constante na formação de um raciocínio apurado na análise do contexto em pauta. Com base nisso, é indispensável acrescentar que ao se trabalhar com as evidências se faz necessário ter em vista o que são os caracteres diretos e indiretos de um dado problema de investigação. As duas dimensões transformadas em perguntas podem surtir efeito equivalente a ponto de apoio no alcance daquilo que se pretende atingir em termo de estudo, problematização. Por exemplo, se tomo a angústia como elemento significativo, não bastaria por si só para explicar o concreto, certamente pela sua subjetividade. Operar no campo das emoções tem a probabilidade de dá certo ou não, depende do foco e a perspectiva com a qual se coloca a pessoa que investiga. Em direção a esse ponto, é indispensável dizer que aquilo que se interpreta muitas vezes como estado emocional conta como elemento cultural, portanto, real. Nesta ótica o ideal é aproveitar eticamente o que é oportuno para decifrar os códigos sócio-culturais.

Testes de Psicologia são aplicados para medir diversos aspectos ligados a personalidade, embora não se descarte certa margem de erro. Atualmente os estudos antropológicos têm acatado a perspectiva interdisciplinar, o que torna a dinâmica mais interessante ainda, porque diminuem as distâncias, a intolerância e o domínio sobre a “verdade”. Vale salientar, por exemplo, que o estudo de Psicologia Profunda tem somado para o aprofundamento das mudanças culturais, sobretudo no que tange ao campo da subjetividade. E, por falar nisso, a Antropologia tem sido no momento a chave de leitura mais acessível para adentrar as angústias dos artesãos de rua, mesmo sem recorrer à aplicação de testes. Num giro em torno do assunto convém dizer que no grupo social selecionado se verifica alta angústia. Uma constatação desta instiga a uma indagação interessante. Como lidam com o problema? O artesanato evidentemente age de uma de uma forma direta na psique humana, isso não causa nenhuma estranheza.

A questão pode ser analisada de diferentes pontos de vista. A arte como componente de comunicação simbólica é a que mais se aproxima da perspectiva que interessa a presente investigação no que tange as emoções. Vista por este ângulo, é provável que a conduta de base configure um jeito ser e de estar no mundo. Os artesãos de rua apesar de estarem intimamente relacionado com arte que tem seus efeitos terapêuticos, por uma razão ou outra

tem ligação com os alucinógenos que vai desde a maconha aos tipos de estimulantes pesados e degenerativos, como a cocaína, o crack e outros. Em direção a esse ponto, vale questionar a dimensão interpretativa do sistema que em geral fica restrita a classe “usuário”, o trivial tem sido apontar, julgar, estereotipar os englobando como tal. A droga como tema agrada a mídia por ser atrativo. As grandes corporações dos setores de mídia tem se valido do problema de forma bem apelativa nas telenovelas. Obviamente que quanto mais dramático maior a audiência. Fora disso, o assunto costuma ser deixado de lado ou abordado de modo simplista.

A maconha parece não ser o principal agravante quando o tema é a droga. É interessante perceber que a relação com a mesma é diferente do álcool e dos demais recursos alucinógenos, pois ela ocupa dentre os símbolos o de maior destaque, aparece estampada em tudo. Parece ser a bandeira do movimento. O álcool tende a representação do caos, o desequilíbrio, a debilidade e o óbito, enquanto isso, o âmbar tem poder de trazer de volta à calma, a ordem, o bem. Exceto quando se encontra associada a outros produtos sintéticos, química pesada.

A observância nesse sentido não deve desprezar o contexto. Vale considerar que para uma parcela da população a relação tem estreita ligação com uma experiência transcendental, de estabelecer conexão com o sagrado.

Entretanto, na atualidade debates sobre a descriminalização da maconha são realizados mesmo que de maneira tímida e fora do horário nobre. A temática levantada segue sendo uma tentativa de transparecer a forma de como os membros da cultura lida com suas emoções. Claro que as angústias do público que julga não servem para medir o nível de angústias do grupo diferenciado. Na verdade o objetivo destes esclarecimentos é mostrar que o comportamento analisado faz parte de um conjunto de práticas próprio da cultura dos sujeitos em questão. A intenção não é fechar uma opinião como critério de verdade, tampouco idealizar a maconha. Ter cautela diante do desconhecido é uma recomendação que reporta bom senso, tanto quanto não ir com muita sede ao pote ou como se diz no popular: “tudo demais é veneno”.

No universo dessas considerações não cabe julgamentos sem precedentes, haja vista que o que se discute tem uma abrangência superior ao que se manifesta de imediato ou como um fato a parte. É igual à identificação do que se lê nas entre linhas de um texto. O olhar não deve ter conotação pretensiosa, mas o mais humano possível para a interpretação do fenômeno tenha coerência.

As emoções nem sempre evocam tristeza, portanto, o delineamento do problema em particular não deve ficar restrito ao lado negativo até mesmo porque o que se quis dizer com as referências acima descritas, tem certo vínculo com a capacidade de superação dos conflitos. Ao passo que se deprimem também conseguem se reerguer.

A averiguação de seus estados de ânimos revela um comportamento carregado de sentido muito peculiar aos membros da cultura. A coerência comunitária garante com o mínimo de dinheiro ou nenhum realizar comemorações. Na primeira semana do mês de outubro do ano em curso um jovem artesão de sorriso largo praticante de marabales com fogo, havia mudado de idade na dinâmica que antecede o festejo da padroeira da cidade. Os amigos se reuniram e compraram bebida alcoólica e um pouco de salgadinhos numa panificadora ali por perto e tudo foi colocado em comum, todos compartilharam com alegria, aceitaram fazer fotografias. Não só o aniversariante acabou levando consigo uma lembrança daquele momento de socialização também os artesãos da mesma categoria, ficaram satisfeitos. Demonstraram abertura com relação às fotos. Em termo metodológico configurou uma conquista.

O grupo era formado somente por homens, exatamente porque não andavam acompanhados de suas respectivas companheiras. Alguns por circunstâncias de conflito não estava com a esposa como Rogério, outros não, assim disseram. Inclusive Irley estava sem Carol, mas estava na praça com o artesanato em parte produzido por ela, dava para identificar o trabalho dela tendo em vista que as peças de crochê não costuma ser elaborada pelo sexo masculino. O mesmo logo partiria para reencontrá-la, pois queria estar com a mesma no seu aniversário na casa de sua mãe. E, realmente partira com um dos colegas para o estado do Ceará levando um violão e sua mochila. Mas antes de partir deixou um uma lembrança, mais precisamente um signo, uma aranha toda trabalhada em cobre e semente.

Atitudes deste tipo demonstram como estão conectados afetivamente os integrantes do movimento na maioria das vezes criticado por indivíduos que desconhecem lógica interna do movimento.

CAPÍTULO IV

4 CLASSIFICAÇÃO DOS ARTESÃOS

Os sistemas de classificação não acontecem por geração espontânea, a associação dos artesãos de rua contemporâneo se classifica, sobretudo pelo sexo masculino. Todavia, o que se deseja apresentar em termo de explicação sobre o assunto é, sem dúvida, a caracterização mais ou menos aproximada de uma estrutura nada fechada ao sexo feminino, embora haja uma predominância de homens. As mulheres têm participação através da união conjugal semelhante a do tipo estável, mas com um papel interessante que vai além da expressão de cuidado com os filhos, não fica reduzida ao espaço privado do âmbito doméstico.

Em razão disso, seria muito restrito fazer análise separada dos demais elementos que compõem a realidade do grupo social específico. O caminho mais viável de abordagem da questão sucede pela articulação do local com os componentes que constituem o entorno, como maneira de estabelecer uma aproximação com o contexto maior para que a análise seja mais completa, global. Textualmente, o que se pode acrescentar diante do exposto segue sendo em favor de uma perspectiva reflexiva que leve conta o campo teórico atual, tendo em vista as conseqüências de domínio teórico no passado. Os sucessivos desdobramentos dos estudos antropológicos voltados para a categoria gênero têm repercutido em grande medida como reflexão crítica as teorias universalistas. Por isso é tão importante chamar atenção a um posicionamento aberto as diferenças culturais.

Los estudios de Género aspiran a ofrecer nuevas construcciones de sentido para que hombres y mujeres perciban su masculinidad y su feminidad, y reconstruyan los vínculos entre ambos em términos que no sean los tradicionales opresivos y discriminatorios, todo ello basado en que el análisis de los nuevos vínculos entre los géneros contribuirá a establecer condiciones de vida más justas y equitativas para ambos. (BURIN: MELER, 2001, p) ¹⁴.

Para tentar entender a dimensão das relações de trabalho e da arte enquanto habilidade humana indispensável na sobrevivência do grupo citado cujo modelo de organização social é constantemente questionado torna-se imprescindível o conhecimento teórico e consciência do problema histórico, bem como o papel transformador que perpassa a desmistificação das

¹⁴ Genero y familia

teorias dominantes. A atividade requer preparo e fineza no trato com os interlocutores e demais integrantes da estrutura social.

4.1 Conforme o gênero

A divisão de trabalho como produto cultural não aparece de forma explícita na cultura dos artesãos de rua. As práticas cotidianas revelam uma participação onde mulheres e homens, tem se mostrado fundamental em qualquer circunstância, pois ambos os sexos estão mais ou menos nivelados. A classificação do referido grupo social se distingue do modelo patriarcal, as mulheres não estão totalmente submetidas pois se encontram num nível de independência considerável. Até porque, sobretudo, quem está na rua não tem como ficar acomodado, devido à situação que os obriga a ficar em movimento, a ter uma dinâmica que garanta o básico para cada dia. O certo é que as práticas econômicas são realizadas e colocadas em comum. A aquisição de alimentos pode vir por meio do trabalho feito pelos dois ou individualmente, mas predomina o coletivo, vale lembrar aqui a rede de solidariedade. Agora, numa situação de desentendimento entre um ou outro e tem como consequência a ruptura do relacionamento, cada um pega suas coisas e vai embora, em geral a bagagem é bem reduzida. Claro, que a coisa não é tão simples assim, tensões e conflitos chega a extrapolar publicamente de modo agressivo. Logicamente não predomina só a separação, mas também possibilidades de reconciliação.

Por ocasião da presente discussão é indispensável reforçar que este trabalho não tem como foco a questão econômica, a razão primordial está voltada para a identificação da categoria na qualidade de grupo étnico, bem como sua relação com a arte e no caso específico do artesanato enquanto símbolo.

O ato de manguear consiste em um tipo de abordagem caracterizada pela persuasão que implica às vezes em uma situação de intercâmbio, seja por um bem material (objetos) ou imaterial (troca de ideias). Acrescenta-se a isso o que denominam de fazer uma presença, pode implicar em dar um presente, apenas uma lembrança, termo mais preferido pelos artesãos; oferecer um cigarro de maconha, porém de uma forma muito livre. Fora deste contexto dificilmente alguém fala verbalmente sobre o assunto, exceto com pessoas da própria convivência. Independente disto a linguagem é simbólica.

O cotidiano da estrada é bem marcado de surpresas e desafios, por esta razão, mulheres e homens fazem de tudo. Nesse segmento é bem difícil constatar divisões entre sexo na relação do trabalho. Ambos cuidam dos filhos, ora um descansa ora o outro, assim, a construção da jornada não consiste em sacrifício para nenhum. Claro, com isso não se pretende idealizar, nem fechar um ponto de vista em torno do modelo. A investigação tem suas limitações, sem dúvida é insuficiente para alcançar com profundidade os fatos que se passam em sua estrutura social, dada a abrangência e pela impossibilidade de alcance em sua totalidade.

É evidente também que na sua estrutura sócio-cultural hierarquização e competição são quase inexistentes. Convém supor que reside aí parte da eficácia de sua função social enquanto grupo de caráter pluriétnico.

El proceso de insurgencia de las diversidades sociales ha puesto en la discusión la nación de la etnicidad como estrategia, es decir como una construcción resultante de la selección y acción sociopolítica consciente que determinados actores sociales llevan adelante para llegar a la materialización de sus objetivos sociales y políticos. (ARIAS, 2002, p. 114)¹⁵.

A leitura que parte da pintura corporal praticada pelos artesãos pertencentes à categoria em estudo, denota que as tatuagens ocupam um espaço considerável no cotidiano dos mesmos na perspectiva do trabalho e da arte, ambas intimamente relacionadas. Mulheres e homens se habilitam a prática da modalidade mencionada. Uma artesã de nome Ester se sobressai pela habilidade que tem com o desenho, enquanto alguns colegas dependem de algum artifício para a concretização do trabalho artístico ela realiza-o sem maiores dificuldades, o certo é que domina bem a técnica da tatuagem com hena, uma pintura temporária, de custo acessível à maioria dos adeptos da mesma. A demanda pela pintura permite que a mencionada artesã tenha um imaginário cheio de expectativas e até desperta os que estão ao seu lado. Na época de alta temporada externa um dos seus sonhos: “Destá viagem vou procurar um terreno em Jeri para comprar e fazer uma casa *roots*”. Argumenta Ester com motivação. Jeriquaquara é um lugar “ideal “apreciado pelos artesãos para ganhar dinheiro e por causa disso a denominam de Babilônia, esta terminologia também é empregada para fazer referência as capitais. Porém, advertem que ao passo que o artesanato é valorizado,

¹⁵ La etnicidad

resulta na opinião deles a perdição. O capital nunca é bem visto por eles, que optam por não seguirem a lógica da acumulação do mesmo ou outros bens materiais.

A tatuagem como um dos aspectos selecionados mostra um comportamento compartilhado entre quase todos os artesãos de rua. É rara a minoria que não adere à tatuagem definitiva, dentre estes estão os mais críticos, naturalistas e místicos.

A prática cultural acima citada não acontece de forma isolada dos demais elementos que integram o mundo objetivo e subjetivo, bem como o das relações no ato da comunicação. As tatuagens não ocorrem por acaso, pode se afirmar que tem relação estreita, por exemplo, com a dependência química, claro isso não fecha a discussão, não se trata de um posicionamento fechado ou pouco crítico. O desenvolvimento da questão por este viés é uma maneira de estabelecer um paralelo entre a análise do problema por parte da ideologia dominante e a reflexão pela ótica antropológica.

É perceptível de início que quanto maior é o consumo de substâncias alucinógenas, maior é a prática contínua da tatuagem, onde na maioria das vezes resulta em corpos tatuados em sua totalidade. Isto equivale ao que costumam falar de: “fechar o corpo”, a intensidade fomentada, na maioria das vezes tem sua base em uma pessoa famosa, daí se consolida o desejo mimético. O que poderia está atrás desta postura? Ou do domínio deste corpo? Não seria a lógica do mercado neoliberal? Tendo em vista, que na atualidade não só os artesãos de rua estão inclusos no consumo indiscriminado de uma conduta direcionada. A idéia vendida que permeia o imaginário dos consumistas chega ao extremo de que a pele humana completamente tatuada tem valor capital. Assim, inúmeras são as ferramentas empregadas para a divulgação da idéia que se dá por meio sobretudo dos mitos modernos. Chocar o público com uma aparência desta natureza implica em uma das manifestações dotadas de significados.

Todo intercambio de significaciones encuentra en el hombre su unidad. Esta surge de la capacidad del espíritu humano de simbolizar el pensamiento y la acción a través de elementos formales llamados lenguajes, códigos o sistemas de signos simplemente, cuya interpretación da sentido a la comunicación. (BOLÍVAR, 2003, p. 25) ¹⁶.

¹⁶ El hombre es un ser sociable

Como se pode ver o fenômeno não se reduz apenas aos caracteres da cultura material, mas também imaterial. Nesse caso não só estética joga um papel fundamental na comunicação através das tatuagens. Uma observância frente ao que se apresenta para além do superficial evoca o simbólico, como uma forma de percepção da realidade. É bem verdade que a estrutura do grupo social selecionado demonstra habilidade para organizar-se, desorganizar-se e reorganizar-se, por isso é dinâmica. Um dos fatos que parece ser surpreendente a quem julga sem conhecê-los é o de que se trata de indivíduos que nem alma tem. Uma das representações simbólicas que vale a pena ser assinalada está relacionada às imagens de sentido religioso, referentes ao cristianismo na esfera católica. Claro, neste contexto a intenção é prestar esclarecimentos sobre as opções e reconhecimento da perspectiva plural e plurissignificativa. Não se almeja aqui fazer nenhum proselitismo.

O ideológico perpassa a realidade da estrutura social dos artesãos de rua. Figuras exemplares como a de Jesus Cristo, Maria e outros ícones são facilmente detectados na pele dos sujeitos constituintes do movimento. Para exemplificar um pouco a questão vale a pena trazer à tona o testemunho de Cícera uma artesã, pois ela tinha uma tatuagem de Maria próxima ao peito. Trata-se, sem dúvida de uma mulher inteligente, porém viciada em drogas pesadas. “Quando Samuel me encontrou estava tendo convulsões”, explicava ela. Tinham rompido o relacionamento, mas depois disso estavam juntos. As constantes rupturas pareciam ter havido se tornado parte da dinâmica do casal. A maioria dos casais está nessa base de relacionamento. O que leva a pensar que não existe culturalmente um modelo ideal. No mundo dos artesãos de rua não se leva muito em conta hábitos fixos, embora concordem que viajar também implica numa rotina, apesar de ser diferente.

Ao se retomar o campo da simbologia corporal como prática entre homens e mulheres termina por ser a dimensão não só de uma estrutura caótica acometida pelo capitalismo. Existem casos em que, tempos depois o indivíduo até se arrepende do que fez em termo de pintura corporal profana. Prova disso, é quando tenta reverter a situação fazendo uma sobreposição, que é uma tentativa de cobrir a imagem anterior negativa por uma de sentido positivo. Por exemplo, um símbolo do nazismo pode ser convertido em uma rosa, pés de maconha por uma aranha negra. A escolha fica a critério da pessoa tatuada e das possibilidades de transformação do que já havia sido feito. Ocorre que às vezes a idéia acatada não é muito consciente. Por exemplo, Reginaldo tem mais ou menos 70% do corpo tatuado e confessa que a opção por cobrir algumas das suas está associada à mudança de pensamento, porque atualmente já não as percebe como antes e acredita que certos desenhos

atraem coisas ruins. As tatuagens predominantes em seu corpo têm uma ligação com elementos do mundo natural, que não deixa de ser simbólico. Nas pernas, pé de maconha; no abdômen, um grande lagarto; nas mãos, teia de aranha; nos braços detalhes quase indecifráveis por ter sido coberto os desenhos indesejáveis; na cabeça, uma aranha no centro e nas têmporas lagartixas. Antes da pintura usava cabelos longos cacheados e, agora, raspados. Em época de alta temporada as tatuagens ficam bem visíveis. Os colegas mais íntimos associam a decisão ao tempo de consumo de drogas pesadas. A reflexão sobre as mesmas veio com a relação com uma instituição religiosa do cristianismo protestante, que o influenciou de algum modo a pensar “diferente”, pelo menos temporariamente, porque a prática segue como um desejo sem limites. Além do tipo de consumo mencionado os membros da cultura reservam no corpo o espaço sagrado.

No entanto, a droga pode ser interpretada apenas como um dos fatores determinantes nessa relação que joga também a perspectiva de gênero. A dimensão holística se faz necessária para alargar a discussão.

Quando se estuda fenomenologia da religião há uma aproximação com as seguintes categorias de análise: o sagrado e o profano. Ambas as terminologias fazem parte de uma das leituras que compõem o conjunto das leituras antropológicas que remetem ao estudo da forma como se encontra ordenado ou desordenado o mundo físico e o sobrenatural.

Na realidade a cosmovisão da população específica está carregada de sentido. Então, por que não dá asas ao conteúdo transmitido através de seus códigos sócio-interativos que comunicam um jeito de ser e de viver. Vive-se também para além do real. Se de um lado há uma constatação da linguagem plástica, de mapeamento da pele do corpo, de predominância do senso místico e harmonioso dos símbolos, por outro lado, o esquema demonstrativo nada poderá expressar de algo nesse sentido positivo. É costume, por exemplo, estampar o corpo com desenhos assustadores, de caracteres fantasmagóricos ou outros mais polêmicos quando ligados a alguma facção. O certo é que o movimento como tal engloba uma simbologia de ordem e desordem.

Mas, existe certa controvérsia no âmbito que envolve a opinião de pessoas místicas e de discurso naturalista. “Não se deve marcar o corpo”, preconizava Antônio Ursole, num tom de revelador de algo sagrado. Outros por alguma razão não externam verbalmente a sua forma de pensar. O certo é que nem todos entram na lógica da tatuagem, embora seja uma minoria. Os dois artesãos Antônio Ursole e Fernando Soarez contatados independente um do outro em

épocas diferentes, mas ambos de vertente naturalista não aderiram ao uso ou a prática das tatuagens. O primeiro era muito místico e procurava está mais perto da natureza, o máximo possível. Um detalhe que chamava atenção era o costume de sentar-se sempre sobre as raízes das árvores, segundo ele nelas contém energia. Desde a sua chegada na cachoeira mantinha a postura de uma pessoa do bem. Quando interpelado sobre uma de suas manifestações respondia calmamente que fazia parte de uma limpeza corporal como espiritual. Sua relação com o povo do interior acabou despertando consciência e afetividade. Tanto que recebera por parte da comunidade “Bota Fora” o apelido de “Cachoeira”. Então, o jeito carinhoso de retribuir ao povo da localidade pelo acolhimento, sobretudo a família de D. Francisca e Sr. Raimundo Flor foi com uma canção que ele mesmo compunha: “O Bota Fora não bota ninguém pra fora”. Também construíra com um pequeno grupo de jovens uma bandinha musical com material reciclável, como por exemplo, peças de bicicleta e sem grandes pretensões chegaram a fazer apresentação em Piripiri na rádio Itamaraty. O seu testemunho falava forte.

Certamente a música e não somente o artesanato lhe favoreceu a inserção naquele lugar. Antônio havia chegado lá com uma família de artesãos, que depois de certo tempo partiu com os filhos e ele decidira ficar. As pessoas com as quais se relacionava diziam que sua companhia proporcionava uma sensação de paz, realmente ele passava uma energia muito boa. Era formado em agronomia e portava uma carteira do curso com foto, mas não gostava de conversar sobre assunto, “Isso é papo de cidade” dizia Antônio. Logo em seguida de retirava. Contava que tinha ficado decepcionado com os agrotóxicos. Era sempre motivo de tristeza quando as conversas giravam em torno de máquinas pesadas e outros implementos agrícolas de tecnologia industrial. Viajava pela zona rural e pela cidade levando consigo no máximo duas roupas. Não dispensava convites para participar de festivais de música, mesmo promovido pela religião católica, conforme aconteceu quando se deu as missões populares. Participava ativamente de todo o processo no campo e na cidade, com o símbolo das missões no pescoço, sem dúvida havia se tornado um observador crítico. Além disso, se empenhou numa inauguração de uma sede do sindicato do Sindicato dos Trabalhadores em Educação – SINTE aonde chegou a fazer uma belíssima apresentação musical, a cada vez se emocionava bastante, dava para perceber ao tocar as suas mãos frias, depois do espetáculo musical, não se alimentava de tudo que serviam sobretudo daquilo que se distanciava de seu ideal. Era firme na sua convicção, sabia ser um sujeito bem posicionado em relação ao contexto como marca de conexão, embora às vezes evitasse se contaminar com a ideologia dos que se mostravam

distantes da sua visão de mundo. Apesar de ter orelhas furadas não se caracterizava como tal na comunidade como fazia nas metrópoles, mantinha certa discricção. O que teria tudo isso a ver com a temática de gênero? A tomada de decisão para o mundo da rua e da arte nasce muitas vezes de uma ruptura, da qual se originam novos modelos culturais, portanto, novas produções. E, como parte do movimento teve que romper com sua companheira, pois ela não tinha a mesma opção de vida.

A história comentada é reveladora de um modo de viver radical. Diante do exposto cabe dizer que o levantamento nesta linha remete ao estudo da família no contexto da contemporaneidade como elemento fundamental para lidar com as características contemporâneas frente as modalidades que escapam ao parâmetro preestabelecido. As mudanças têm implicações e consequências, nas relações amorosas entre homens e mulheres também jogam forças que repercutem nas subjetividades. As transformações acerca da família no mundo rua são insofismáveis, porém nem sempre bem interpretadas e por isso mesmo família e gênero não deixam de ser um desafio para atualidade. Para tanto há uma necessidade de associar gênero com significado no aprofundamento do tema em pauta. A contextualização do problema evoca o que faz parte do senso comum em termo de opinião para que a análise seja crítica, favorecedora de um empenho no encurtamento das distâncias culturais reforçadas pelo pela intolerância e o preconceito. A narrativa de Antônio não é a única a mostrar, por exemplo, que divergências existem e podem ser questionadas, porém respeitadas.

O presente delineamento não tem grandes pretensões acerca da realização de um comparativo entre os dois, mas apenas colher aspectos da realidade dos sujeitos pertencentes à mesma tendência no grupo social. Fernando por sua vez, apresenta pontos em comum e de discrepância em relação a Antônio da cachoeira e um deles está ligado ao tema da educação formal, parecia-lhe desagradável também emitir opinião a respeito do conteúdo assinalado, mas não fecha de todo o canal. Claro que evitava certos tipos de contato com o público, às vezes ia para o mato para coletar sementes e se tranquilizar um pouco.

Os naturalistas como parte da categoria apreciam a maconha e ambos não escondiam totalmente o hábito, mas eram extremamente discretos. Antônio enquanto sujeito místico estava sempre atento ao cair da tarde e tinha o hábito de se retirar, outras vezes, simplesmente se comportava de maneira contemplativa em direção ao sol e dizia que a viagem de sentido eram as noites de lua. A relação com os astros era muito evidente. As práticas batem em

muitos sentidos e isso não se pode negar. Obviamente que Fernando faz um caminho próprio, seu relato histórico não esconde que seu cotidiano é por demais marcados por crises, seja familiar ou conjugal. Sem querer idealizar, assim como Cachoeira é um ser humano admirável pelo seu caráter. Contava que tinha tido um relacionamento com uma mulher e havia ajudado a criar os seus filhos, carregava consigo uma camisa xadrez escuro e de manga longa da qual dela não se separava, pois se tratava de um presente dos filhos dela. Às vezes ria e falava do tempo que passara de convivência com aquela companheira. “Quando me dei conta que há dez anos estava casado com a mesma mulher”... Argumentava ele. A sua maneira de falar indicava que o relacionamento parecia ter sido uma eternidade. São testemunhos de valor indispensável para a compreensão do cotidiano da cultura dos viajantes. Qual seria o destino destes artesãos? Ninguém sabe. Fernando é do tipo pé no chão, diferente do Cachoeira se despediu dos que faziam parte do seu ciclo de amizades dizendo que ia para a transamazônica aprender com os caboclos como se vivia no mato e depois partiria para uma aldeia indígena onde os índio nunca tivesse tido contato. Disse ainda que um antropólogo amigo seu lhe advertira que seria comido por eles. Enquanto Antônio antes de ir embora após um ano e meio tinha um discurso de contato com amigos que um dia viria para seguir viagem e de fato viajou com destino a São Luís de bicicleta com outros artesãos sem se despedir de algumas pessoas e desde então nunca mais ninguém teve notícias. D. Francisca dissera que ele havia ficado inquieto demais no dia da viagem. Vínculos tinham sido criados e certamente reconhecia o problema é que já se sentia controlado. Futuramente novas relações haveriam de ser criadas. Claro que durante a temporada naquele lugar não passara em branco, ou seja, tinha namorado uma pessoa que não fazia parte do seu grupo social, mas tinha esperança que ela se decidisse, mas, no entanto, não aconteceu. A relação na maioria das vezes se encerra assim.

O modelo alternativo exige desprendimento, ruptura e não é fácil. Ocorre que namorar para os artesãos implica em ter a mesma opção ou em uma decisão que requer rapidez, não há muito tempo para pensar, é agir pela emoção. A lógica é outra. O que leva a pensar que o ideal é que a relação seja construída na rua, alguém que já faça parte do movimento. As novas relações sucedem da dinâmica de pegar alguém que não é integrante do grupo cultural. Isto vale para todas as distintas culturas. Tal comportamento revela abertura a aquele ou aquelas que são simpatizantes da categoria. Configura uma das estratégias que tem dado sustentação a esta cultura específica e também a presente etnografia.

A reconstrução da análise social perpassa todo esse universo no que tange ao campo da etnografia. E em detrimento disto vale atentar para o que postula Renato Rosaldo (1999,

p.59) “[...] La etnografía ha sido la contribución más importante que ha hecho la antropología cultural al conocimiento.

O aporte teórico chama em causa a natureza dos enfoques preconizados de antes. Por que seria tão importante um posicionamento crítico no tocante a modalidade etnográfica dos clássicos? Em que isso repercutiria? Uma revisão literária nesse sentido implicaria numa mudança de comportamento em relação ao estudo do outro. Evidentemente, que uma tipologia de estudo que colocasse em evidência a voz dos protagonistas até como maneira de superação das fronteiras. Lamentavelmente a historiografia dominante se perpetuou ao longo dos tempos como modelo e verdade. A tarefa teórica e prática, agora, é a de dá um salto qualitativo em direção ao novo, como a reconstrução teórica e sua aplicabilidade. As implicações basicamente apontam para um horizonte mais promissor do que a da verticalidade dos estereótipos imperialistas

A opção pelos atores da presente investigação está intimamente relacionada a identificação com a cultura que não é a da escrita, mas da oralidade; de um pensar solto, menos rígido que o analítico, pois não obedece a um esquema estruturado tipificado pelo pensamento do ocidente. Afirmar, por exemplo, que são urbanos de repente passa a ideia de que compartilham de um pensamento único, quando na realidade ambas as culturas estão inter-relacionados e mesmo assim a postura não é a da submissão ao mundo da escrita. Observa-se o seguinte, os atores não se percebem como parte da realidade do conceito sintético de cultura, mas holístico. Uma prova disso, é que o tema de educação formal é algo que não lhes interessa tampouco lamentam sobre o fato de terem frequentado esta ou aquela escola. O que importa mesmo é o mundo da arte como componente aliado que os permite ficar de bem com a vida. Isto não quer dizer que estão isentos de crises.

O panorama das considerações acima remete, todavia a uma tentativa de mostrar a temática de gênero articuladas as respostas emocionais modeladas culturalmente, ou seja, a partir da percepção não no nível individual, mas do próprio grupo, do pensamento coletivo.

A apropriação do simbólico é algo peculiar a todas as culturas. Isto não é mais nenhuma novidade. O que se pretende com a presente afirmação? Apenas realçar neste texto a motivação pela qual os artesãos de rua, na trama que joga o feminino e o masculino lidam com as diferenças e como estes constroem e reconstroem sua cultura frente os desafios do cotidiano moderno. Qual é o real interesse na retomada desse conteúdo? Senão, a resposta

vinculada a capacidade que os protagonistas possuem de estabelecerem relações e de se apropriarem de determinados aspectos do mundo físico na reelaboração de sua subjetividade.

Visto por esse ângulo a justificativa acima encontra sua razão de ser no significado da sua ação social num processo de construção e reconstrução da realidade, haja vista que tanto mulheres como homem necessitam de condições favoráveis para interagir no mundo e, para tanto, recorrem aos símbolos. A preocupação aqui não é focalizar formas estereotipadas, de maneira alguma, mas verificar caracteres inerentes ao grupo em questão. Para uma afinidade maior com a temática que motiva uma proximidade com a o segmento gênero na dimensão que abrange o comportamento dos membros como um todo e não das partes isoladas. A interpretação não dispensa uma compreensão da comunicação não verbal. Daí a importância de conhecer a função do jogo simbólico, bem como os distintos elementos, que vai desde o papel que desempenham os membros da cultura em pauta em relação aos demais na interação social e isso inclui ainda objetos e situações.

A função dos símbolos está estreitamente ligada a com o poder de aglutinação e de ordenamento grupal dos sujeitos e este aspecto relacional pode ser verificado no último capítulo desta obra. O comportamento humano necessita de simbologias que orientem a vida em sociedade. Os mitos são um exemplo disso, servem para explicar a realidade tanto no que tange ao passado como ao presente com níveis de poder equivalentes. Daí a importância de lembrar a eficácia das possibilidades dos mitos tradicionais e dos mitos modernos. São sem dúvida constituintes de um fenômeno observável nas distintas culturas do mundo.

4.2 Conforme a idade

O movimento defende uma lógica de organização social própria. Todavia estão conformados sem grandes preocupações em copiar o modelo dominante. A idade como traço universal está presente de um jeito discreto, por esta razão é fundamental aprofundar o estudo não como marca divisória de alargamento das distâncias entre uma faixa etária e outra, mas como parte de um processo educativo integrado que parte de um modelo de sociedade simples.

Entretanto, há evidências de que nesse segmento menores de idade não estão inclusos como autônomos, como sucede com meninos e meninas de rua que vive a esmo por situação de exclusão, ou seja, não se trata de “menores infratores”. As crianças artesãs se diferenciam

por estarem no espaço urbano acompanhadas de seus pais, portanto, em família. Este é um dos aspectos mais interessantes em termo de participação, desde cedo os menores participam informalmente da produção junto aos adultos como forma de socialização e passam a ter contato com o público sem maiores restrições, porém são orientadas a comportar-se com cautela, o que não significa ficar retraída, com medo, desconfiada entre outros caracteres de uma postura que transparece timidez. Um ritual de iniciação que se observa na família de Cícero, Fabiana e Isaque é a “asa” (painel pequeno) onde se coloca a produção do artesanato para vender, feito pelos pais para o filho levar consigo junto à mãe que o conduz pela mão. As crianças em geral estão caracterizadas como os demais integrantes da categoria.

Ao se observar o perfil de base do grupo específico convém assinalar a capacidade argumentativa dos integrantes, existe toda uma carga de criatividade e como as crianças se metem na lógica do diálogo. Na negociação de algum trabalho de arte ou mesmo na revenda de matéria prima para algum simpatizante do grupo social as mesmas interagem com esperteza. Por exemplo, ao se depararem com uma pergunta sobre o nome de uma semente a alguém pertencente à categoria e a pessoa não souber responder, o que se deve fazer conforme o ponto de vista de uma das crianças membro da cultura é de que se invente na hora. Isso faz parte da prática enquanto saga dos artesãos de rua como estratégia de sobrevivência. A informação colhida é oriunda do território da comunidade de Icoaracy no estado do Pará. Embora distinto do local da pesquisa, leva-se em consideração a conexão com o global pela característica itinerante do grupo, e coerência da autora desta obra, ao perceber a necessidade de estabelecer relações fora e dentro do movimento em sintonia com a dinâmica intrínseca ao grupo.

A educação na rua acontece de uma forma um tanto livre. O deslocamento de um filho pequeno na “pedra” não é motivo de preocupação porque tudo leva a crê que todos como parte do grupo são responsáveis. Além do mais, possibilita que a criança adquira precocemente independência e preparo para os desafios no convívio social. O cotidiano tem a marca de sentido das viagens e para quem está na rua a exigências parecem incompreensíveis aos olhos do público. As crianças seguem o ritmo de seus pais desde tenra idade, basta vê o fato de ficarem na rua em carrinhos de bebê às vezes tendo que suportar condições climáticas em temperaturas altas, como na “pedra” (Praça da Bandeira) em Piripiri ou quando não, submetidas a temperaturas mais baixas em diferentes regiões. Em épocas de festas ficam acordadas até tarde da noite na praça onde o silêncio é quase inexistente. Muito embora, na atualidade já fiquem em pensões. Na maioria das vezes só se recorre a este tipo de conforto

em situações extremas e por aconselhamento de pessoas que compartilham do mesmo grupo. Por exemplo, em casos de gravidez se recomenda que a mulher, sobretudo acompanhada de filho pequeno, com certa indisposição necessita de descanso, mas nem todas dispõem deste “privilégio” e permanecem na rua. Em todo caso, a estratégia consiste em partir para lugares mais sossegados e menos vulnerável a situações de riscos. A família de Albert, Lílian e Éric citada num texto anterior não costuma se abrigar em lugares assim, mas por conta da gravidez do segundo filho a situação os obriga buscar um refúgio mais seguro. Outro caso semelhante é o de Salvador, Alessandra e Luan provenientes de Salvador acabaram por optar em ficar em um hotel de custo acessível, apesar de está na companhia do namorado Alessandra e o filho certamente se sentiam mais tranquilos não dormindo na rua.

Outro caso, semelhante é o de Fabiana e Cícero com uma criança de menos de 3 anos. Preocupam-se em promover o conforto do filho Isaque para dormir num carrinho de bebê e protegê-lo do sol e, para tanto, a mãe aplica protetor solar e não dispensa o uso de lenços umedecidos e fraldas descartáveis. O que não se via antes. Nem os artesãos de rua estão livres da ideologia do mercado em relação ao consumo e à suposta prevenção dos raios ultravioletas. Claro, que o que se pretende com isso não é fazer qualquer julgamento, mas enfatizar a respeito do nível de consciência crítica, de filosofia de vida distintas. Faz parte do discurso da categoria a seguinte frase: “Cada um faz a sua história”.

Entretanto, o comportamento delineado acima caracteriza uma transformação detectada no contexto atual de um mundo em decadência, que repercute na estabilidade da organização social selecionada. Um dos aspectos que chama atenção na coletividade é em parte o comprometimento ideológico de parte dos sujeitos psicológicos no nível físico. Apesar de tudo, existem artesãos estão precavidos em vários sentidos. Aparentemente procuram permanecer firme no desapego aos bens materiais. Salvador cuidava de fazer apenas mandalas e Alessandra artesanato predominantemente feminino como: brincos, colares, tiaras e outros. O dinheiro que tinham possibilitava ter o mínimo de lazer, o suficiente para tomar uma quantidade mínima de cerveja em família. O filho acompanhado da mãe não se reclamava, era um menino sossegado. É imprescindível dizer que as circunstâncias geográficas também são determinantes quanto à produção e à venda. Outra contribuição de Fabiana é de que em regiões nas quais as feiras não favorecem a saída dos artigos artísticos produzidos, se valem do “manguieio” que consiste em sair da “pedra” e enfrentar outros espaços oferecendo o trabalho.

A reação frente ao modelo de sociedade complexa é uma versão que não deixa de ser original. “Maluco reage de acordo com sua história de Br”, explica Ester. Nisso são habilidosos e a educação da rua os prepara para infinitos desafios. “O mercado tem suas eventualidades”, acrescenta Ester. Para ter acesso a uma pensão logicamente precisam de dinheiro e, para tanto, o artesanato tem que custar mais caro. Talvez por isso Salvador vendesse uma mandala de fio de cobre por vinte reais. Outras experiências mostram que não é nada fácil ter acesso a espaços de comodidade quando se trata de mundos distintos em uma relação de fronteiras sociais.

A retomada da questão impele o posicionamento de que não só as crianças, mas também os jovens estejam inclusos no processo de socialização da cultura de participação na produção. A relação que joga sexo e idade como elementos culturais chaves para tocar adiante o projeto alternativo mesmo diante das ameaças que forçam as adaptações socioculturais.

Os jovens de hoje são as crianças de ontem do mundo da rua, portanto, de algum modo tem conseguido ao longo do tempo fundamentar o presente sem desprezar literalmente elementos constitutivos da tradição. A construção cultural da atualidade vislumbra um horizonte distinto, por isso não se trata de seguir um modelo cristalizado até porque a vida não é estática, mas dinâmica. A situação vista por este ângulo propicia uma compreensão da lógica da organização, por esta razão, o sujeito que investiga se posiciona com flexibilidade em favor das transformações socioculturais.

Todos os membros do movimento supostamente constituem um clã. Sem dúvida, a formação cultural observada permite ampliar o conceito tanto de comunidade quanto de família e conseqüentemente de produção, bem como atentar para a perspectiva dos menos industrializados e os mais industrializados já detalhados em etapas anteriores desta investigação. Ao passo que uns conservam a tradição outros estão abertos numa inter-relação de culturas. A pergunta é: Qual é o problema? Nada mais que a força da dominação de uma cultura sobre a outra. O esforço em que pesa a sobrevivência ou o viver é sem medida, tendo em vista os impactos que configuram a própria negação do direito do outro ser diferente e permanecer como tal.

Agora, quanto à dimensão particular da idade em relação à produção que envolve os jovens, não se dispensa a fase de preparação e a cooperação conta de forma efetiva. Obviamente que tem um caráter coletivo no sentido das relações recíprocas e de solidariedade, pois as práticas convergem nesse rumo e a economia da partilha permeia a

realidade em todas as idades, da criança ao idoso. O cotidiano desta cultura específica não transcorre do jeito ideal, muitos se perdem no caminho. As crises, sejam no nível local ou global, podem levar a ao comprometimento da organização o que torna o público confuso ao perceber a pluralidade de tipos tão diferenciados no conjunto dos artesãos de rua.

Existem artesãos como Serginho, Rosa, Camurupim e Marcid (Piauí) que apesar da idade estão na luta tentando garantir o seu lugar no mundo, disputam do mesmo espaço no mercado com os mais novos e tampouco falam de aposentadoria. O fato de estarem amadurecidos não é obstáculo para que continuem aptos a produzirem. Faz-se necessário lembrar que a contribuição não está ligada de forma restrita ao econômico, perpassa todas as esferas do campo social. Marcid, por exemplo, tem um estilo rústico, viaja sempre de bicicleta e durante o percurso coleta sementes, ossos de animais; os seus preferidos são os de esqueletos de peixe, cobra e dentes de seres selvagens de tamanho maior. Realmente estes são muito apreciados pelo público que muitas vezes nem imaginam onde foram encontrados. Há peixes que tem partes de sua estrutura óssea com contornos de borboletas que resultam em peças de arte admirável, como brincos solitários com adorno de penas de aves, que chegam a custar no mínimo dez reais quando a situação está crítica. Situação semelhante sucede com a espinha de cobra, entre outros. Nem todos os artesãos de rua compartilham da ideia de realizar viagens de ônibus. “Há muita burocracia para viajar de ônibus”. Queixa-se Camurupim. Na realidade existe o desafio da fiscalização das bagagens de quem viaja. O citado artesão se assemelha ao tipo andarilho, não costuma pegar carona e está mais vulnerável a ser assaltado.

O primeiro contato com Rosa fora em Belém nas primeiras viagens, o seu trabalho chamava atenção por sua habilidade em filigrama, incomparável a qualquer outro tipo de “trampo” mesmo porque a arte tem sua peculiaridade. A respectiva afirmação sugere uma diferenciação no que tange ao olhar de cada um, pois o foco é distinto, todavia, uma construção cultural. Outras vezes, por ocasião em Belém na praça da república era possível deparar-se com ela e suas obras, sobretudo aos domingos onde acontece a feira, quase sem abertura ao diálogo. Para alguns não cabe nem o bate-papo, o interesse é em vender. Naquele contexto uma jovem expunha seu trabalho e ali uma troca de ideia acontecia por interesse da autora da presente tese, quando de repente Rosa entra em cena e afasta a garota. Aquilo teve ecos de que não fosse conveniente está com estranhos. O positivo é que a mensagem da artesã ficou. A conversa girava em torno da paz interior, segundo ela não depende do espaço físico no qual o indivíduo se encontra, mas no equilíbrio da mente. Tempos depois, Rosa aparece em Piripiri com idade avançada, logo se percebe descontraída com um companheiro

mais novo e num clima de namoro. A relação foi de proximidade, um convite para comer um creme de galinha com a mesma colher e no mesmo copo. Certamente, uma presença. Foi aceita a prova. Após se retirar a conversa com o desconhecido continuou. No entanto, no ato da troca de ideia veio outra intervenção, agora da parte de Ester. Entendi que se tratava de uma medida preventiva, de precaução, a evitar conflito. No que diz respeito à idade dá para concluir que envelhecer na rua tem uma conotação distinta, própria da cultura. A produção engloba todas as etapas da vida. A maneira como lidam com a classificação social evoca uma participação para além do que se apresenta como estereótipo cultural. A realidade mostra que os integrantes do grupo social em questão dependem do trabalho artesanal para sobreviver. Além disso, cumprem uma função social e cumprem uma função de relevância social.

CAPITULO V

5. COMUNICAÇÃO E SIMBOLOGIA

O tema selecionado acerca da comunicação simbólica remonta a perspectiva histórica dos primórdios da humanidade quanto à necessidade de buscar explicação para os diversos fenômenos, dentre eles os que partem em direção ao sentido da existência. A princípio a natureza investigativa ainda não tinha o foco direcionado para a perspectiva específica dos símbolos, mas foi no decorrer do processo que a investigação passou a estabelecer relações mais estreitas com o universo simbólico da categoria selecionada. Não chegava a ser uma lacuna a ser preenchida, também não se tratava de algo imprevisto, claro que se admitia possibilidades de novas descobertas no trabalho de campo, a questão de fundo estava ligada ao limite da pessoa um tanto leiga diante do que se propunha em termo de pesquisa como também pela abrangência do global. Segundo Guber (2004, p. 118) “La definición de unidad de estudio no se da de una vez y para el resto de la investigación.

Certamente as preocupações que acompanhavam o estudo se voltavam aos componentes culturais como fonte de sentido para os integrantes da cultura, todavia causava uma infinidade de interrogações no tocante a realidade. O problema precisava ser enfrentado. O que impedia? Senão à barreira como distância enfatizada entre culturas. Porque na verdade existe uma clara divisão, de um lado está os artesãos de rua e de outro uma parcela da população que nem ao menos se atreve buscar uma aproximação. O que se percebe são fronteiras bem marcadas, apenas uma minoria ousa criar algum tipo de vínculo. Sejam porque serem apreciadores do artesanato, pela ideologia, por ligação com o tráfico de drogas, sentimentos de compaixão, curiosidade e outras razões.

Embora como parte dos indivíduos simpatizantes do movimento, ainda não se pode falar que se está livre de erros de percurso, sobretudo devido aos condicionamentos da linguagem. Como entender a lógica da construção da cultura do grupo específico? A inquietação ao passo que levava ao desconforto havia se transformado num desejo persistente e isso se tornara fundamental para ir além do simples fazer científico, racional. A prática investigativa exigia cotidianamente uma postura interpretativa, minuciosa e um olhar atento acerca das conexões imprevistas, conforme acena a autora citada anteriormente no que tange as unidades que parecem à primeira vista não ter vínculo com o que está em primeiro plano.

Vale à pena averiguar o caráter valorativo das relações humanas no que diz respeito as simbologias como perspectiva de construção de identidade. A referência feita aqui como grupo que se caracteriza por sua maneira de se organizar, não equivale ao um tipo de grupo étnico fechado em si mesmo, mas de uma cultura aberta, de linguagem simbólica senão não teria resistido ao longo dos tempos, daí a importância de enfatizar o simbólico como isotopia para o alcance de seus caracteres no conjunto das unidades elementares.

Lo simbólico significa construcción de sentido, expresado através dela producción de textos, de discursos, de acciones que operan como estructuras narrativas abiertas, a través de las cuales se puede leer los sentidos de lo social; en consecuencia, el símbolo es siempre interpretable, pero desde dimensiones connotativas y hermenéuticas, que nos permitirán llegar a decifrar los significados y significaciones, es decir, los ejes de sentido e isotopías, de todas las acciones humanas; es por eso que la interpretación Del mito o Del rito debe ir mas Allá de las palabras y las acciones y sondear en La profundidad Del sentido que estos tienen. (ARIAS, 2002, p.20).

Para este trabalho foram selecionados signos e símbolos provenientes do pensamento não-ocidental como: a folha da maconha, a flor de lótus, o Tao (yin – yang), o filtro dos sonhos, o grão de arroz, o cristal, o sol e a lua. As razões pelas quais justificam a seleção dos mesmos são muitas, no entanto, é imprescindível dizer que está associado ao “caráter multireferencial”, pois todos esses conjugados a realidade social tem propiciado dar significado e ressignificar a identidade do movimento tanto no passado como no presente. Nesse sentido se pode fazer referência quanto ao que se denomina de historicidade tendo como base a dimensão histórico-cultural do grupo apesar de ser tão pouco considerado socialmente.

5.1 Representações simbólicas

A folha da maconha é pertinente a organização e de natureza estandarte. Não há dúvidas de que se trata de um dos componentes mais presentes, portanto, o de maior poder de persuasão no sentido de aglutinação.

O estudo em pauta permeia a realidade das principais funções do símbolo. Por quê? Por razões que convergem em direção a articulação destes como construtores de sentido, somente quem passa pela conduta interativa com mesmos sabe o quanto é fundamental conhecê-los. Não só a estética joga um papel preponderante, mas as possibilidades significativas da linguagem, bem como a probabilidade de entender a estratégias peculiares à

categoria. A colocação é válida como explicação no manejo das relações humanas, sejam materiais ou imateriais. Como entender, por exemplo, o processo em que sucedem os contatos com o público? Isto, tendo em vista a aproximação que pode ocorrer na forma de êxito ou de fracasso. Trabalha-se com as duas perspectivas em decorrência de uma comunicação bem sucedida ou de frustração. Haja vista, o que tem sido possível observar em termo de dialética no que tange uma cultura e outra. Quando se trata de sociedades complexas o desafio é maior, sobretudo quando se constituem fronteiras entre dois mundos.

O ato de “presentear” evoca um sentido para o grupo específico investigado, mas se o sujeito que recebe algum tipo de adorno não conhece o significado e a significação do elemento simbólico, certamente não estará apto a compreendê-lo. Tampouco se dará conta da importância que isso tem na relação de ambos, entre o público e o sujeito que investiga. Em direção a esse ponto, vale lembrar que tanto uma categoria como a outra passam por processos investigativos. Esta foi uma das descobertas relevante para a tese em questão. Na observação participante acontece que ao se partir para o campo ao invés de investigar ocorre que o investigador (a) acaba sendo investigado. Remonta o que se diz no popular quanto ao se ter o dia da caça e o do caçador. Aí é preciso paciência e destreza.

A experiência concreta de campo proporcionou um encontro inusitado com o símbolo da maconha, porém chegava a ficar intrigada com o que se apresentava à medida que sucedia a aproximação. Como compreender o motivo dos supostos presentes? Sobretudo este, quando não o interpretava como referência simbólica. Depois, os artesãos não externavam nada sobre o mesmo. Talvez como não os interpelasse, também nada acrescentavam com exceção do sigilo do nome de quem tinha a gentileza de passar o símbolo adiante e assim sucessivamente. O caminho até chegar à interpretação mais acertada só fora possível com as leituras antropológicas. Daí se tornou compreensível operar naquela realidade. Diante de outras circunstâncias o posicionamento já não foi mais o de antes, pois é agir era na linha intuitiva. Ao aparecer à oportunidade de livre escolha de um trabalho gratuitamente, a opção se deu no sentido do símbolo, aquilo repercutiu como uma chave para criar e fortalecer o vínculo com os demais integrantes em qualquer território. Mas a percepção conduzia a insistir no aprofundamento sobre o uso individual e social. O fato de até então não ter conhecido a maconha propriamente dita, soava incoerência adotá-la como adorno. Em razão disso, é viável dizer que aproveitar o momento oportuno é fundamental. O universo parecia conspirar a favor. O esperado se concretizou da forma mais desejada. A experiência se deu de maneira tranquila num ritual entre colegas de confiança e que tinham relações estreitas com o mundo

indígena e o artesanato. Tudo levava a pensar que o ciclo se completara, pois havia conseguido alcançar a captação interna do símbolo. A viagem em busca de autenticidade já não era mais sonho, mas realidade. Valeu à pena romper e se certificar sobre o que preconizou um artesão místico citado anteriormente. “Não é preciso ter medo de um cigarro de maconha”, dizia Cachoeira décadas atrás. Na verdade, ninguém é obrigado a aceitar um baseado. Uma alternativa é dizer que está noutra história. Se há insistência por parte de pessoas viciadas, fissuradas, que só “trampam” para consumir drogas é interessante atentar para a expressão a seguir: “Estou em todas as histórias, mas nesta não estou”. Sustenta Fabiana. A postura da citada artesã revela que existem alternativas, filosofias distintas no grupo. Nem todos estão de acordo ou não estão a fim de compartilhar a ideia.

A experiência de campo foi o tempo inteiro algo desafiador e, por consequência provocadora ruptura, quebra de barreiras, preconceito de tal modo que o indivíduo que se lança na pesquisa por inteiro jamais será a pessoa de antes, se assim se propuser. A convergência em direção ao símbolo propicia a leitura de uma relação simbólica.

Todo um percurso foi necessário para que fosse possível assimilar pelos menos parte da dimensão dialética do símbolo, bem como a sua função intermediadora que evocam as realidades mediatas e imediatas. Segundo Patricio Guerrero (2002, p. 21) “[...] entre la razón y lo que está allá de ella y su capacidad para entender esas otras dimensiones de la realidad y de la vida que no pueden ser explicadas solo racionalmente.

Ontem como hoje os artesãos de rua necessitaram de símbolos construtores de sentido e isso não se pode negar. Seguramente as representações no conjunto revelam a adequação dos símbolos no âmbito das novas referências, de ressignificação frente aos apelos dos tempos modernos, mesmo que a configuração não se mostre repetida em parte é compatível com os caracteres que serviram de base para construir de forma consistente sua alteridade.

Acerca disso convém assinalar que para atuar dentro desses espaços exige que o sujeito que estuda esteja aberto a linguagem mítico, pois as implicações nesse aspecto remetem ao tipo de cosmovisão e/ou mudança de ótica. Qualquer tentativa nesse esforço corresponde ao que seria um passo para compreender a força que impele o movimento seguir adiante. Para adentrar a realidade profunda do imaginário simbólico do segmento social em questão cabe citar, por exemplo, “a flor de lótus” como um dos símbolos, permite transcender aos limites do plano da vida real para perspectivas em nível superior. O que implicaria isso? Senão, atingir a comunicação para além da imagem significa, ou seja, estabelecer conexões

invisíveis e inesgotáveis. A experiência com o grupo social específico tem possibilitado refletir sobre como lidar com as diferenças, com as contribuições dos distintos mundos culturais. O referido símbolo tem a ver com o Budismo.

Vale a pena a averiguar um breve relato acerca da flor de lótus. Tomado conhecimento de maneira lúdica surgira então a ideia de perseguir algo mais verdadeiro a respeito de sua origem. Tudo começou quando uma colega havia lido uma revistinha esotérica e comentou que o conteúdo referente à mesma relacionava-se as pessoas nascidas no mês de novembro do signo de escorpião, o que despertou maior interesse. Daí o processo investigativo não mais parou, até que outra oportunidade surgiu entre os artesãos de rua, ali estava ela toda trabalhada em filigrana como adorno e conseqüentemente como fonte de referência, porém silenciosa. Nenhuma expressão verbal por parte dos membros do grupo sucedia, assim como ocorre com os demais elementos culturais em termo de simbologia. Ao avançar na pesquisa veio à confrontação com a parábola de Buda sobre as Flores de Lótus. Dentre os seus diversos aspectos, uma das peculiaridades que mais chamou atenção foi a de se tratar exatamente de uma flor que nasce na lama e ao se desenvolver nem todas alcançam a luz. Isto motivou ainda mais a busca pela originalidade e sua história. O certo é que associação do símbolo a personalidade e a cultura cujo pensamento é não ocidental acabaram sendo assumida com intimidade pela identificação com o mesmo, sua essência, seu sentido mais profundo. A mensagem simbólica é interessante do ponto de vista de uma espiritualidade budista, mas não apenas isso, também para quem se propõe a uma abertura e a percorrer um caminho totalmente outro, porque simplesmente não bate com a lógica da razão. Nesse caso, faz-se necessário reconhecer a qualidade analógica do símbolo como uma de suas características que viabiliza talvez melhor a explicação do fenômeno aqui exposto como parte do imaginário que não deixa de ser uma construção cultura, que abarca tanto o natural e o sobrenatural dando a conhecer a dimensão holística como superação de uma percepção de mundo fragmentada.

Si el signo corresponde al mundo físico, el símbolo corresponde al mundo de la cultura, pues es una construcción cultural, que una sociedad há sido capaz de producir para dar se um sentido para su existencia, y por lo tanto implica que quienes Forman parte de una determinada cultura, deben conocer los significados y sus significaciones para poder operar em La realidad y tener um sentido de su ser y estar no mundo, pues los símbolos al ser fuentes de sentido, hacen posible que podamos asignar significados y significaciones, a los procesos, hechos, fenómenos que nos ofrece La realidad de La naturaleza e dela sociedad. (ARIAS, 2002, p. 15) ¹⁷.

¹⁷ Niveles de lectura de Le realidad

Acerca desta relação entre metades mostra que o vínculo estabelecido por esse canal quando acontece de maneira positiva favorece a interação, porém o que ocorre é que nem sempre a experiência vista por esse ângulo se dá de imediato, exige tempo, dedicação paciência, sensibilidade, interesse entre partes e outros ingredientes que tornam o campo fértil para se fazer leituras conotativas da realidade. No que se relaciona aos aspectos de ordem metodológicos segundo Rosana Guber (2004, p. 177) “[...] la presencia directa y los límites del conocimiento inmediato, es posible precisar los alcances de la observación y la participación como dos vías específicas y los complementarias de acceso a lo real.

Ao se perceber que o símbolo cumpre a sua função social a pessoa que investiga observa que todo um universo se abre no que se refere à cultura. Nesse horizonte se deve ressaltar a importância de uma análise do contexto, ou seja, não convém estudar o símbolo de forma isolada, todo um conjunto deve ser levado em conta. A proveniência dos mesmos como tipicamente não-ocidental é pertinente ao processo investigativo. Em que implica isso? Entrar em contato com a fundamentação intencional por necessidade de confrontação política da sociedade industrial da época na qual surgiu o movimento hippie dos anos sessenta. Os signos e símbolos da atualidade não deixam de ser um dos componentes de apropriação por parte dos artesãos de rua de hoje. Ao passo que estes elementos culturais em sua originalidade serviram de arma para combater a guerra do Vietnã. No entanto hoje, é preciso ressaltar que pelo menos parte de sua essência acabou sendo comprometida pelo sistema no que se relaciona ao uso como ferramenta na maioria das vezes de consumo, onde pouco se sabe sobre seu significado.

Toda esta simbologia selecionada está em quase toda parte, seja no sentido de ordenar como de desordenar, quanto a este último se considera a apropriação e instrumentalização. O certo é que de uma forma ou de outra estão inter-relacionados com a cultura ocidental dominante. Acenar em direção a essa realidade evoca o pensamento de um dos artesãos mencionado no primeiro capítulo, sem dúvida um sujeito crítico, natural da Argentina em comunidade no centro histórico em de São Luís. Sua argumentação acerca de mundo em decadência leva a crê que a fazer referência ao tema do artesanato não isentava a crise no universo simbólico estava subentendido a ação globalizante do mercado. Pelo menos parte dos membros do grupo que se efetua a investigação não tem grandes motivações mercadológicas. Eis a razão de problematizar sobre o conteúdo representativo da categoria dos que estão na rua através da cultura e da arte.

Em tempos de globalização é, por demais, complicado falar de resistência tendo em vista as forças macro que atravessam bruscamente territórios até então nunca visto ou tocado. Todavia, não se trata de descartar a luta por recuperar o sentido que remete a experiência profunda na lógica em que pesam as simbologias nos distintos mundos culturais e com os artesãos de rua não tem sido diferente em termo de impactos, apesar de não se encontrarem centralizados, mas de certa forma descentralizados. Quem sabe, a concepção distinta de território conjugada aos demais conceitos que conformam a cultura não seja a fonte estratégica que garante a permanência destes como segmento organizado a partir de uma dinâmica que os propicia ser diferente e assegurar seus valores mais intrínsecos ao movimento.

O Tao (yin-yang) soma-se ao conjunto dos símbolos com os quais os membros da cultura selecionada estabelecem relações cujas características despertam o sentido de pertença e identidade. Trata-se de um símbolo não ocidental de função interessante pela dimensão holística, permite explicar a realidade de forma equilibrada.

O Tao, ou caminho, pode ser visto, aqui, como o amor. Sua presença é como um lago que a vida teria gerado em nosso benefício, no qual todos vamos nos banhar. Banhamos-nos constantemente nesse lago, mas nem sempre temos consciência dos benefícios que ele nos proporciona. (DUNN, 2003, p. 31).

Discorrer sobre esse assunto de um jeito mais detalhado segue sendo uma necessidade para compreender o pano de fundo das relações simbólicas quem inspiram os discursos e práticas dos artesãos de rua.

A organização enquanto grupo social se manifesta através dos tempos por meio de um percurso próprio e por que não dizer combativo, só que a partir de uma modalidade distinta. Se de um lado, na maioria das vezes está submetido a pesadas críticas, de outro tem despertado a curiosidade de estudantes, intelectuais, profissionais entre outros segmentos sociais. Qual motivo justificaria o comportamento dos sujeitos interessados? Além do interesse científico, é provável que esteja ligado àquilo que muita gente almeja ter, uma mente livre, viver o alternativo, o sonho etc. Porém, supostamente tal público fica preso ao sistema e/ou a um falso conforto favorecido pelo capitalismo, portanto, param no discurso ou limitam-se ao imaginário de uma viagem que possivelmente nunca irá acontecer, como se ficassem assistindo a caravana passar. Isso é para dizer que os símbolos e, sobretudo este selecionado serve para explicar o sentido da harmonia, da busca da perfeição. Faz parte da filosofia de vida da categoria.

A presente abordagem acerca do símbolo selecionado não está ligada a dá uma definição completa do Tao nem seria coerente conceituá-lo tendo em vista que pertence a outro universo cultural cujo sentido profundo não está ao alcance de quem não é membro da cultura. A pretensão aqui se destina apenas algumas considerações com intuito de discutir em torno do tema como parte da simbologia selecionado para este trabalho.

[...] um Tal da natureza, da cultura, do espírito; um Tao do começo, do meio e do fim... Já isso nos mostra que Tal é entendido como inapreensível, porém, não obstante, penetra tudo. Antes de Confúcio, o Tao ainda era um símbolo para os ideais humanos, e mesmo Confúcio quase nunca o empregou no sentido genérico. (Kung, 2004)

A gênese está ligada a sabedoria chinesa, logicamente não pertence ao ocidente, porém como os demais símbolos não escaparam da ocidentalização quase como algo inevitável quando colocado no panorama da mundialização. Embora, o que se discute tenha tudo a ver com o contexto no qual está inserido. A pergunta é: Como se ocidentalizou? Para responder de maneira insofismável, o fenômeno se explica pelas relações que se criaram forçadamente pelas circunstâncias da vida, seja por situações de insurgência pela qual o grupo em questão busca como ideal de superação e, portanto se apoiam de forma a se apropriar com elementos de consistência pertencente a uma cultura distinta como motivação e sustentação de conexões que dão sentido ao viver.

O filtro dos sonhos está entre um dos “símbolos” de maior simpatia do público. A origem é nativa norte-americana conhecido como o *dreamcatcher*. O artesão de rua que tem domínio da técnica de sua elaboração já tem parte da viagem garantida, pode viajar com certa tranquilidade, segundo os integrantes do grupo. Sua mística é profunda. Os adeptos a essa simbologia acreditam que tem poder de cura por consequência influenciar nas boas e más energias durante o tempo dos sonhos. Pelo menos é o que trivialmente se sabe e sua função está estreitamente vinculada a esse pensamento místico. A dimensão sígnica do mesmo tem implicações no sentido de afastamento daquilo que não é bom e a incidência do sol sobre o signo tem efeito de purificação. Nesse segmento uma descrição, faz-se necessária.

O aro do filtro é a roda da vida, e a teia que tecemos são nossos sonhos, não somente os sonhos que temos quando em contato com o Tempo do sonho, mas também os sonhos da nossa alma, e o mundo de energia em movimento com o qual lidamos no nosso dia-a-dia. O centro da teia, é vazio, o Espírito Criador, o Grande Mistério. Enfim, explicações têm muitas, mas devemos sempre lembrar que estes “objetos”

não são simples objetos decorativos, eles são instrumentos de poder, são medicinas. Existem inclusive, vários tipos de teia. Os Chippewa utilizam uma teia muito similar a da aranha, em espiral, sendo que a sustentação desta teia em espiral está em 8 fios que correspondem às oito direções sagradas. Já os cherokees, trabalham com um filtro mais simples onde há apenas uma pedra, geralmente no centro da teia, e uma única pena pendendo sobre ele, pois acreditam que o filtro não pode ser muito “carregado” de objetos e penduricalhos para não desvirtuar sua função. Há ainda tradições que trabalham com o filtro na posição horizontal. Mas enfim, cada tradição tem o seu modo de confeccionar esta medicina. O interessante é que esta medicina surgiu em várias tribos que não mantinham contato direto com as outras, e vamos encontrar uma série de lendas a respeito disto. (MENKAIKÁ, 2004 P. 1)

É bem verdade que é considerável a migração de histórias que não batem verdadeiramente com a essência verdadeira do filtro dos sonhos. O certo é que o referido símbolo enquanto elemento cultural acabara se tornando parte do universo simbólico dos artesãos de rua. Não só esse componente mencionado, mas assim entre outros segmentos selecionados como o cristal, o sol e a lua completam a teia de sentido místico no campo que evocam as energias que se conectam em detrimento de um tecido universal harmonioso. Para quem está na lógica do alternativo, de uma opção de vida que não bate com a velocidade dos tempos modernos. Agora, quanto ao grão de arroz, vale dizer de sua proveniência oriental de sentido também místico, remete ao campo da espiritualidade budista como prática de meditação que veio substituir o uso da semente da maconha de caráter ritual. Além disso, pouco se acrescenta em relação ao conteúdo desta categoria simbólica. Atualmente os artesãos carregam consigo a missão de despertar consciência através da cultura e da arte, como prática insurgente. Claro que exige paciência histórica.

O cristal como elemento da natureza tem uma estética bem interessante e em razão disso, é muito procurado. Porém seria, por demais, limitado discorrer sobre este apenas do ponto de vista material enquanto que a investigação se propõe a adentrar a realidade mais profunda e de um campo vasto de simbologia. A experiência com o aparente objeto se dá na linha da percepção de influência positiva, seja no sentido de recuperar a saúde, colocar o outro indivíduo no plano de uma comunicação transcendental, entrar em sintonia mesmo quando não se está próximo, sobretudo quando se trata de alguém que parte sem ter, contudo a possibilidade de retornar ao território temporariamente construído. A mística permeia infinitos mundos.

Para melhor detalhamento acerca do cristal se retoma aqui de maneira oportuna experiência pessoal da autora na relação com os artesãos. O ritual de iniciação aconteceu por ocasião da aproximação com Antônio Cachoeira artesão, agrônomo e naturalista, já

mencionado nos capítulos anteriores. Tudo começou quando Cachoeira percebeu a necessidade de colaborar na revitalização das energias da pessoa que acabara de conhecer, também se tratava de um jeito de manter-se conectado com a colega e conseqüentemente com o restante do planeta. Daí em diante as coisas foram acontecendo paulatinamente. A inserção sucedia de forma silenciosa, o sentido não era revelado, tampouco se sabia sobre o seu significado e sua significação. A princípio alguns encontros foram combinados em lugares próximo da natureza como o Horto Florestal; a cachoeira do Bota Fora, pouquíssimo freqüentada, somente por nativos pelo difícil acesso; Sete Cidades e outros desta natureza. Ao ser passado o cristal de aproximadamente 9 cm, o intuitivamente ia percebendo que aquilo devia permanecer em contato direto com a pessoa. Depois a observação em torno do cristal levava a crê que o foco dos pensamentos girava em uma direção distinta, a sensação era a de reorientação. A descontaminação até mesmo no que tange aos conteúdos abordados fazia parte do processo de limpeza.

O sol e a lua fazem parte do conjunto de símbolos selecionados para este fim. Vale acrescentar que as sensações descritas no panorama acima coincidem com a parte que toca a ambos os símbolos. Indubitavelmente, um sujeito que se mete na velocidade dos tempos modernos acaba perdendo o contato com o mundo natural. Tal ruptura tem trazido o afastamento até mesmo do que é sagrado. Implica numa perda de referência que tem como resultado o tombamento para o caos. Na verdade, a falta de flexibilidade, de abertura não permite que o indivíduo vivencie experiências místicas ou uma opção por um viver diferente do que o sistema capitalista forja. Para o homem moderno pode parecer banal o fato de se posicionar de forma contemplativa em direção ao pôr do sol ou as noites de lua clara. Tão importante quanto isso é deixar-se conduzir pela emoção como caminho para libertação de qualquer fadiga de caráter espiritual ou social. Com Antônio Ursoli foi possível tomar como testemunho e saber que tudo isso é imprescindível para se seguir vivendo, porém exige que a postura seja radical perante as forças do capital.

5.2 Uma figura exemplar

Quanto ao tema pertinente deste capítulo não poderia deixar de citar Bob Marley e o significado que este tem para o grupo social em decorrência da investigação. O que resulta da participação observante, é que se trata de um mito ou ainda uma pessoa que em vida se revelou místico e de um potencial político-revolucionário. De maneira insofismável é preciso externar que discorrer sobre mística não implica em uma tendência cheia de frescura,

conforme se costuma estabelecer em termo de comparativo do tipo que evoca fanatismo religioso carismático de fé católica ou protestante alienados. Cada povo em sua cultura carrega consigo uma mística distinta ou mística nenhuma, por opção ou razões que não se sabe. No que diz respeito à sociedade moderna, por exemplo, sem generalizar é predominantemente vazia, individualista, fragmentada tampouco preocupada com a mística no seu sentido mais pleno. A constatação desta realidade conduz a interpretação de um déficit simbólico considerável. Com isso, não se descarta que a existência de um conteúdo mítico moderno de peso que arrasta a humanidade para outra direção.

O delineamento acerca da intensidade de Bob Marley no contexto assinalado mostra a influência que o mesmo tem para o atual movimento de maneira determinante, portanto, fundamental e sugestivo. Vale a pena aferir, seja no que se refere à história, o cotidiano, o artesanato, os expositores (painéis com imagem de fundo de tela), os adornos para o corpo (brincos, colares, pulseiras, boinas, roupas, etc), a pintura corporal (tatuagens), a fé, a ideologia, o traje, a filosofia, a música reggae e o rock), o cabelo rastafári, a cultura, enfim. Tudo que é *roots* lembra Bob como expressão de raiz. Assim, fica difícil ignorar qualquer símbolo relacionado à personalidade do artista.

Sem pretensões de idealizar, mas apenas realçar enquanto categoria a marca de um sujeito que está por toda parte nos diferentes territórios, onde os artesãos de rua constroem suas comunidades, seus discursos e aprimoram a sua prática. A dinâmica enquanto esforço humano dá sustentação ao legado de um rasta. A convicção dos membros do grupo os leva a ser ousados na pintura de estilo artesanal sem se preocupar com uma sofisticada técnica. O que se pode fazer para trazer o mito a público se faz. Existem artesãos que suportam o peso de suas mochilas, desde que sejam as camisas personalizadas do citado rasta. Paralelo ao artigo (artesanato) que costumam expor a imagem de Bob Marley aparece em destaque.

A comunicação não é baseada no discurso típico da propaganda abusiva de conteúdo mercadológico. Neste caso, o símbolo fala por si mesmo, sem intenção de agredir, isso faz toda a diferença. Tanto que a simpatia pelo mito parte das etnias mais marginalizadas, o que mostra o quanto a linguagem é acessível. Não há dúvidas de que a identificação com Bob esteja ligada a sua mensagem de vida, de transformação social em detrimento da dignidade humana na perspectiva pluricultural.

CONCLUSÃO

Quanto à constatação dos resultados da presente investigação, mostrou que os artesãos de rua de Piripiri constitui uma reação politicamente insurgente em relação ao paradigma de mercado global neoliberal. Esta afirmação está estreitamente relacionada ao objetivo geral desta pesquisa, que trata de identificar o artesanato como resposta de organização frente à exclusão social.

A averiguação mais detalhada em volta dos objetivos específicos e das perguntas que motivaram todo o processo investigativo tem como consequência indicadores que revelam, que citado grupo nem no passado nem no presente, não entrou na lógica da mundialização dos tempos modernos em que pesa o modelo de economia ocidental, de acumulação de riquezas e de um consumo ilimitado. Talvez, por isso, é que os membros desta cultura em questão tenham despertado tanta estranheza a população não itinerante, que os vê com preconceito. Diante disso, é imprescindível refletir sobre as aprendizagens que se dá em torno da temática levantada neste estudo.

A antropologia como ciência aplicada tem se constituído uma importante chave de leitura no enfrentamento dos desafios em detrimento da desconstrução de posturas etnocêntricas. A categoria integra o conjunto das populações colocadas á margem por não estarem ajustados ao modelo de sociedade vigente, assim como outros grupos étnicos, que sofrem com estigmatização. É preciso dizer claramente que a ideologia dominante não bate com a filosofia de vida deste segmento étnico selecionado, ou seja, com o seu cotidiano e seus sistemas de significados. Nesse sentido se faz necessário reafirmar aqui, que na linha dos saberes os artesãos de rua reagem frente às adversidades da vida a partir de sua própria construção cultural. Apesar de sofrerem uma serie de restrições por parte do sistema capitalista, tampouco estão preocupados em se projetarem socialmente. O testemunho do grupo através da cultura e da arte, de forma despojada, tem revelado que é possível ser feliz mesmo na informalidade.

É fundamental salientar que a investigação acontece num contexto extremamente desafiador e contraditório. Vale à pena ressaltar, por exemplo, que certas reações manifestadas e, por vezes, incompreensíveis aos olhos desta autora encontram razão de ser quando se busca adentrar na ótica dos atores sociais, os quais estão constantemente

ameaçados pela ação globalizante que insiste em homogeneizá-los. Por esse motivo, é que ao longo da pesquisa de campo procurou-se atentar para as estratégias que permitem a estes sujeitos suprirem suas necessidades mais elementares. Todavia concretizadas por meio de suas representações, discursos e práticas. Os estudos realizados até então deixa transparecer que apesar de estarem organizados de um jeito diferenciado não estão desprovidos de senso de organização, que lhes possibilitem ter o seu desempenho sociocultural. Embora isto ocorra de forma tácita não significa que não estejam reagindo. Talvez por configurar-se através deste comportamento acaba por confundir o público, que reage e julga ao seu modo. Indivíduos pertencentes ao sacerdócio costumam dizer que a categoria é acomodada, por entenderem que não contribuem para a transformação da sociedade. Tirar conclusões desta natureza frente a esta realidade concreta requer perspicácia. Com base nisso, a prioridade foi estabelecer uma relação de cuidado a o risco de cair no senso comum, o que resultaria num trabalho investigativo nada crítico e de uma consciência simplista.

A problematização acerca do que pensa os não nômades em relação à população nômade e seminômade foi no sentido de manter a coerência no que diz respeito ao achado como ponto comum e as diferenças naquilo que prefigurou o movimento hippie de ontem e a conformação dos artesãos da atualidade. A configuração dos membros da cultura itinerante de hoje em parte é distinta, mesmo porque não são filhos da burguesia, porém estão na rua como alternativa de sobrevivência. No entanto ambos têm em comum uma forma de manifestação pacífica. Tendo em vista que as culturas mudam e a dinâmica do passado já não responde com a mesma intensidade aos desafios de hoje a reflexão não pode ser fechada, mas aberta as mudanças. Ao se apropriarem de elementos típicos do passado reinventam o seu próprio modelo de sociedade e autodefinição. Outro aspecto observável e relevante na abordagem dos artesãos de rua de Piripiri é, sem dúvida, a educação que acontece na rua tendo o artesanato como linguagem. Nesta modalidade se diferenciam pela opção de leis menos rígidas em seu tecido social. Em volta deste detalhamento o que se quer é chamar atenção para um viver mais pleno, quando se leva em conta a lógica de tempo não capitalizado. Com isso não se esconde que no cotidiano da rua também tem seus desencantos. Portanto, avaliar as aprendizagens no entorno deste campo temático perpassa os eixos de sentido que os motiva a seguir em frente reinventando a luta social através da cultura. A teoria da reconstrução da análise social se tornou essencial para interpretação das subjetividades dos sujeitos investigados em seu processo cultural.

O foco desta investigação é o artesanato. Descobrir porque o artesanato se mostra como uma economia insurgente de uma economia de mercado global. E, isso implica em conhecer os valores independentes aos da sociedade não itinerante de hábitos fixos (tendência ao sedentarismo). Por esse motivo é fundamental a aproximação do sentido originário dos símbolos contidos no universo simbólico deste segmento especificado dos artesãos de rua. Para compreendê-los se faz necessário saber como lidam com tais elementos de fundamento educacional e espiritual que regem as relações sociais mais livres. Por exemplo, como funcionam as redes de solidariedade e reciprocidade em tempos e espaços produtivos. Certamente reside aqui a energia que os move em direção à resposta ou enfrentamento do mercado global neoliberal de temperamento agressivo.

Assim sendo, a contribuição teórica para as gerações futuras está no sentido de uma reorientação que contemple o diálogo entre as diferenças e elevação do nível de consciência. Basicamente são estes os dois pilares. Para que possa tornar possível o combate às formas acentuadas de intolerância, não só em relação ao grupo abordado nesta tese, mas também no que se referem aos demais grupos étnicos. A contribuição não seria por excelência se não levasse em consideração a diversidade dos distintos contextos dos povos estigmatizados por circunstâncias históricas, políticas econômicas e religiosas. Na maioria das vezes caracterizadas e determinadas pelas situações de migrações forçadas fomentadas por fenômenos acelerados.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Patricio Guerrero. **Antropologia Simbólica**. Centro de ediciones de la Facultad de CC. HH. Quito, marzo 2002.

_____. Patricio Guerrero. **Guía Enográfica**: Para la sistematización de datos sobre La diversidad y la diferencia de las culturas. UPS-Quito. Abya-Yala

_____. Patricio Guerrero. **La Cultura**: Estrategias conceptuales para comprender la identidad, la diversidad y la diferencia. UPS-Quito. Ediciones Abya- Yala.

BURIN, Mabel; MELER, Irene. **Genero y Família**: Poder, amor y sexualidad en la construcción de la subjetividad. Ibérica AS: Ediciones Paidós, 1998.

CHIRIBOGA, Bolívar. **Semiótica**: Las funciones de todo language y la transmisión cultural. Centro de Ediciones de La Facultad de CC.HH. y de La Educación, marzo a agosto de 2003.

CLIFFORD, James. **Culturas viajeras**: Itinerarios transculturales. 1. ed. Barcelona: Gedisa, 1999.

COUTINHO, Reinaldo. **Desvendando Sete Cidades**. Timon, edições Tur. Troya. 2000.

DUNN, Philip. **A arte da Paz**: equilíbrio e conflito em A arte da guerra, de Sun-tzu. Tradução: Wanderson C. de Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência Aprisionada**. Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Atmed, 1991.

GUBER, Rosana. **El Salvaje Metropolitano**: Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2004.

KUNG, Hans. **Religiões do Mundo**: Em busca dos pontos comuns. Tradução: Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus Editora, 2004.

MELO, Cléa Resende Neves de. **Memórias de Piripiri**. 2. ed. Brasília: COMEPI, 2001.

MENDES, George. **Piripiri**: uma história que emociona. Disponível em: www.vejapiripiri.com/.../Judith-santana-uma-vida-dedicada-a-história-de-piripiri.html-Em cache. Acesso em: 03 de outubro 2010.

MENKAIKÁ, Tatiana. **Terra Mística: Xamanismo e Cultura Nativa**. Dreamcatcher. Filtros dos Sonhos. Disponível em: www.terramistica.com.br/index.php?add=Artigos&file=print&sid=254. Acesso em: 16 de abril de 2009.

NANDA, Serena. **Antropología Cultural: Adaptaciones sócio culturales**. Quito: Instituto de Antropología Aplicada, 1994.

ROSALDO, Renato. **Cultura y Verdad**. La Reconstrucción del análisis social. Abya-Yala. Quito, 2000.

ANEXOS









Eu vejo a vida melhor no futuro
 Eu vejo isto por cima de um mundo de
 hipocrisia, que insiste em nos rodar
 Eu vejo a vida mais clara e pura, ne-
 plata de toda satisfação, que se tem
 direito, do firmamento ao chão.
 Eu quero crer no amor, uma boa
 Que isto valha pra qualquer pessoa,
 que realizam, a paixão que tem uma
 paixão.
 Eu vejo um novo começo de era, de
 gente pura, elegante e sincera,
 com habilidade, pra dizer mais sim
 do que não.
 Hoje o tempo vem, amor, escorra
 pelas mãos, mesmo sem se sentir,
 que não há tempo que volte, amor.
 Vamos viver Tudo que há pra viver.
 Vamos nos permitir.









